



romance vencedor  
do Booker Prize

# Amsterdam

Ian McEwan

---

COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*A Jaco e Elisabeth Groot*

*Os amigos que aqui se encontraram e se abraçaram já  
partiram,  
Cada qual rumo a seu próprio erro;*

W.H. Auden, "The Crossroads"

# 1.

Do lado de fora da capela do crematório, dois ex-amantes de Molly Lane aguardavam dando as costas para a fria aragem de fevereiro. Tudo havia sido dito antes, mas disseram outra vez.

“Ela foi apanhada totalmente de surpresa.”

“Quando percebeu, já era tarde.”

“Chegou rápido demais.”

“Coitada da Molly.”

“É...”

Coitada da Molly. Começou com um formigamento no braço ao erguê-lo na porta do Dorchester Grill para fazer parar um táxi: a sensação jamais foi embora. Poucas semanas depois, tartamudeava ao dar nome às coisas. *Parlamento*, *química* e *hélice* eram perdoáveis, mas não *cama*, *creme* e *espelho*. Só após o desaparecimento temporário de *rosmarino* e *bresaola* buscou um aconselhamento médico, na esperança de ser tranquilizada. Em vez disso, recomendaram-lhe que fosse fazer exames e, em certo sentido, ela nunca mais voltou. Em pouco tempo a vibrante Molly se viu confinada num quarto de doente, prisioneira de George, seu marido casmurro e possessivo. Molly, crítica de gastronomia, mulher bela e espirituosa, fotógrafa, a ousada jardineira que fora amada pelo ministro das Relações Internacionais e ainda era capaz de dar um salto-mortal de lado aos quarenta e seis anos de idade. A velocidade de sua queda na loucura e na dor havia se tornado motivo de mexericos generalizados: a perda de controle das funções fisiológicas e, com isso, de todo o senso de humor, seguida do mergulho progressivo na confusão mental intercalado por episódios de violência infrutífera e gritos abafados.

A visão de George saindo da capela fez com que os amantes de Molly se afastassem mais pelo caminho de cascalho salpicado de ervas daninhas. Foram parar no meio de canteiros ovais de rosas com uma tabuleta que dizia jardim da recordação. Cada roseira tinha sido cruelmente cortada alguns centímetros acima do chão gelado, prática que Molly costumava deplorar. O gramado estava coalhado

de guimbas amassadas, pois as pessoas ali se reuniam esperando que, terminada a cerimônia de cremação anterior, seus participantes abandonassem o prédio. Andando de um lado para outro, os dois velhos amigos retomaram a conversa que, de formas variadas, haviam tido cinco ou seis vezes antes mas que lhes trazia mais consolo do que cantar algum hino religioso.

Clive Linley tinha conhecido Molly em 1968, quando eram estudantes e moravam numa casa caótica no Vale of Health na qual as pessoas entravam e saíam constantemente.

“Uma maneira terrível de se despedir da vida.”

Ele observou seu hálito vaporizado se perder no ar cinzento. A temperatura na área central de Londres era de onze graus abaixo de zero. Onze abaixo. Havia algo extremamente errado com o mundo cuja culpa não podia ser atribuída nem a Deus nem à Sua ausência. A primeira desobediência do homem, a Queda, uma figura caindo, um oboé, nove notas, dez notas. Clive tinha o dom do ouvido absoluto e as ouviu descendo a partir da nota sol. Não era necessário escrevê-las.

Prosseguiu: “Quer dizer, morrer assim, sem estar consciente de nada, como um animal. Diminuída, humilhada antes de poder tomar providências ou mesmo se despedir. A coisa foi chegando sorratamente, e então...”

Deu de ombros. Chegaram ao fim do gramado pisoteado e deram meia-volta.

“Ela teria se suicidado para não acabar assim”, disse Vernon Halliday. Viveram juntos durante um ano em Paris, em 1974, quando ele conseguiu o primeiro emprego na Reuters e Molly fazia uma coisa ou outra para a *Vogue*.

“Morte cerebral, e nas garras do George”, disse Clive.

George, o triste e rico dono de editoras que a idolatrava e, para surpresa de todos, não fora abandonado por Molly embora ela sempre o maltratasse. Ambos olharam agora para onde ele se encontrava, perto da porta, recebendo os pêsames de um grupo de pessoas. A morte de Molly o fizera escapar do desprezo geral. Ele parecia haver crescido uns quatro a cinco centímetros, as costas estavam mais empertigadas, a voz ficara mais profunda, uma recém-

descoberta dignidade estreitara seus olhos cúpidos e suplicantes. Recusando-se a mandá-la para uma clínica, havia cuidado dela pessoalmente. O que é mais importante, nos primeiros dias, quando as pessoas ainda queriam vê-la, George selecionava os visitantes. Clive e Vernon foram estritamente racionados porque se considerava que eles a excitavam e, mais tarde, a deprimiam por conta de seu estado. Outra figura masculina relevante, o ministro das Relações Internacionais, também era *persona non grata*. Os conhecidos começaram a cochichar, surgiram referências veladas em colunas sociais. E então tudo isso deixou de ser importante, ficou-se sabendo que ela estava horrivelmente mudada; ninguém queria vê-la assim e todos ficaram felizes de que George lá estivesse para impedir as visitas. Clive e Vernon, no entanto, continuavam a ter prazer em odiá-lo.

Ao darem nova meia-volta, o celular tocou no bolso de Vernon. Ele se desculpou e deu um passo para o lado, deixando que o amigo seguisse sozinho. Clive apertou o sobretudo em torno do corpo e caminhou mais devagar. Devia haver agora mais de duzentas pessoas vestidas de preto do lado de fora do crematório. Em breve seria grosseiro não ir até onde estava George e lhe dirigir algumas palavras. Por fim a conquistara, quando ela já não reconhecia nem mesmo seu rosto no espelho. Nada pôde fazer em relação aos casos que ela teve, mas, no final, Molly foi toda sua. Clive estava perdendo a sensação nos pés e, ao bater com eles no chão, o ritmo lhe devolveu a sequência das dez notas cadentes, *ritardando*, um *cor anglais* e, em contraponto, violoncelos subindo baixinho num movimento espelhado. O rosto dela no espelho. O fim. Tudo que ele desejava naquele instante era o calor e o silêncio de seu estúdio, o piano, a partitura inacabada — e chegar ao fim. Ouviu Vernon dizer em despedida: “Muito bem. Reescreva o resumo de introdução e ponha na página quatro. Chego aí dentro de algumas horas”. E então disse a Clive: “Malditos israelenses. Temos que dar uma chegada lá”.

“Acho que sim.”

Em vez disso, porém, deram mais uma volta no gramado, porque, afinal de contas, lá estavam para se despedir de Molly.

Com um visível esforço de concentração, Vernon resistiu às ansiedades de seu escritório. “Ela era adorável. Lembra-se da mesa de sinuca?”

Em 1978, um grupo de amigos alugou uma grande casa na Escócia para passar o Natal. Molly e o homem com quem ela vivia na época, um Promotor da Rainha chamado Brady, fizeram uma encenação de Adão e Eva em cima de uma mesa de sinuca fora de uso, ele de sunga, ela de calcinha e sutiã, um fancho servindo de cobra e uma bola vermelha de maçã. No entanto, a história que sobreviveu e constou na nota de falecimento de um jornal, sendo assim lembrada até por alguns que haviam testemunhado a cena, foi que Molly “dançou nua em cima de uma mesa de sinuca num castelo escocês”.

“Uma mulher adorável”, Clive repetiu.

Molly tinha olhado diretamente para ele ao fingir que mordida a maçã, rindo de um jeito lascivo enquanto mastigava, uma das mãos pousada no quadril saliente parodiando uma prostituta no melhor estilo do teatro de revista. Ele entendeu ser um sinal, aquele olhar fixo, e, tiro e queda, em abril estavam juntos outra vez. Ela se mudou para o estúdio em South Kensington e lá ficou até o fim do verão. Nessa época, a coluna que escrevia sobre restaurantes estava deslançando, e foi também quando ela denunciou na televisão o guia Michelin como “o mau gosto invadindo a boa mesa”. Clive tivera então igualmente sua primeira grande chance, ao serem tocadas no Festival Hall as *Orchestral Variations*. Naquela ressurreição amorosa, Molly provavelmente não havia mudado, mas ele sim. Passados dez anos, aprendera o bastante para deixar que ela lhe ensinasse alguma coisa. Ele sempre pertencera à escola do quanto mais, melhor. Ela o instruiu sobre a sexualidade furtiva, a necessidade ocasional de permanecer imóvel. Fique parado, assim, olhe para mim, realmente olhe para mim. Nós somos uma bomba de efeito retardado. Ele tinha quase trinta anos, pelos padrões de hoje alguém que chegara tarde ao sexo. Quando ela encontrou um lugar para morar e fez as malas, ele a pediu em casamento. Ela o beijou e recitou pertinho de seu ouvido: *Tanto fez que se casaram/ Pra que ela não se fosse/ Mas os anos se passaram/ E acabou-se o que era*



*doce*. Molly tinha razão, pois, quando ela se foi, ele se sentiu mais feliz do que nunca por estar sozinho, compondo em menos de um mês as *Three Autumn Songs*.

“Você aprendeu alguma coisa com ela?”, Clive perguntou de repente.

Em meados da década de 1980 Vernon também tivera sua segunda oportunidade, durante as férias passadas numa mansão na Úmbria. Naquele tempo, ele servia como correspondente em Roma do jornal onde agora era editor, sendo então um homem casado.

“Nunca me lembro da parte sexual”, ele respondeu após uma pausa. “Tenho certeza que era brilhante. Mas me lembro de que me ensinou tudo sobre cogumelos selvagens, como colher, como cozinhar.”

Clive presumiu que isso era uma evasiva e decidiu também não fazer confidências. Olhou na direção da entrada da capela. Teriam de ir até lá. Surpreendeu-se ao dizer com veemência: “Você sabe, eu deveria ter me casado com ela. Quando começou a afundar, eu a teria matado com um travesseiro ou algo assim, para que ninguém sentisse pena dela”.

Vernon riu enquanto conduzia o amigo para fora do Jardim da Recordação. “Fácil de dizer. Posso te ver compondo hinos para serem cantados pelos prisioneiros no pátio de exercícios, como aquela sufragista... Como é mesmo que ela se chamava?”

“Ethel Smyth. Eu ia fazer coisa bem melhor que as porcarias que ela fez.”

Os amigos de Molly presentes ao funeral teriam preferido se reunir longe de um crematório, porém George deixara claro que não haveria nenhuma cerimônia religiosa. Não queria ouvir aqueles três ex-amantes compararem suas notas em público, do púlpito das igrejas de St. Martin ou St. James, ou mesmo trocando olhares durante a fala dele. Ao se aproximarem, Clive e Vernon foram envolvidos pela algaravia típica dos coquetéis. Não havia bandejas com taças de champanhe nem as paredes de um restaurante para lançar o som de volta, mas, exceto por isso, todos poderiam estar participando de mais uma noite de autógrafos ou da inauguração de mais uma exposição. Tantos rostos que Clive nunca vira à luz do dia,

com uma aparência terrível, tal qual cadáveres postos de pé para dar as boas-vindas à recém-morta. Revigorado por esse toque de misantropia, ele se moveu agilmente em meio à algazarra, ignorando seu nome ao ser chamado, afastando o cotovelo quando agarrado, até chegar ao lugar onde George conversava com duas mulheres e um velhinho encarquilhado com um chapéu de feltro mole e uma bengala.

“Está frio demais, temos que ir embora”, Clive ouviu alguém falar em voz alta, mas por enquanto ninguém conseguia escapar à força centrípeta de um evento social. Ele já se perdera de Vernon, laçado pelo proprietário de um canal de televisão.

Por fim Clive se viu apertando a mão de George num simulacro razoável de sinceridade. “Foi uma cerimônia maravilhosa.”

“Foi muito gentil de sua parte ter vindo.”

A morte de Molly o enobrecera. A postura grave e reservada não fazia realmente o seu gênero, que no passado tinha sido um misto de carência e melancolia; ansioso para que gostassem dele, mas incapaz de aceitar a amizade como algo normal. O fardo das pessoas imensamente ricas.

“E, me desculpe”, ele acrescentou, “essas são as irmãs Finch, Vera e Mini, que conheciam Molly desde os tempos de Boston. Clive Linley.”

Trocaram-se apertos de mão.

“O senhor é o compositor?”, perguntou Vera ou Mini.

“Sou, sim.”

“É uma grande honra, senhor Linley. Minha neta de onze anos estudou sua sonatina para o exame de violino, e realmente a adorou.”

“É muito bom saber disso.”

A ideia de que crianças tocavam sua música o fez se sentir ligeiramente deprimido.

“E este”, disse George, “também dos Estados Unidos, é Hart Pullman.”

“Hart Pullman. Finalmente. Lembra-se de que eu compus um arranjo para orquestra de jazz de seus poemas *Rage*?”

Pullman era um poeta *beat*, o último sobrevivente da geração de Kerouac. Parecia um lagarto enrugado e tinha dificuldade em dobrar o pescoço para encarar Clive. "Hoje em dia não lembro de porra nenhuma", respondeu de forma simpática numa vozinha aguda e jovial. "Mas, se diz que fez isso, então acredito."

"Mas se lembra da Molly", disse Clive.

"Quem?" Pullman se manteve sério por dois segundos, depois soltou uma risadinha e apertou o antebraço de Clive com os dedos finos e brancos. "Ah, é claro", disse na sua voz de Pernalonga. "Molly e eu nos conhecemos em 65, na East Village. Se me lembro dela? E como!"

Clive disfarçou sua inquietação enquanto fazia as contas. Ela completaria dezesseis anos em junho de 65. Por que nunca o mencionara? Sondou, em tom neutro.

"Ela foi lá passar o verão, não é mesmo?"

"Nada disso. Foi à minha festa da Décima Segunda Noite. Que mulher, hem, George?"

Então foi estupro de menor. Três anos antes dele. Molly nunca lhe havia falado de Hart Pullman. E ela não tinha comparecido à primeira noite de *Rage*? Não tinha ido depois para o restaurante? Ele não conseguia se lembrar. De porra nenhuma.

George lhe dera as costas para falar com as irmãs americanas. Decidindo que nada tinha a perder, Clive juntou as mãos em torno da boca e se abaixou para falar bem perto do ouvido de Pullman.

"Você nunca fodeu com a Molly, seu réptil mentiroso. Ela não ia se rebaixar tanto."

Clive não tencionava se afastar, porque queria ouvir a resposta de Pullman, mas naquele justo instante dois grupos barulhentos se aproximaram pela direita e pela esquerda, um para dar pêsames a George, o outro para cumprimentar o poeta: num redemoinho de posições, ele se viu livre e já ganhando distância. Hart Pullman e a adolescente Molly. Enojado, abriu caminho em meio ao amontoado de gente e, chegando a uma pequena clareira, lá ficou misericordiosamente ignorado, observando os amigos e conhecidos absortos em suas conversas. Sentiu que era o único a sofrer realmente a falta de Molly. Talvez, se houvesse casado com ela, teria

se comportado pior que George, não tolerando nem ao menos aquela reunião. Ou a impotência de Molly. Derrubando do pequeno frasco quadrado de plástico marrom trinta pílulas para dormir na palma da mão. O pilão e o almofariz, uma dose de uísque. Três colheres de uma pasta branco-amarelada. Ela o olhou ao bebê-la, como se soubesse. Com a mão esquerda Clive protegeu seu queixo para colher o que caísse. Abraçou-a enquanto ela dormia, e depois pelo resto da noite.

Ninguém mais sentia a falta dela. Olhou em volta, reparando nas pessoas presentes, muitas das quais da sua idade, da idade de Molly, tirando ou pondo um ou dois anos. Quão prósperos, quão influentes, como tinham todos florescido sob um governo que desprezavam havia quase dezessete anos! *Falando da minha geração*. Tanta energia, tanta sorte. Amamentados pelo Estado no imediato pós-guerra e depois sustentados pela prosperidade inocente e incerta de seus pais, até chegar à maturidade numa era de pleno emprego, novas universidades, belos livros de bolso, a idade de ouro do *rock & roll*, ideais passíveis de serem concretizados. Quando a escada desabou sob seus pés, quando o Estado parou de lhes dar de mamar e se tornou uma mãe rabugenta, eles já estavam a salvo, consolidados, prontos a se transformarem em formadores de opinião, de gostos ou de fortunas.

Ouviu uma mulher dizer alegremente: "Não sinto mais minhas mãos e meus pés, vou embora agora mesmo!". Ao se virar, viu um homem moço que estava prestes a lhe tocar o ombro. Devia ter uns vinte e poucos anos, vestia um terno cinza sem sobretudo, e era careca ou tinha sido tosquiado.

"Senhor Linley, desculpe interromper seus pensamentos", ele disse, afastando a mão.

Imaginando que se tratava de algum músico ou de alguém que viera lhe pedir um autógrafo, Clive assumiu uma expressão paciente. "Não faz mal."

"Gostaria de saber se o senhor tem uns minutinhos para falar com o ministro das Relações Internacionais. Ele quer muito conhecê-lo."

Clive franziu os lábios. Não queria ser apresentado a Julian Garmony, mas também não queria se dar o trabalho de esnobá-lo.

Nada a fazer. “Mostre o caminho”, ele disse, e foi contornando grupos de amigos, alguns dos quais imaginaram para onde ele ia e tentaram afastá-lo do seu guia.

“Ei, Linley. É proibido falar com o inimigo!”

De fato um inimigo. O que a atraía? Era um sujeito de aparência estranha: cabeça grande, cabelo preto e ondulado (que era mesmo dele), tremenda palidez, lábios finos e nada sensuais. Ganhara um lugar ao sol na política com uma série banal de opiniões xenofóbicas e punitivas. A explicação de Vernon sempre fora simples: filho da puta famoso, bom de cama. Mas ela podia achar isso em qualquer lugar. Devia haver também o talento oculto que o fizera chegar aonde tinha chegado e que agora o impelia a desafiar o atual primeiro-ministro para lhe tomar o lugar.

O assistente conduziu Clive até um grupo em forma de ferradura no centro do qual Garmony aparentemente fazia um discurso ou contava alguma história. Ele se interrompeu para apertar a mão de Clive e murmurar num tom intenso, como se estivessem a sós: “Faz muitos anos que desejo conhecê-lo”.

“Muito prazer.”

Garmony falou alto para ser ouvido pelos outros, dois dos quais eram jovens com o ar agradável mas claramente desonesto de jornalistas de coluna social. O ministro estava fazendo uma encenação e Clive era um acessório no palco. “Minha mulher conhece de cor algumas de suas composições para piano.”

Outra vez. Clive se perguntou se de fato era um talento tão domesticado e modesto quanto diziam seus críticos mais moços, quem sabe um Górecki para as pessoas inteligentes?

“Ela deve tocar bem”, ele disse.

Como fazia tempo que não ficava cara a cara com um político, Clive havia se esquecido dos movimentos dos olhos, da busca incessante por novos ouvintes ou fugitivos, pela aproximação de alguma figura mais poderosa, por alguma oportunidade que pudesse passar em brancas nuvens.

Garmony olhou a seu redor, confirmando que tinha uma audiência. “Ela era brilhante. Primeiro na Goldsmiths, depois no Guildhall. Uma

carreira fabulosa pela frente...” Fez uma pausa para aumentar o efeito cômico. “E então me conheceu e optou pela medicina.”

Só o assistente e uma mulher de sua comitiva soltaram uma risadinha. Os jornalistas não reagiram. Talvez já tivessem ouvido aquilo antes.

O olhar do ministro das Relações Internacionais voltara a se fixar em Clive. “Há outra coisa. Quero lhe dar os parabéns por sua nova missão. A *Sinfonia do milênio*. Sabe que isso foi decidido em nível ministerial?”

“Ouvi dizer. E que o senhor votou em mim.”

Clive se permitira uma nota de enfado, porém Garmony reagiu como se houvesse recebido profusos agradecimentos. “Ora, foi o mínimo que eu podia fazer. Alguns dos meus colegas preferiam aquele astro *pop*, o ex-Beatle. Seja o que for, como vai a coisa? Quase pronta?”

“Quase.”

Suas extremidades estavam entorpecidas havia meia hora, mas agora o frio atingiu o centro do corpo. No conforto de seu estúdio ele estaria em mangas de camisa, trabalhando nas páginas finais da sinfonia cuja *première* teria lugar dali a poucas semanas. Ele já deixara de cumprir dois prazos fatais, e só pensava em voltar para casa.

Estendeu a mão para Garmony. “Muito prazer em conhecê-lo. Preciso ir andando.”

Mas o ministro não lhe deu a mão, continuando a falar para os demais porque ainda havia alguma vantagem a extrair da presença do famoso compositor.

“Vocês sabem, muitas vezes penso que a liberdade que têm os artistas, como o senhor, de trabalhar sem nenhuma interferência é o que torna válido meu próprio trabalho...”

E por aí foi, na mesma linha, enquanto Clive o olhava fixamente, sem trair no semblante seu crescente asco. Ambos pertenciam à mesma geração. Suas altas funções haviam erodido a capacidade de falar normalmente com um estranho. Talvez fosse isto que Garmony dava a ela na cama, a excitação do impessoal. Um homem contorcendo-se em frente aos espelhos. Mas certamente ela preferia

o calor emocional. Fique parado, assim, olhe para mim, realmente *olhe* para mim. Talvez não fosse mais que um simples erro, Molly e Garmony. Seja como for, Clive agora achava isso insuportável.

O ministro das Relações Internacionais chegou à conclusão. "São essas as tradições que fazem de nós o que somos."

"Eu estava me perguntando", disse Clive ao ex-amante de Molly, "se o senhor ainda é favorável à pena de morte por enforcamento."

Garmony soube lidar com essa mudança radical, porém seus olhos se endureceram.

"Acho que a maioria das pessoas conhece minha opinião pessoal a esse respeito. No entanto, estou pronto a aceitar a opinião do Parlamento e a responsabilidade coletiva do gabinete." Ele tinha encarado o desafio e agora desejava se fazer de cordial. Os dois jornalistas se aproximaram um pouco, com os blocos na mão.

"Soube que o senhor disse num discurso que Nelson Mandela merecia ser enforcado."

Garmony, que devia visitar a África do Sul no mês seguinte, sorriu com toda a calma. O discurso fora recentemente desencavado, de forma bem safada, pelo jornal de Vernon. "Não acho razoável atacar as pessoas por algo que disseram quando eram estudantes universitários de cabeça quente." Fez uma pausa para dar uma risadinha. "Quase trinta anos atrás. Aposto que o senhor mesmo já disse ou pensou algumas coisas bem chocantes."

"Sem dúvida", disse Clive. "Mas isso é que é importante. Se o senhor pudesse fazer o que queria naquela época, não haveria uma segunda chance."

Garmony inclinou a cabeça ligeiramente, admitindo o argumento. "É um bom ponto. Mas, no mundo real, senhor Linley, nenhum sistema de justiça pode estar isento de erros humanos."

O ministro fez então algo extraordinário, que destruiu de um golpe a teoria de Clive acerca dos efeitos das posições de mando e que, em retrospecto, ele foi obrigado a admirar. Garmony inclinou-se para a frente e, com o indicador e o polegar, pegou a gola do sobretudo de Clive, puxando-o para perto. Baixinho, para que ninguém mais o ouvisse, disse:

“Na última vez em que estive com Molly ela me disse que você está impotente e sempre foi.”

“Bobagem. Ela nunca disse isso.”

“Claro que você vai negar. De duas uma: podemos discutir isso em voz alta na frente daqueles senhores ali, ou você cala a boca e se despede direitinho. Agora vá se foder.”

A coisa foi dita de modo rápido e incisivo. Tão logo acabou de falar, Garmony endireitou o corpo e, com um largo sorriso, apertou a mão do compositor, dizendo ao assistente: “O senhor Linley teve a gentileza de aceitar meu convite para jantar”. Devia ser algum tipo de código, pois de imediato o assistente conduziu Clive para longe enquanto Garmony, lhe dando as costas, declarou aos jornalistas: “Um grande homem, Clive Linley. Expormos nossas diferenças e continuarmos amigos, esta é a essência da vida civilizada, não acham?”.



## 2.

Uma hora depois o carro de Vernon, que era absurdamente pequeno para ter um motorista, deixou Clive em South Kensington. Vernon desceu para se despedir.

“Funeral horroroso.”

“Nem um drinque.”

“Pobre da Molly.”

Clive entrou em casa e ficou parado no hall, absorvendo o calor dos radiadores e o silêncio. Um bilhete da arrumadeira anunciou que havia uma garrafa térmica de café no estúdio. Sem tirar o sobretudo, subiu até lá, pegou um lápis e uma folha de papel e, encostado ao piano de cauda, escreveu as dez notas descendentes. Foi até a janela e, contemplando a página, imaginou os violoncelos em contraponto. Havia muitos dias em que a encomenda de compor uma sinfonia para o milênio lhe causava uma aflição ridícula: uma intrusão burocrática em sua independência criativa; a confusão sobre exatamente onde Giulio Bo, o grande maestro italiano, poderia ensaiar com a Orquestra Sinfônica da Grã-Bretanha; a irritação moderada mas constante do escrutínio conduzido por uma imprensa superexcitada ou hostil; o fato de haver deixado de cumprir dois prazos fatais — embora o próprio milênio ainda estivesse anos à frente. Havia também dias como aquele, em que só pensava na música e não podia se afastar dela. Mantendo a mão esquerda (ainda congelada) no bolso do sobretudo, sentou-se ao piano e tocou a passagem como a escrevera, lenta, cromática e ritmicamente intrincada. Na verdade havia duas indicações de compasso. Depois, ainda com a mão direita e a meia velocidade, improvisou a linha ascendente dos violoncelos, tocando-a diversas vezes, com variações, até ficar satisfeito. Anotou a parte nova, que estava no registro mais agudo dos violoncelos, o que os faria soar como se uma energia furiosa estivesse sendo contida. Liberá-la mais tarde, na seção final da sinfonia, seria uma alegria.

Afastou-se do piano e serviu o café, bebendo-o no lugar de costume junto à janela. Três e meia da tarde e já suficientemente

escuro para ter de acender as luzes. De Molly só sobravam as cinzas. Iria trabalhar a noite inteira e dormiria até a hora do almoço. Na verdade, não havia muito mais a fazer. Produzir alguma coisa, e morrer. Tendo tomado o café, voltou a atravessar a sala e ficou de pé, curvado sobre o teclado e vestindo ainda o casacão, enquanto tocava com ambas as mãos, na luz cansada da tarde, as notas como as tinha escrito. Quase certo, quase a verdade. Elas sugeriam um anseio sereno por algo inatingível. Ou alguém. Era em momentos como esse que ele costumava lhe telefonar e pedir que ela viesse vê-lo, quando estava impaciente demais para sentar por longo tempo diante do piano e excitado demais por novas ideias para não fazer nada. Caso estivesse livre, ela vinha e preparava chá ou algum drinque exótico, sentando-se depois na velha e castigada poltrona do canto. Eles conversavam, ou ela fazia algum pedido e ouvia de olhos fechados. Seus gostos eram surpreendentemente austeros para alguém que gostava tanto de festas. Bach, Stravinsky, muito ocasionalmente Mozart. Mas a essa altura ela já não era uma moça, nem mais sua amante. Eram bons companheiros, delicadamente irônicos um com o outro a ponto de não se sentirem apaixonados, apreciando a liberdade de falarem sobre seus próprios casos amorosos. Ela era como uma irmã, avaliando as mulheres dele com mais generosidade do que ele jamais concedeu a seus homens. Fora disso, trocavam ideias sobre música ou comida. Agora ela não passava de um monte de cinzas finamente trituradas numa urna de alabastro que George manteria em cima do armário de roupas.

Enfim ele se sentia suficientemente aquecido, embora a mão esquerda ainda formigasse. Tirou o sobretudo e o pendurou na poltrona de Molly. Antes de voltar ao piano, circulou pela sala acendendo as luzes. Nas duas horas seguintes, retocou a parte dos violoncelos e esboçou orquestrações adicionais, sem dar a menor atenção à escuridão lá fora e às notas de pedal abafadas e discordantes do tráfego na hora do *rush*. Aquela passagem era apenas uma ponte para o *finale*; o que o fascinava era a promessa, a aspiração — ele a imaginava como degraus antigos e gastos que aos poucos se eclipsavam —, a vontade de subir e subir até chegar finalmente, através de uma complexa modulação, a um tom remoto

e, com fiapos de som se desfazendo como uma bruma esfumada, a uma melodia conclusiva, uma despedida, uma melodia reconhecível e de beleza penetrante que transcenderia o fato de estar fora de moda e pareceria prantear a passagem do século e a crueldade insensata que o caracterizou ao mesmo tempo em que celebrava sua brilhante inventividade. Muito após a excitação da primeira execução, muito depois de terem cessado as celebrações do milênio, os fogos de artifício, as análises e resumos históricos, aquela melodia irresistível perduraria como a elegia do século finado.

Essa não era apenas a fantasia de Clive, mas também a do comitê que havia escolhido um compositor que, tipicamente, concebia aquela passagem ascendente em termos de degraus antigos e feitos de pedra. Até mesmo seus fãs, pelo menos na década de 1970, aceitavam que ele fosse chamado de "arquiconservador", enquanto os críticos preferiam vê-lo como um "retrocesso", porém todos concordavam que, juntamente com Schubert e McCartney, Linley sabia conceber uma melodia. O trabalho fora encomendado com antecedência a fim de poder "penetrar" na consciência pública; por exemplo, havia sido sugerido a Clive que uma passagem retumbante de metais poderia ser usada como assinatura para o principal noticiário vespertino de televisão. O comitê, menosprezado pelos círculos musicais por não ser composto de intelectuais, desejava acima de tudo uma sinfonia da qual fosse possível destilar ao menos uma melodia fácil de guardar, um hino, uma elegia para o século difamado e detonado capaz de ser incorporada aos eventos oficiais, assim como a ária "Nessun dorma" tinha sido utilizada num torneio de futebol. Incorporada, sim, mas depois liberada para levar uma vida independente na mente do público do terceiro milênio.

Para Clive Linley, a questão era simples. Ele se via como herdeiro de Vaughan Williams, considerando irrelevantes termos tais como "conservador", tomado emprestado erroneamente do vocabulário político. Além disso, quando ele havia começado a ser notado na década de 1970, a música atonal e aleatória, as séries dodecafônicas, a eletrônica, a desintegração da frequência das ondas em som, na verdade todo o projeto modernista, tinham se tornado uma ortodoxia ensinada nas escolas. Sem dúvida os

defensores daquela nova ortodoxia, e não ele, eram os reacionários. Em 1975, Clive havia publicado um livro de cem páginas que, como todo bom manifesto, era feito tanto de ataques quanto de defesas. A velha guarda do modernismo aprisionara a música nas academias, onde ela era ciumentamente profissionalizada, isolada e tornada estéril depois que havia sido rompido de maneira arrogante o pacto com o público em geral. Clive narrou com sarcasmo um “concerto”, subsidiado com recursos públicos e realizado numa igreja quase deserta, no qual as pernas de um piano foram repetidamente percutidas com o braço de um violino durante mais de uma hora. Uma nota no programa explicava, fazendo referência ao Holocausto, por que naquela etapa da história europeia nenhuma outra forma de música era viável. Na mente estreita dos fanáticos, Clive insistia, qualquer tipo de sucesso, ainda que limitado, qualquer apreciação favorável do público era um claro sinal de concessão e fracasso estéticos. Quando fossem escritas as histórias definitivas da música no Ocidente durante o século xx, ver-se-ia que os triunfos pertenceram ao blues, ao jazz, ao rock e às tradições sempre em evolução da música folclórica. Tais formas tinham demonstrado amplamente que a melodia, a harmonia e o ritmo não eram incompatíveis com a inovação. Na música clássica, só a primeira metade do século apareceria com destaque, e mesmo assim apenas alguns compositores, entre os quais Clive não incluía o falecido Schoenberg e seus seguidores.

Este era o ataque. A apologia tomava emprestado e distorcia o velho estratagema do Eclesiastes: era tempo de resgatar a música das mãos dos “donos da verdade”, e era tempo de reafirmar a comunicabilidade essencial da música, que havia sido forjada, na Europa, numa tradição humanista que sempre reconhecera o enigma da natureza humana; era tempo de aceitar que uma execução para o público constituía uma “comunhão laica”, e era tempo de reconhecer a primazia do ritmo e do tom, bem como a natureza básica da melodia. Para que isso acontecesse sem apenas repetir a música do passado, cumpria formular uma definição contemporânea de beleza, o que, por sua vez, era impossível sem que se compreendesse uma “verdade fundamental”. Nesse ponto, Clive se

valeu ousadamente de alguns ensaios inéditos e altamente especulativos de um colega de Noam Chomsky, que ele tinha lido quando passara férias na casa do autor, em Cape Cod: nossa capacidade de “ler” ritmos, melodias e harmonias agradáveis, assim como a faculdade exclusivamente humana da linguagem, era geneticamente determinada. Segundo os antropólogos, esses três elementos deviam existir em todas as culturas musicais. Nosso ouvido para a harmonia era inato. (Além disso, sem um contexto envolvente de harmonia, a dissonância não fazia sentido e se tornava desinteressante.) Compreender uma linha melódica era um ato mental complexo, mas passível de ser executado até por uma criança bem pequena; já nascíamos com uma herança, éramos o *Homo musicus*; portanto, definir a beleza na música implicava uma definição da natureza humana, o que nos trazia de volta às humanidades e à capacidade de comunicação...

O livro de Clive Linley, intitulado *Recalling Beauty*, foi publicado de forma a coincidir com a *première* no Wigmore Hall de *Symphonic Dervishes for Virtuoso Strings*, um trabalho de grande brilho polifônico, que fluía como as torrentes de uma cascata até ser interrompido por um lamento hipnótico. Amada e odiada em doses iguais, a composição garantiu sua reputação e a boa saída do livro.

Abstraída a criação propriamente dita, a tarefa de escrever uma sinfonia era fisicamente árdua. Cada segundo de execução musical envolvia escrever, nota por nota, as partes de até duas dúzias de instrumentos, tocando-as mais uma vez, fazendo acertos na partitura, tocando de novo, reescrevendo, e então sentando-se em silêncio, deixando que o ouvido interno sintetizasse e orquestrasse a série vertical de anotações e rasuras; emendando outra vez, até que o compasso estivesse certo, e tornando a tocar no piano. Por volta da meia-noite, Clive havia ampliado e reescrito inteiramente a passagem ascendente, e começava a atacar o grande hiato orquestral que precederia a elaborada mudança de tom. Às quatro da madrugada, registrara as partes principais e sabia exatamente onde a modulação iria funcionar, como a névoa evaporaria.

Levantou-se do piano, exausto, satisfeito com o progresso alcançado, mas apreensivo: conduzira aquela maciça máquina de

som até o ponto em que teria início o trabalho de verdade no *finale* — o que exigiria agora uma invenção inspirada, a melodia final em sua primeira aparição e na forma mais simples, audaciosamente exposta por um único instrumento de sopro, ou talvez pelos primeiros violinos. Ele havia chegado ao núcleo, e se sentiu oprimido. Apagou as lâmpadas e desceu ao quarto de dormir. Não tinha a menor ideia de como prosseguir — nada, nem uma migalha, um esboço, um palpite —, porém não a encontraria sentado diante do piano e franzindo a testa. Ela só viria a seu próprio tempo. Sabia por experiência que o melhor a fazer era relaxar, dar um passo para trás, embora permanecendo alerta e receptivo. Ele precisaria fazer uma longa caminhada no campo, ou mesmo uma série de longas caminhadas. Necessitava de montanhas, céus amplos. O Lake District, talvez. As melhores ideias o pegavam de surpresa no final de trinta, quarenta quilômetros, quando sua mente ia longe.

Por fim na cama, deitado de costas numa escuridão absoluta, retesado, ressonando com o esforço mental, viu bastõezinhos dentados de cores primárias atravessarem velozmente suas retinas, depois se dobrando e retorcendo em pequenas explosões. Seus pés estavam gelados, os braços e o peito, quentes. As ansiedades sobre o trabalho se transmudaram no metal menos nobre dos medos noturnos banais: doença e morte, abstrações que logo encontraram um foco na sensação que ainda persistia na mão esquerda. Estava fria, inflexível e formigante, como se houvesse ficado sentado em cima dela por meia hora. Massageou-a com a mão direita, a aqueceu contra o estômago. Não foi essa a sensação que Molly teve ao chamar o táxi na porta do Dorchester? Ele vivia só, não era casado, não tinha um George para cuidar dele — e talvez isso fosse uma bênção. Mas o que lhe restava como substituto? Virou de lado e repuxou as cobertas em volta do corpo. Um asilo de idosos, o aparelho de tv na sala de recreação, o bingo, os velhos com suas guimbas, urinando e babando. Ele não aguentaria isso. Iria consultar um médico pela manhã. Mas foi isso que Molly fez, e a mandaram fazer exames. Eles eram capazes de gerenciar sua queda, mas não de evitá-la. Então, fique longe deles, acompanhe você mesmo o declínio: quando não for mais possível trabalhar ou viver com

dignidade, acabe com tudo por conta própria. Mas como ele poderia impedir a si mesmo de ultrapassar aquele ponto, atingido tão depressa por Molly, em que estaria impotente demais, confuso demais, idiotizado demais para se matar?

Pensamentos ridículos! Sentou-se, tateou em busca da luz da mesa de cabeceira e pegou debaixo de uma revista o vidrinho de sonífero que preferia evitar. Tomou um comprimido e se reclinou sobre os travesseiros, mastigando devagar. Massageando ainda a mão, acalentou-se com reflexões sensatas. Sua mão ficara exposta ao frio, isso era tudo, e ele estava muito cansado. Sua função correta na vida era trabalhar, terminar uma sinfonia ao encontrar seu cume lírico. O que o tinha oprimido uma hora antes era agora seu refrigerio. Após dez minutos, apagou o abajur e se deitou de lado: sempre havia o trabalho a realizar. Iria passear no Lake District. Os nomes mágicos o acalmaram: Blea Rigg, High Stile, Pavey Ark, Swirl How. Ele caminharia pelo Langstrath Valley, atravessaria o riacho e subiria rumo ao Scafell Pike, voltando para casa pelos Allen Crag. Conhecia bem o circuito. Andando com passadas largas, no alto da cadeia de montanhas, ele se sentiria restaurado, veria tudo com clareza.

Bebera sua cicuta, mais nenhuma fantasia viria agora atormentá-lo. Como esse pensamento também foi um alívio, bem antes que os produtos químicos atingissem seu cérebro ele havia puxado os joelhos na direção do peito e fora liberado. Hardknott, Ill Bell, Cold Pike, Poor Crag, pobre Molly...





# 1.

Durante uma incomum calmaria no meio da manhã, Vernon Halliday voltou a pensar que talvez não existisse. Ao longo de trinta segundos sem nenhuma interrupção, ficou sentado diante da escrivaninha apalpando de leve a cabeça com as pontas dos dedos, preocupado. Desde que havia chegado ao *Judge* duas horas antes, ele já falara, em separado e intensamente, com quarenta pessoas. Não apenas falara: exceto em dois casos, decidira, priorizara, delegara, escolhera ou dera uma opinião que seria interpretada como ordem. Esse exercício de autoridade não havia tornado mais agudo seu senso de individualidade como costumava acontecer; em vez disso, Vernon tinha a impressão de estar infinitamente diluído; ele era apenas a soma de todas as pessoas que o tinham ouvido e, quando se encontrava a sós, não era nada. Quando, solitário, procurava por uma ideia, não havia ninguém lá para dá-la, sua cadeira estava vazia e ele fora dissolvido por todo o prédio, da seção dos assuntos da cidade no sexto andar (onde dali a pouco interviria para impedir a dispensa de uma antiga revisora que não dominava a ortografia) ao subsolo (onde a distribuição das vagas na garagem causara uma guerra aberta entre os membros da diretoria e levara um editor-assistente a quase pedir demissão). A cadeira de Vernon estava vazia porque ele se encontrava em Jerusalém, na Câmara Baixa, em Cape Town e em Manila, globalmente disseminado como se feito de pó; estava na tv e no rádio, jantando com alguns bispos, fazendo um discurso para executivos da indústria de petróleo ou num seminário para especialistas em União Europeia. Nos breves momentos durante o dia em que ficava sozinho, uma luz se apagava. Até mesmo a escuridão resultante não envolvia nem estorvava ninguém em especial. Vernon não podia afirmar com certeza que era ele o ausente.

Essa sensação de ausência vinha crescendo desde o funeral de Molly. Estava comendo-o por dentro. Na noite anterior, acordara ao lado da mulher, que ainda dormia, e precisara tocar em seu próprio rosto para se certificar de que continuava a ser uma entidade física.

Tivesse Vernon levado alguns dos executivos ao refeitório do jornal e confidenciado o que vinha sentindo, talvez se alarmasse com a falta de surpresa de seus colegas. Ele era conhecido por todos como um homem sem arestas, sem vícios ou virtudes, como um homem que não existia de todo. Nos círculos profissionais, Vernon era reverenciado como uma nulidade. Fazia parte do folclore jornalístico a forma maravilhosa, difícil de exagerar e constantemente recontada, como se tornara editor do *Judge*. Em anos anteriores, ele havia sido o assistente afável e diligente de dois talentosos editores em sucessão, demonstrando uma aptidão instintiva para não fazer amigos ou aliados. Quando o correspondente em Washington adoeceu, Vernon recebeu instruções para substituí-lo. No seu terceiro mês no posto, num jantar para o embaixador alemão, um congressista confundiu Vernon com um jornalista do *Washington Post* e lhe passou uma informação confidencial sobre uma impropriedade cometida pelo presidente — um implante radical de cabelos feito com dinheiro público. Houve amplo reconhecimento de que a história do “Topetegate” — a qual dominou a política doméstica norte-americana por quase uma semana — foi um furo de Vernon Halliday do *Judge*.

Enquanto isso, um editor talentoso atrás de outro caía em batalhas ferozes com um conselho de administração intrometido. O retorno de Vernon a Londres coincidiu com repentina mudança na composição acionária. O palco estava coalhado dos restos mortais de titãs aniquilados. Jack Mobey, originário do próprio conselho, não havia conseguido fazer com que o venerável jornal baixasse suficientemente de nível. Só sobrava Vernon.

Ele agora estava sentado à escrivaninha e massageava experimentalmente a cabeça. Nos últimos tempos, dera-se conta de que estava aprendendo a conviver com a não existência. Não podia lamentar por muito tempo a morte de algo — ele próprio — que não conseguia mais lembrar com clareza. Tudo isso causava preocupação, mas era uma preocupação que já durava vários dias. Havia agora um sintoma físico, envolvendo todo o lado direito da cabeça, de certa forma tanto o cérebro quanto o crânio, uma sensação impossível de descrever com uma única palavra. Ou

poderia ter sido a repentina interrupção de uma sensação tão constante e conhecida que ele não se conscientizara dela — tal como um som que a gente só percebe quando cessa. Ele sabia exatamente quando começara, na noite anterior, ao se pôr de pé para jantar. Lá estava ao acordar de manhã, contínua e indefinível, não alguma coisa fria, não opressiva, não estonteante, embora sendo um pouco de tudo aquilo. Talvez a palavra fosse “morto”. Seu hemisfério direito tinha morrido. Ele conhecia tanta gente que havia morrido que, naquele estado de dissociação, era capaz de contemplar seu próprio fim como algo banal — uma certa agitação em torno do enterro ou da cremação, algumas manifestações de pesar, e logo depois tudo se acalmando à medida que a vida seguia seu curso. Talvez ele já tivesse morrido. Ou, quem sabe, e isso ele sentiu intensamente, talvez só necessitasse mesmo de duas boas pancadas no lado da cabeça com um martelo de tamanho médio. Abriu a gaveta da escrivaninha. Lá havia uma régua de metal deixada por Mobey, o quarto editor a não conseguir reverter a queda de circulação do *Judge*. Vernon Halliday tentava não ser o quinto.

Tinha levantado a régua vários centímetros acima do ouvido direito quando bateram na porta e Jean, sua secretária, entrou na sala, obrigando-o a fingir que coçava pensativamente a cabeça em vez de estar prestes a lhe dar uma reguada.

“A programação. Vinte minutos.” Ela separou uma folha e lhe entregou, deixando o resto sobre a mesa de reunião ao sair.

Vernon passou os olhos nas listas. Sob Assuntos Internacionais, Dibben estava escrevendo sobre o “triunfo de Garmony em Washington”. Teria de ser uma matéria cética ou hostil. Mas, se fosse realmente um triunfo, podia ficar fora da primeira página. Sob Assuntos Nacionais havia, por fim, o artigo do editor de ciência acerca da máquina antigravitacional concebida por uma universidade no País de Gales. Tinha tudo para atrair a atenção do público, e Vernon fizera pressão para que a notícia fosse publicada, imaginando sonhadoramente que o dispositivo poderia ser preso à sola dos sapatos. Na verdade, verificou-se que a máquina pesava quatro toneladas, exigia nove milhões de volts e não funcionava. Também sob a rubrica de Assuntos Nacionais, constava o “quarteto

para piano” — quadrigêmeos nascidos de um pai que era pianista clássico. Seu subeditor, junto com o pessoal das seções de artigos especiais e assuntos nacionais, havia se posicionado contra ele nessa questão, disfarçando sua relutância com o argumento do realismo. Quatro já não era suficiente nos dias de hoje, eles diziam, e ninguém ouvira falar da mãe, que não era bonita e não queria dar declarações à imprensa. Vernon fizera valer sua autoridade. Segundo o serviço de verificação da venda de jornais, a média no último mês tinha caído sete mil exemplares em relação ao mês anterior. Já não restava muito tempo para o *Judge*. Ele ainda estava considerando se devia ou não publicar uma matéria sobre irmãos siameses unidos pelo quadril — como um deles tinha o coração fraco, não podiam ser separados — que haviam conseguido um emprego no governo local. “Se queremos salvar este jornal”, Vernon gostava de dizer na reunião editorial de cada manhã, “vamos ter que sujar as mãos.” Todos balançavam a cabeça afirmativamente, mas ninguém concordava. Na opinião da velha guarda, os “gramáticos”, o *Judge* viveria ou morreria sem sacrificar sua probidade intelectual. Sentiam-se seguros nessa posição porque, excetuados os antecessores de Vernon, ninguém fora posto na rua.

Os editores e assistentes de seções começavam a chegar para a reunião quando Jean fez sinal da porta para que ele atendesse o telefone. Devia ser importante, porque ela desenhava um nome com os lábios: George Lane.

Vernon deu as costas aos presentes e se lembrou de como tinha evitado Lane no funeral. “George. Uma cerimônia muito tocante. Eu ia lhe enviar...”

“Sei, sei. Apareceu uma coisa. Acho que você precisa vê-la.”

“Que tipo de coisa?”

“Fotografias.”

“Você pode me mandar por um mensageiro?”

“De jeito nenhum, Vernon. É muitíssimo quente. Você não pode vir agora?”

Nem todo o desprezo que Vernon sentia por George Lane tinha a ver com Molly. Lane possuía um e meio por cento do *Judge* e investira no relançamento do jornal que se seguiu à queda de Jack

Mobey e à promoção de Vernon. George achava que Vernon lhe devia alguma coisa. Além disso, George não entendia nada de jornais, razão pela qual imaginava que o editor de um diário de circulação nacional podia se ausentar do escritório e atravessar a cidade de Londres até Holland Park às onze e meia da manhã.

“Estou muito ocupado agora”, disse Vernon.

“E eu estou te fazendo um grande favor. É o tipo de coisa pela qual o *News of the World* estaria pronto a matar alguém.”

“Posso ir até aí pouco depois das nove da noite.”

“Muito bem, até lá”, disse George irritado, desligando em seguida.

A essa altura, todas as cadeiras ao redor da mesa de reunião tinham sido tomadas, com exceção da sua. As conversas cessaram quando Vernon sentou. Tocou o lado da cabeça. Agora que estava cercado de gente, de volta ao trabalho, sua ausência interior não o afligia. O jornal da véspera estava aberto diante dele. No silêncio quase absoluto, perguntou: “Quem fez a revisão final da matéria sobre o meio ambiente?”

“Pat Redpath.”

“Neste jornal, não se separa o sujeito do verbo nem quando estão distantes na frase. E depois de ‘um dos que’...” Ele falou devagar para aumentar o efeito de suas palavras enquanto fingia que lia a matéria. “Depois de ‘um dos que’ o verbo vai para a terceira pessoa do plural — ‘Essa usina foi uma das que mais poluíram’. Será que essas regrinhas são entendidas por todos?”

Vernon tinha consciência da aprovação em volta da mesa. Esse era o tipo de coisa que os gramáticos gostavam de ouvir. Juntos, eles veriam o jornal chegar ao túbulo mantendo pura sua sintaxe.

Conquistado o apoio popular, ele avançou velozmente. Uma de suas poucas inovações exitosas, talvez a única até então, consistia em reduzir a conferência diária de quarenta para quinze minutos graças a algumas normas modestamente impostas por ele: não mais do que cinco minutos de *post mortem* — o que foi feito, foi feito; nenhuma piadinha e, acima de tudo, nenhuma historinha sobre acontecimentos passados; ele não as contava e, portanto, ninguém podia contar. Passou para as páginas internacionais e franziu o

cenho. “Uma exposição de cacos de cerâmica em Ancara? Isso é notícia? Oitocentas palavras? Simplesmente não entendo, Frank.”

Frank Dibben, o subeditor internacional, explicou, talvez com um quê de zombaria. “Bem, você sabe, Vernon, isso representa uma mudança fundamental de paradigma em nossa compreensão da influência do Império Persa no seu início sobre...”

“Mudança de paradigma em potes quebrados não é notícia, Frank.”

Grant McDonald, que era o subeditor e estava sentado ao lado de Vernon, interrompeu polidamente: “O problema é que Julie não enviou a matéria de Roma. Eles tiveram que encher...”

“Não me diga, outra vez? O que foi agora?”

“Hepatite C.”

“E a Associated Press?”

Dibben respondeu. “Isso era mais interessante.”

“Você está errado. É um tiro no pé. Nem o *Suplemento Literário* do *Times* publicaria isso.”

Passaram para a programação do dia. Um a um os editores resumiram as matérias que constavam de suas listas. Quando chegou a vez de Frank, ele defendeu o ponto de vista de que seu artigo sobre Garmony devia aparecer na primeira página.

Vernon o ouviu até o fim e disse: “Ele está em Washington quando devia estar em Bruxelas. Está fazendo um acerto com os americanos pelas costas dos alemães. Ganho de curto prazo, desastre no longo prazo. Ele foi um péssimo ministro do Interior, está ainda pior no Ministério das Relações Internacionais e vai acabar conosco se chegar a primeiro-ministro — o que parece cada dia mais provável”.

“Muito bem”, Frank concordou, a doçura de seu tom escondendo a fúria devida à reprimenda no caso de Ancara. “Você disse isso tudo no seu editorial, Vernon. A questão, certamente, não é se concordamos com o acerto, mas se ele é ou não importante.”

Vernon se perguntou se não devia mandar Frank embora. Que negócio era aquele de usar brinco?

“Sem dúvida, Frank”, disse Vernon cordialmente. “Estamos na Europa. Os americanos nos querem na Europa. A relação especial da

Inglaterra com os Estados Unidos só existe ainda nos livros de história. A negociação não tem maior importância, a cobertura fica nas páginas internas. Enquanto isso, vamos continuar a endurecer com o Garmony.”

Ouviram o editor de esportes, cujas páginas Vernon dobrara recentemente às custas da seção de artes e livros. Chegou a vez de Lettice O’Hara, a editora de artigos especiais.

“Preciso saber se vamos em frente com a matéria sobre o orfanato no País de Gales.”

Vernon respondeu: “Vi a lista de visitantes. Uma porção de figurões. Não temos dinheiro para enfrentar as ações judiciais se der errado”.

Lettice pareceu aliviada e começou a descrever o artigo investigativo que ela havia encomendado sobre um escândalo médico na Holanda.

“Aparentemente, há médicos explorando as leis da eutanásia para...”

Vernon a interrompeu. “Quero publicar a história dos irmãos siameses na edição de sexta-feira.”

Ouviram-se gemidos. Mas quem seria o primeiro a objetar?

Lettice. “Não temos nem ao menos uma fotografia.”

“Então mande alguém a Middlesbrough hoje de tarde.” No silêncio mal-humorado que se seguiu, Vernon continuou: “Olhem, eles trabalham numa divisão do departamento de saúde pública chamada Planejamento Evolutivo. É o sonho de qualquer editor...”

O editor de assuntos nacionais, Jeremy Ball, disse: “Falamos na semana passada e estava tudo bem. Então, ele telefonou ontem, quer dizer, a outra metade. A outra cabeça. Não quer dar entrevista. Não quer nenhuma fotografia”.

“Ah, meu Deus!”, Vernon exclamou. “Você não entende? Isso tudo é parte da história. Eles estão brigando. A primeira coisa que qualquer um quer saber é como eles resolvem suas brigas!”

Lettice tinha um ar sorumbático. “Aparentemente há marcas de mordidas. Nos dois rostos”, ela disse.

“Brilhante!”, Vernon exclamou. “Ninguém ainda levantou essa história. Sexta-feira, por favor. Página três. Agora, mudando de

assunto. Lettice. Esse suplemento de xadrez de oito páginas.  
Francamente, não estou convencido.”



## 2.

Passaram-se mais três horas antes que Vernon se visse sozinho de novo. Ele estava no banheiro, olhando-se no espelho enquanto lavava as mãos. A imagem lá estava, porém não o convencia de todo. A sensação, ou falta de sensação, ainda ocupava o lado direito de sua cabeça como um gorro apertado. Quando passava o dedo pelo couro cabeludo, conseguia identificar a margem, a linha fronteira onde o que ele sentia no lado esquerdo se tornava não exatamente o oposto daquela sensação, mas sua sombra, seu fantasma.

Mantinha as mãos sob o secador quando Frank Dibben entrou. Vernon percebeu que ele o havia seguido para conversar, pois a experiência de uma vida inteira lhe ensinara que os jornalistas do sexo masculino não urinam com facilidade, ou de preferência, na presença do seu editor.

“Olhe, Vernon”, disse Frank de onde se encontrava diante do mictório. “Me desculpe pelo que aconteceu hoje de manhã. Você tinha absoluta razão sobre o Garmony. Foi uma derrapada minha.”

Em vez de afastar os olhos do secador e ser obrigado a observar o subeditor internacional em ação, Vernon se permitiu mais uma aplicação de ar quente. Na verdade, Dibben se aliviava copiosamente, quase torrencialmente. Sim, se Vernon viesse a mandar alguém embora, o primeiro seria Frank, que agora se sacudia com vigor e durante um segundo a mais do que era necessário, enquanto prosseguia com o pedido de desculpas.

“Quer dizer, você tem toda a razão de não lhe dar espaço demais.”

Cassius está faminto, Vernon pensou. Vai chefiar seu departamento e depois avançar em cima do meu cargo.

Dibben se aproximou da pia. Vernon pousou a mão de leve em seu ombro, o toque do perdão.

“Está bem, Frank, prefiro ouvir as opiniões contrárias na reunião. Essa é a razão de ser de nos encontrarmos.”

“É simpático você dizer isso, Vernon. Só não quero que pense que estou amolecendo com o Garmony.”

Esse festival de intimidades marcou o fim da troca de palavras. Vernon soltou uma risadinha encorajadora e passou para o corredor. Jean esperava ao lado da porta com um monte de papéis para serem assinados. Atrás dela vinha Jeremy Ball e, ainda mais atrás, Tony Montano, o diretor administrativo. Alguém que Vernon não pôde ver estava fechando a fila. O editor começou a caminhar rumo ao escritório, assinando os papéis enquanto andava e ouvindo Jean ler a lista dos encontros da semana. Todos se moviam junto com ele. Ball disse: "Essa fotografia de Middlesbrough. Eu gostaria de evitar a confusão em que nos metemos com a Olimpíada de cadeira de rodas. Acho que devíamos procurar fazer alguma coisa bem simples..."

"Quero uma fotografia que provoque emoção, Jeremy. Não posso vê-los na mesma semana, Jean. Não ia ficar bem. Diga para ele vir na quinta-feira."

"Eu estava pensando numa coisa moralmente correta, vitoriana. Um retrato digno."

"Ele está de viagem para Angola. A ideia era seguir direto para Heathrow depois de encontrar com o senhor."

"Senhor Halliday?"

"Não quero retratos dignos, nem nas notas de falecimento. Faça-os mostrar como é que cada um deixou marcas de mordida no outro. Está bem, eu o vejo antes da viagem. Tony, é sobre as vagas na garagem?"

"Infelizmente já vi a minuta do pedido de demissão."

"Tenho certeza de que dá para encontrar uma vaguinha."

"Já tentamos de tudo. O gerente de manutenção está se oferecendo para vender a dele por três mil libras."

"Não corremos o risco de parecermos sensacionalistas?"

"Assine em dois lugares, e rubrique onde eu marquei."

"Não é um risco, Jeremy. É uma promessa. Mas, Tony, o gerente de manutenção nem tem carro."

"Senhor Halliday?"

"Ele tem direito ao espaço."

"Ofereça a ele quinhentas. Isso é tudo, Jean?"

"Não tenho condições de fazer isso."

“A carta de agradecimento aos bispos acaba de ser datilografada.”

“Que tal os dois falando no telefone?”

“Me desculpe. Senhor Halliday?”

“É fraco demais. Quero uma foto que conte alguma história. Hora de sujar as mãos, lembra? Olhe, é melhor tirar a vaga do pessoal da manutenção se eles não estão usando...”

“Aí entram em greve, como da outra vez. Todos os terminais pifaram.”

“Ótimo. A escolha é sua, Tony. Quinhentas libras ou os terminais.”

“Vou pedir a alguém do departamento de fotografia para dar um pulo aqui e...”

“Não perca tempo com isso. Trate de mandar o sujeito para Middlesbrough.”

“Senhor Halliday? O nome do senhor é Vernon Halliday?”

“Quem é o senhor?”

O grupo parou de falar e de andar. Um homem magro que estava ficando careca, vestindo um terno preto com o paletó abotoado de alto a baixo, avançou e tocou no cotovelo de Vernon com um envelope antes de passá-lo às mãos do editor. Plantou-se então com os pés bem afastados e leu, num tom monótono e declaratório, o que constava de uma folha de papel que segurou com as duas mãos. “De conformidade com os poderes que me confere o supracitado tribunal do Cartório Central, faço saber a Vernon Theobald Halliday a seguinte ordem: que Vernon Theobald Halliday, morador no número 13, The Rooks, Londres nw1 e editor do jornal *The Judge*, não publicará ou fará com que seja publicado, não distribuirá ou divulgará por meios eletrônicos ou quaisquer outros, nem descreverá em material impresso ou fará com que sejam impressas tais descrições da matéria proscrita a ser definida em continuação, nem descreverá a natureza e os termos da presente ordem, a matéria em apreço se referindo...”

O homem magro atrapalhou-se ao virar a página enquanto o editor, sua secretária, o editor de assuntos nacionais, o subeditor de assuntos internacionais e o diretor administrativo se inclinavam na direção do oficial de justiça, esperando.

“... a todas as cópias fotográficas, ou versões de tais cópias, sejam elas estampadas, desenhadas, pintadas ou produzidas por qualquer outro meio, das feições do senhor John Julian Garmony, morador no número 1, Carlton Gardens...”

“Garmony!”

Todo mundo começou a falar ao mesmo tempo, com o que se perderam os floreios retóricos finais do homem magro que usava um terno dois números abaixo do que devia. Tratava-se de proibições de caráter genérico, mas o jornal nada tinha contra Garmony, nada mesmo. Vernon chegou ao escritório, fechou a porta empurrando-a com o pé e discou um número no telefone.

“George. Essas fotografias são do Garmony.”

“Não vou dizer nada até você chegar aqui.”

“Já recebi uma injunção de um oficial de justiça.”

“Falei a você que elas eram quentes. Acho que será irresistível sua argumentação sobre o interesse do público em ser informado.”

Tão logo Vernon desligou, recebeu uma chamada em sua linha particular. Era Clive Linley. Vernon não o vira desde o funeral.

“Preciso falar com você sobre um assunto.”

“Clive, este realmente não é o melhor momento para mim.”

“Não, preciso mesmo te ver, é importante. Que tal hoje à noite, depois do trabalho?”

Havia um peso na voz de seu velho amigo que levou Vernon a relutar em se livrar dele. Apesar disso, fez uma débil tentativa.

“O dia hoje está muito agitado...”

“Não vai tomar muito tempo. É importante, realmente importante.”

“Bom, olhe, vou ver o George Lane hoje à noite. Acho que posso passar por aí no caminho.”

“Vernon, fico muito agradecido a você.”

Teve alguns segundos após o telefonema para refletir sobre a atitude de Clive. Tão insistente e de uma maneira tão lúgubre, tão formal. Estava claro que alguma coisa horrível tinha acontecido, e ele começou a se sentir envergonhado por sua reação pouco generosa. Clive havia sido um amigo de verdade quando fracassou o segundo casamento de Vernon, e também ao encorajá-lo a lutar

pelo cargo de editor apesar de todas as outras pessoas dizerem ser perda de tempo. Quatro anos antes, Vernon tinha ficado de cama com uma rara virose na coluna vertebral, e Clive o visitara quase todos os dias levando livros, música, vídeos e champanhe. E em 1987, quando Vernon ficou desempregado por vários meses, Clive lhe emprestara dez mil libras. Dois anos depois, Vernon descobriu por acaso que Clive havia pedido aquele dinheiro no banco. E agora, na hora da necessidade de seu amigo, Vernon se comportava como um porco.

Tentou chamar de volta, mas não houve resposta. Estava prestes a discar outra vez quando o diretor administrativo chegou com o advogado do jornal.

“Você tem alguma coisa contra o Garmony que não nos contou.”

“Absolutamente nada, Tony. É óbvio que existe algo no ar e ele entrou em pânico. Alguém deveria verificar se outros jornais também receberam a injunção.”

“Já checamos”, disse o advogado. “Ninguém recebeu.”

Tony parecia desconfiado. “E você não sabe de nada?”

“Não tenho a menor ideia. Surpresa total.”

Houve mais algumas perguntas carregadas de suspeita, assim como mais negativas da parte de Vernon.

Ao saírem, Tony disse: “Você não vai fazer nada sem nos consultar, não é, Vernon?”

“Vocês me conhecem”, ele disse, piscando um olho. Tão logo os dois se foram, pegou o telefone e começou a discar o número de Clive quando ouviu uma comoção na antessala. Sua porta foi aberta com violência e uma mulher entrou correndo, seguida de Jean (que ergueu os olhos para os céus em sinal de cumplicidade com o editor). A mulher se postou diante da escrivaninha, chorando. Trazia numa das mãos uma carta amassada. Era a revisora disléxica. Foi difícil entender tudo que ela dizia, mas Vernon captou uma linha, repetida várias vezes.

“O senhor disse que ficaria do meu lado, *prometeu!*”

Ele não tinha como saber então, mas o momento que precedeu a entrada dela na sala foi a última ocasião em que ficou sozinho até deixar o prédio às nove e meia da noite.

### 3.

Molly costumava dizer que o que mais gostava na casa de Clive era o fato de ele ter vivido tanto tempo lá. Em 1970, quando a maioria dos seus contemporâneos ainda morava em quartos alugados e teria de esperar alguns anos até comprar o primeiro apartamento úmido num subsolo, Clive havia herdado de um tio rico e sem filhos uma imensa mansão com paredes de estuque e um estúdio duplex, no terceiro e no quarto piso, cujas vastas janelas em arco davam para o norte e para uma profusão de telhados pontiagudos. Em sintonia com os costumes da época e com sua juventude — ele tinha vinte e um anos —, Clive mandou pintar de roxo as paredes externas da casa e a encheu de amigos, quase todos músicos. Certas celebridades passaram por lá. John Lennon e Yoko Ono ficaram uma semana. Jimi Hendrix uma só noite, mas foi provavelmente responsável por um incêndio que destruiu os corrimões. À medida que a década avançou, a casa foi se acalmando. Os amigos ainda pernoitavam lá, mas somente por uma ou duas noites, e ninguém mais dormia no chão. O estuque voltou a ser cor de creme, Vernon lá viveu durante um ano, Molly passou um verão, o piano de cauda foi colocado no estúdio, instalaram-se estantes, tapetes orientais foram postos por cima do carpete gasto e vários móveis vitorianos entraram na casa. Com exceção de alguns velhos colchões, pouquíssima coisa saiu, e era disso que Molly devia gostar, pois a casa contava a história de uma vida adulta, as mudanças de gosto, as paixões que esmaeciam e a riqueza que crescia. Os primeiros talheres comprados na Woolworth permaneciam na mesma gaveta da cozinha junto ao faqueiro de prata antigo. Quadros a óleo de impressionistas ingleses e dinamarqueses estavam pendurados ao lado de pôsteres desbotados que anunciavam os primeiros triunfos de Clive ou famosos concertos de rock — os Beatles no estádio Shea, Bob Dylan na ilha de Wight, os Rolling Stones em Altamont. Alguns dos pôsteres valiam mais do que os óleos.

No início dos anos 1980, já se tratava da residência de um compositor ainda bem moço mas muito rico — a essa altura ele havia composto a música para o filme de grande sucesso de Dave Spieler, *Natal na Lua*. Em seus melhores momentos, Clive tinha a impressão de que uma certa dignidade baixava dos tetos altos e sombrios sobre os enormes e encaroçados sofás e todos os objetos comprados na Lots Road, cada um dos quais ficava a meio caminho entre velharia e antiguidade. A impressão de seriedade era reforçada quando alguma enérgica arrumadeira punha ordem nas coisas. As quase quinquilharias eram espanadas ou polidas e começavam a parecer objetos antigos. Com a partida do último morador ocasional, o silêncio na casa se tornou um convite ao trabalho. Ao longo de vários anos Clive atravessou relativamente ileso dois casamentos sem filhos. As três mulheres de quem foi mais próximo viviam no exterior. Sua companheira atual, Susie Marcellan, morava em Nova York e, quando vinha a Londres, nunca se demorava muito. O passar dos anos e todos os sucessos tinham estreitado sua vida, mas lhe deram um propósito maior. Ele se tornara, se não zeloso, bem astuto com respeito à sua privacidade. Escritores de perfis e fotógrafos já não eram convidados, e ia longe o tempo em que Clive roubava algumas horas dos amigos, amantes ou festas para subitamente compor uma abertura audaciosa ou até mesmo uma peça completa. As portas da casa haviam se fechado.

No entanto, Vernon ainda sentia prazer ao visitá-lo, pois ali passara uma fase importante de sua vida, guardando somente boas lembranças das namoradas e das noites hilariantes com o uso de várias drogas, assim como do trabalho noite adentro num quartinho situado nos fundos da casa. E isso na era das máquinas de escrever e das cópias de papel-carbono. Mesmo agora, ao descer do táxi e subir os degraus para chegar à porta da frente, voltava a experimentar, embora como simples vestígio, uma sensação que jamais tinha atualmente, uma expectativa genuína, a ideia de que tudo podia acontecer.

Quando Clive abriu a porta, Vernon não viu nenhum sinal imediato de crise ou angústia. Os dois amigos se abraçaram no hall.

“Tem champanhe na geladeira.”

Ele pegou a garrafa e duas taças, e Vernon o acompanhou escada acima. A casa estava abafada, dando a impressão de que Clive não pusera os pés na rua por um ou dois dias. Uma porta entreaberta mostrou que o quarto de dormir estava uma bagunça. Ele às vezes pedia à arrumadeira que não viesse quando estava trabalhando duro. A desordem no estúdio confirmou essa impressão. O chão estava coberto de folhas com anotações, pratos e copos sujos disputavam lugar com taças de vinho usadas em volta do piano e do teclado controlador midi no qual Clive às vezes elaborava suas orquestrações. O ar parecia pesado e úmido, como se houvesse sido respirado muitas vezes.

“Não repare na bagunça.”

Juntos, tiraram livros e papéis de cima das poltronas, e sentaram-se para tomar champanhe e conversar sobre amenidades. Clive contou a Vernon o encontro com Garmony no funeral de Molly.

“O ministro das Relações Internacionais disse realmente para você ir se foder?”, Vernon perguntou. “Podíamos ter usado isso no jornal.”

“Disse, sim. E tive mesmo de ir saindo.”

Já que falavam sobre Garmony, Vernon relatou suas duas conversas naquela manhã com George Lane. Era o tipo de história que interessava a Clive, mas ele não mostrou a menor curiosidade pelas fotografias e pela ordem judicial, como se mal estivesse ouvindo. Na verdade, pôs-se de pé tão logo ele acabou de falar. Reencheu as taças. Cresceu o silêncio que anunciava a mudança de assunto. Clive pousou a taça e foi até os fundos do estúdio, voltando devagar enquanto massageava a palma da mão esquerda.

“Tenho pensado na Molly”, disse por fim. “Na forma como ela morreu, a rapidez com que aconteceu, sua impotência, como ela não queria que fosse assim. Já falamos sobre isso.”

Fez uma pausa. Vernon bebeu e esperou.

“Bom, o negócio é o seguinte. Levei um pequeno susto recentemente...” Elevou a voz para impedir alguma manifestação de preocupação por parte de Vernon. “Provavelmente nada. Você sabe, o tipo de coisa que faz a gente suar de noite e que, de dia, parece uma idiotice. Não é sobre isso que eu quero falar. Tenho quase certeza de que não é nada, mas não há mal em te fazer uma



pergunta. Supondo que eu fique gravemente doente, como a Molly, e comece a ir para o buraco, cometa erros terríveis, você sabe, erros de julgamento, não saber o nome das coisas ou quem eu sou, esse tipo de coisa. Gostaria de saber que haveria alguém capaz de me ajudar a resolver isso... quer dizer, me ajudar a morrer. Especialmente se eu chegar ao ponto em que eu mesmo não possa tomar a decisão ou executá-la. Por isso, o que estou dizendo é o seguinte — estou te pedindo, como meu mais velho amigo, que me ajude se a coisa chegar ao ponto em que você possa ver que seria mais acertado fazer isso. Como teríamos ajudado a Molly se houvéssemos sido capazes...”

Clive não completou a frase, algo desconcertado com o fato de que Vernon olhava fixamente para ele com a taça erguida, como se congelado no ato de beber. Clive limpou a garganta ruidosamente.

“Sei que é uma coisa estranha de pedir. Também sei que é ilegal neste país, e não quero que você faça nada contrário às leis, presumindo, é óbvio, que diga sim. Mas há maneiras e lugares, e, se for necessário, quero que você me ponha num avião. É uma enorme responsabilidade, alguma coisa que eu só pediria a um amigo do peito como você. Tudo que posso dizer é que não estou em pânico nem nada. Pensei muito no assunto.”

Então, como Vernon continuasse em silêncio e a olhá-lo fixamente, ele acrescentou sem jeito: “Bom, era o que eu tinha a dizer”.

Vernon pousou a taça e coçou a cabeça, levantando-se logo depois.

“Não quer falar sobre esse susto que você levou?”

“Não, de jeito nenhum.”

Vernon deu uma olhada no relógio. Estava atrasado para o encontro com George. “Está bem, não é pouca coisa o que você está me pedindo. Vou pensar nisso.”

Clive concordou com a cabeça. Vernon caminhou até a porta e desceu as escadas na frente do amigo. Abraçaram-se outra vez no hall. Clive abriu a porta e Vernon saiu para a noite.

“Vou ter que pensar nisso.”

“Sem dúvida. Obrigado por ter vindo.”

Ambos compreenderam que a natureza do pedido, a intimidade nele implícita e o reflexo que teria no relacionamento dos dois havia criado, naquele momento, uma proximidade emocional desconfortável. A melhor maneira de lidar com ela era se afastarem sem mais uma palavra, Vernon caminhando rapidamente pela rua em busca de um táxi, Clive voltando a subir as escadas rumo a seu piano.

## 4.

O próprio Lane abriu a porta de sua mansão em Holland Park.

“Você está atrasado.”

Vernon, certo de que George estava desempenhando o papel do chefe da imprensa que convoca seu editor, não se deu o trabalho de pedir desculpas e nem mesmo de responder, seguindo seu anfitrião ao cruzarem o bem iluminado corredor até a sala de visitas. Por sorte, nada havia ali para lembrar Vernon de Molly. A sala era mobiliada no que ela certo dia descrevera como “estilo palácio de Buckingham”: grosso carpete cor de mostarda, grandes sofás e poltronas num tom acinzentado de rosa com desenhos em relevo de vinhas e arabescos, quadros a óleo em tons de marrom retratando cavalos de corrida na grama, e reproduções de Fragonards em imensas molduras douradas mostrando senhoras bucólicas em balanços, toda aquela opulência vazia iluminada por abajures de bronze laqueados. George foi até o maciço aquecedor a gás cercado de mármore, que imitava uma lareira de carvão, e se voltou.

“Aceita um porto?”

Vernon se deu conta de que nada comeria depois do sanduíche de queijo e alface no almoço. Por que a casa de George o fazia se sentir tão irritado? E o que George estava fazendo, metido naquele robe de seda por cima das roupas de rua? O sujeito era simplesmente ridículo.

“Obrigado, aceito, sim.”

Sentaram-se a uns seis metros de distância, com a imitação de lareira soltando silvos entre eles. Caso ficasse sozinho por meio minuto, Vernon pensou, poderia ir até o guarda-fogo e bater nele com o lado direito da cabeça. Agora não se sentia bem nem mesmo quando acompanhado.

“Eu vi os números do serviço de verificação de vendas”, disse George em tom sóbrio. “Bem ruinzinhos!”

“O ritmo de queda está ficando mais lento”, foi a resposta automática de Vernon, seu mantra.

“É, mas continua a cair.”

“Leva tempo para inverter essas coisas.” Vernon provou o porto e se protegeu com a lembrança de que George possuía apenas um e meio por cento do *Judge* e não entendia nada do negócio. Era útil lembrar também que sua fortuna, seu “império” editorial, estava baseado na ativa exploração da imbecilidade alheia: códigos numéricos ocultos na Bíblia que previam o futuro, os incas como extraterrestres, o Santo Graal, a Arca da Aliança, a Segunda Vinda, o Terceiro Olho, o Sétimo Selo, o fato de que Hitler estava vivo e passava muito bem no Peru. Não era fácil receber lições de George Lane sobre coisa nenhuma.

“Eu acho”, ele estava dizendo, “que você precisa agora de um grande furo, alguma coisa que realmente pegue fogo, que faça seus concorrentes correrem atrás.”

O que era necessário para que a circulação parasse de cair era que começasse a subir. Mas Vernon manteve uma expressão neutra, pois sabia que George queria chegar às fotografias.

Vernon resolveu acelerá-lo. “Temos uma boa história na sexta-feira, sobre irmãos siameses que trabalham no governo...”

“Pô!”

Funcionou. George levantou-se subitamente.

“Isso não é uma história, Vernon. É uma babacada. Vou te mostrar uma história. Vou te mostrar por que o Julian Garmony correu para o tribunal se cagando de medo! Vem comigo.”

Voltaram ao hall, atravessaram a cozinha e seguiram por um corredor estreito até uma porta que George abriu com uma chave Yale. Como parte dos complexos arranjos matrimoniais do casal, Molly morava numa ala separada da casa, onde recebia seus convidados e mantinha suas coisas. Ela assim se poupava de ver velhos amigos sufocarem o riso diante da pomposidade de George, enquanto ele evitava que a maré de desordem gerada por Molly engolfasse os aposentos usados em suas recepções. Vernon tinha visitado diversas vezes as acomodações de Molly, mas sempre usava a entrada externa. Agora, quando George abriu a porta, Vernon ficou tenso. Sentiu-se despreparado. Teria preferido ver as fotografias na parte da casa ocupada por George.

Na semiescuridão, durante os segundos em que George tateou em busca do interruptor, Vernon sentiu pela primeira vez por inteiro o impacto da morte de Molly — a simples circunstância de sua ausência. O reconhecimento foi causado pelos cheiros que lhe eram familiares e que ele já começava a esquecer — seu perfume, seus cigarros, as flores secas mantidas no quarto de dormir, os grãos de café, o calor de confeitaria de suas roupas lavadas na máquina. Ele falara e também pensara bastante sobre ela, mas só por breves períodos durante seus dias atarefados ou ao cair no sono, porém até então não tinha de fato sentido a falta dela em seu coração, ou admitido a ignomínia de saber que nunca mais a veria ou ouviria de novo. Ela havia sido sua amiga, talvez a melhor de todas, e agora se fora. Ele quase fez um papelão diante de George, cujo vulto se embaçava naquele momento. Aquele tipo especial de desolação, um aperto doloroso atrás do rosto e acima do céu da boca, era algo que ele não sentia desde criança, desde a escola primária. Saudade de Molly. Escondeu um arquejo de autocomiseração por trás de uma tosse de adulto.

O lugar estava exatamente como ela o deixara no dia em que por fim havia concordado em se mudar para um quarto na casa principal, sendo a partir de então aprisionada e tratada por George. Ao passarem pelo banheiro, Vernon viu de relance uma saia, da qual se recordava, pendurada no porta-toalhas, enquanto uma toalha e um sutiã jaziam no chão. Mais de um quarto de século antes, ela e Vernon tinham dividido por quase um ano o minúsculo apartamento de mansarda na Rue de Seine. Havia sempre toalhas molhadas no chão, cataratas de roupas de baixo caindo das gavetas que ela nunca fechava, uma enorme tábua de passar roupa que jamais era dobrada e guardada, e, no único e entupido armário, vestidos apertados uns contra os outros como passageiros no metrô. Revistas, maquiagem, extratos bancários, colares de contas, flores, calcinhas, cinzeiros, convites, tampões, lps, passagens aéreas, sapatos de salto alto — não existia superfície que não estivesse coberta por alguma coisa pertencente a Molly, de tal modo que, quando Vernon precisava trabalhar em casa, ia escrever num café na rua onde moravam. E, no entanto, a cada manhã ela ressurgia

fresca como uma flor daquela concha de desordem juvenil, tal qual a Vênus de Botticelli, a fim de se apresentar não nua, é óbvio, mas elegantemente arrumada nos escritórios da *Vogue* de Paris.

“Aqui”, disse George, conduzindo-o à sala de visitas. Havia um grande envelope pardo em cima de uma cadeira. Enquanto George o apanhava, Vernon teve tempo de dar uma olhada a seu redor. Ela poderia entrar a qualquer momento. Um livro sobre jardins italianos estava no chão com as páginas abertas e, numa mesinha baixa, três taças de vinho exibiam uma camada de mofo verde-acinzentado. Talvez ele próprio houvesse bebido de um deles. Tentou recordar-se de sua última visita, mas as ocasiões se embaralhavam. Tinham conversado longamente sobre sua mudança para a casa principal, coisa que a apavorava e à qual resistia, sabendo que seria uma viagem sem retorno. A alternativa era uma casa de saúde. Vernon e todos os outros amigos a aconselharam a ficar em Holland Park, acreditando que a familiaridade com o ambiente lhe seria mais benéfica. Como estavam errados! Mesmo submetida ao mais estrito regime disciplinar, ela gozaria de maior liberdade do que se comprovou ser o caso sob os cuidados de George.

Ele fez sinal para que Vernon tomasse uma cadeira, comprazendo-se com a situação enquanto retirava as fotografias do envelope. Vernon pensava ainda em Molly. Durante seu declínio, teria havido momentos de lucidez em que se sentiu abandonada pelos amigos que não vinham visitá-la, sem saber que George os barrava? Se praguejou contra seus amigos, sem dúvida teria praguejado contra Vernon.

George pôs as fotografias no colo — três de dezoito por vinte e quatro — voltadas para baixo. Estava se deleitando com o que interpretou, dado o silêncio de Vernon, como uma impaciência que o deixara sem palavras. Aumentou a suposta agonia falando lentamente.

“Antes de tudo, devo dizer uma coisa. Não sei por que razão ela tirou essas fotos, mas o certo é que só pôde fazer isso com o consentimento de Garmony. Ele está olhando diretamente para a lente. Os direitos autorais eram dela e, como único inventariante, as

fotografias na verdade me pertencem. Desnecessário dizer, espero que o *Judge* proteja suas fontes.”

Separou uma e a passou. Por um momento, não fez nenhum sentido, uma mistura de lustrosos pretos e brancos, mas logo se definiu como um meio *close-up*. Incrível. Vernon estendeu a mão para receber outra: corpo inteiro, recortada para destacar a figura. Depois a terceira, perfil de três quartos. Voltou à primeira, todos os seus outros pensamentos de repente dispersados. Estudou de novo a segunda e a terceira, vendo-as agora como um todo e sendo invadido por diferentes reações: de início, pasmo, seguido de intensa hilaridade interna. O esforço para suprimi-la o fez sentir que levitava acima da cadeira. Experimentou mais tarde uma profunda responsabilidade — ou seria poder? A vida de um homem, ou pelo menos sua carreira, estava nas mãos dele. E, quem sabe, Vernon talvez pudesse mudar para melhor o futuro do país. Bem como a circulação de seu jornal.

“George”, disse por fim, “preciso pensar nisso com muito cuidado.”

## 5.

Meia hora depois, Vernon saiu da casa de George levando o envelope. Fez parar um táxi e, tendo pedido ao motorista que ligasse o taxímetro mas não começasse a rodar, ficou sentado por alguns minutos no banco de trás, acalmado pelo ronronar do motor, massageando o lado direito da cabeça e refletindo sobre o que fazer. Finalmente, pediu ao motorista que seguisse para South Kensington.

A luz do estúdio estava acesa, porém Vernon não tocou a campainha. No topo dos degraus rabiscou um bilhete que imaginou seria lido em primeiro lugar pela arrumadeira e que, por isso, manteve vago. Dobrou-o duas vezes antes de empurrá-lo por baixo da porta da frente e correr de volta ao táxi. *Sim, com uma única condição: que você faça o mesmo por mim. V.*





# 1.

Como Clive tinha previsto, era difícil desenvolver a melodia enquanto permanecesse em seu estúdio de Londres. Fazia tentativas todos os dias, pequenos esboços, incursões audaciosas, porém só produzia citações bem ou mal disfarçadas de seus próprios trabalhos. Nada jorrava num idioma próprio, com segurança, oferecendo um elemento de surpresa que garantiria sua originalidade. A cada dia, abandonando a tentativa, ele se entregava a tarefas mais fáceis e enfadonhas, tais como aprimorar as orquestrações, reescrever páginas confusas do manuscrito e elaborar a resolução deslizante de acordes menores que marcava a abertura do movimento lento. Três compromissos espaçados ao longo de um período de oito dias o impediam de partir para o Lake District: meses antes aceitara participar de um jantar beneficente; como favor para um sobrinho que trabalhava numa estação de rádio, concordara em fazer uma palestra de cinco minutos; e se deixara persuadir a julgar um concurso de composições numa escola local. Por fim, foi obrigado a atrasar mais um dia a partida porque Vernon pediu para vê-lo.

Durante esse tempo, quando não estava trabalhando, Clive estudava seus mapas, passava cera líquida nas botas de caminhada e verificava todo o equipamento — coisa importante ao se planejar uma caminhada de inverno nas montanhas. Seria possível escapar daqueles compromissos invocando os privilégios do artista livre, mas ele odiava esse tipo de arrogância. Tinha diversos amigos que usavam o expediente de se passarem por gênios quando interessava, deixando de comparecer a um ou outro evento por crer que as dificuldades assim causadas apenas aumentariam o respeito pela natureza imperativa de sua vocação artística. Essas pessoas — e os escritores eram os piores — conseguiam convencer amigos e familiares de que não só suas horas de trabalho eram importantes, mas que também qualquer soneca ou caminhada, quaisquer episódios de silêncio, depressão ou embriaguez tinham uma justificativa superior. Segundo Clive, isso servia apenas para

mascarar a mediocridade deles. Não tinha dúvida de que sua própria responsabilidade criativa era algo sublime, mas a falta de educação não fazia parte dela. Talvez a cada século houvesse uma ou duas exceções: Beethoven, sim; Dylan Thomas, *certamente não*.

Não disse a ninguém que estava empacado na sua obra. Em vez disso, anunciou que ficaria fora por uns dias para descansar e fazer caminhadas. Na verdade, não se sentia minimamente bloqueado. Às vezes o trabalho era mesmo duro, e se tornava necessário fazer o que a experiência ensinara ser mais eficiente. Por isso, ele permaneceu em Londres, participou do jantar, deu a palestra, julgou o concurso e, pela primeira vez na vida, teve um desentendimento sério com Vernon. Só no primeiro dia de março chegou à estação Euston e encontrou um compartimento de primeira classe vazio no trem para Penrith.

Ele gostava das longas viagens de trem devido ao ritmo tranquilizante que imprimiam a seus pensamentos — exatamente o que necessitava após a confrontação com Vernon. Mas não foi tão fácil quanto deveria ser acomodar-se no compartimento. Caminhando pela plataforma num estado de espírito sombrio, ele percebera certo desequilíbrio em suas passadas, como se uma perna houvesse ficado mais comprida que a outra. Tão logo localizou seu assento, tirou o sapato e descobriu uma massa negra e achatada de goma de mascar profundamente incrustada nas ranhuras em zigue-zague da sola. Com o lábio superior contraído num esgar de asco, ele ainda arrancava, cortava e raspava com um canivete de bolso quando o trem se pôs em marcha. Sob a pátina de sujeira, a goma ainda era ligeiramente rosada, cor de carne, e o cheiro de hortelã tênue porém reconhecível. Que coisa mais repulsiva, o contato íntimo com algo saído da boca de um estranho, a vulgaridade infinita de gente que mastigava um chiclete e o deixava cair dos lábios onde quer que estivesse! Depois de lavar as mãos, passou alguns minutos procurando desesperadamente pelos óculos de leitura (que estavam no assento ao lado) e então se deu conta de que não havia trazido um lápis. Quando por fim dirigiu a atenção para fora da janela, uma misantropia que não lhe era estranha havia se apoderado dele e, na

paisagem urbana que deslizava diante de seus olhos, Clive só viu feiura e atividade sem sentido.

No seu canto da zona oeste de Londres e ao cumprir as rotinas diárias em que não dava muita atenção ao que existia à sua volta, era fácil para Clive imaginar a civilização como o somatório de todas as artes, juntamente com o *design* de qualidade, boas comidas, bons vinhos e coisas do gênero. Mas agora ela parecia ser o que realmente era — quilômetros quadrados de casas modernas e ordinárias cujo principal propósito consistia em sustentar as antenas de tv; fábricas produzindo coisas sem valor para serem anunciadas nas televisões; e, em lúgubres pátios, caminhões fazendo filas para distribuí-las; fora disso, estradas e a tirania do tráfego. Parecia a manhã seguinte de uma festa da pesada. Ninguém gostaria que fosse assim, mas ninguém fora consultado. Ninguém o planejara, mas a maioria das pessoas tinha de viver ali. Vendo aquilo quilômetro após quilômetro, quem poderia imaginar o que eram a bondade e a imaginação, quem poderia imaginar que Purcell ou Britten, Shakespeare ou Milton jamais tivessem existido? Depois que o trem ganhou velocidade e se afastou mais e mais de Londres, ocasionalmente o campo surgia e, com ele, vestígios de beleza, ou a memória dela, até que segundos depois o encanto se dissolvia quando um rio virava um canal com margens de concreto ou se via uma imensa plantação sem sebes e sem árvores. E haja estradas, novas estradas se insinuando sem cessar, sem pejo, como se a única coisa importante fosse ir de um lugar para outro. No que concernia ao bem-estar de qualquer outra forma de vida na Terra, o projeto humano não era apenas um fracasso, mas um erro desde o começo.

Se alguém era culpado, esse alguém era Vernon. Clive já havia feito aquele percurso diversas vezes sem nunca se sentir deprimido por causa da paisagem. Não podia responsabilizar o chiclete ou um lápis esquecido. A discussão deles na noite anterior ainda soava em seus ouvidos, e ele temia que os ecos o perseguiriam nas montanhas, destruindo sua paz. E não era só o estridor das vozes que ele ainda carregava consigo, mas a crescente decepção com o comportamento de seu amigo, uma sensação cada vez maior de que nunca conhecera Vernon realmente. Desviou o olhar da janela. E

pensar que, uma semana antes, ele lhe tinha feito um pedido muito íntimo e especial. Que erro aquilo havia sido, sobretudo depois que a sensação na sua mão esquerda desaparecera por completo. Nada mais que uma tola ansiedade causada pelo funeral de Molly. Um desses acessos ocasionais de medo da morte. Mas quão vulnerável ele se mostrara naquela noite! Não servia como consolo o fato de Vernon ter pedido o mesmo a ele: só lhe custara um bilhete garatujado às pressas e enfiado por baixo da porta. E talvez isso fosse típico de certo... desequilíbrio na amizade deles, um desequilíbrio que sempre existira e do qual Clive sempre soubera no fundo do coração, mas que sempre negara, infeliz consigo próprio por nutrir pensamentos tão indignos. Isso até agora. Sim, certa assimetria na amizade deles que, caso desejasse mesmo pensar nela, tornava a confrontação da noite anterior menos surpreendente.

Por exemplo, e isso tinha sido muito tempo antes, Vernon morou em sua casa durante um ano inteiro sem nunca se oferecer para pagar aluguel. E não era verdade que, ao longo dos anos, fora Clive e não Vernon quem sempre pagara a festa — em todos os sentidos? Vinho, comida, lugar para morar, os músicos e outras companhias interessantes, as iniciativas que levaram Vernon a casas alugadas com gente divertida na Escócia, nas montanhas do norte da Grécia, nas praias de Long Island. Quando é que Vernon havia proposto ou arranjado algum prazer fascinante? Quando é que Clive fora recebido pela última vez na casa de Vernon? Talvez três ou quatro anos antes. Por que nunca tinha agradecido corretamente o ato de amizade que o levava a tomar emprestada uma grande quantia a fim de ajudar Vernon numa hora difícil? Quando tivera uma infecção na coluna, Clive o visitara quase todos os dias; quando Clive escorregara na calçada em frente à sua casa e quebrara o tornozelo, Vernon havia mandado sua secretária lhe levar um saco com livros cedidos gratuitamente ao *Judge* pelas editoras.

Trocando em miúdos, que benefício Clive derivava daquela amizade? Ele tinha dado, mas o que recebera em troca? O que os ligava? Tinham compartilhado Molly, havia os anos acumulados e os hábitos da amizade, porém nada de concreto no centro, nada para Clive. Uma explicação generosa para o desequilíbrio poderia passar

pela passividade e ensimesmamento de Vernon. Agora, depois da noite anterior, Clive se inclinava a ver tais coisas como partes de um fato maior — a falta de princípios de Vernon.

Do lado de fora da janela do compartimento, sem que Clive o visse, passou célere um bosque de árvores decíduas, sua geometria hibernal coberta com uma camada de prata pela geada que não se derreteria. Adiante, um rio seguia vagaroso entre as bordas de juncos marrons e, para lá da planície aluvial, pastagens geladas eram recortadas por muros de pedras superpostas. Nas cercanias de uma cidade que parecia enferrujada, o terreno de alguma indústria abandonada voltava a ser uma floresta: mudas em canos plásticos se estendiam até quase o horizonte, enquanto tratores espalhavam terra por toda a área. Mas Clive olhava em frente, para o assento vazio, absorto nos pormenores daquela ardorosa contabilidade social, inconscientemente distorcendo e colorindo o passado através do prisma de sua infelicidade. Outros pensamentos o ocupavam vez por outra, e ele leu durante algum tempo, mas o tema de sua viagem rumo ao norte foi a longa e cuidadosa redefinição de uma amizade.

Algumas horas depois, tendo chegado a Penrith, sentiu um grande alívio ao deixar para trás aquelas meditações mórbidas e caminhar pela plataforma com suas malas em busca de um táxi. Eram mais de trinta quilômetros até Stonethwaite e ele ficou feliz em esquecer tudo batendo papo com o motorista. Como era um dia de semana fora da alta estação, não havia outros hóspedes no hotel. Ele tinha pedido o mesmo quarto que já ocupara três ou quatro vezes no passado, o único que dispunha de uma mesa onde poderia trabalhar. Apesar do frio, abriu a janela de par em par enquanto desfazia as malas a fim de respirar o ar inconfundível de Lakeland no inverno — água com gosto de turfa, pedras molhadas, terra musguenta. Jantou sozinho no bar sob o olhar atento de uma raposa empalhada, presa numa caixa de vidro enquanto armava um bote predatório. Após breve caminhada nas trevas que envolviam o estacionamento do hotel, entrou, se despediu da garçonete e subiu para seu minúsculo quarto. Tendo lido durante uma hora, deitou-se no escuro ouvindo o cascatear do riacho engrossado pelas chuvas, sabendo que seu tema

inevitavelmente retornaria e seria melhor se entregar a ele agora do que levá-lo para o passeio do dia seguinte. Não era a desilusão que o pressionava naquele momento. Havia sua memória da conversa e algo mais, o que tinha sido dito e o que ele gostaria de ter dito a Vernon depois de algumas horas de reflexão. Tratava-se de lembrar mas também de fantasiar: ele imaginou uma peça teatral em que desse a si próprio as melhores falas, linhas ressonantes de uma razoabilidade tingida de tristeza, acusações tão mais severas e irrespondíveis graças à concisão e controle emocional com que eram enunciadas.

## 2.

O que efetivamente aconteceu foi o seguinte: Vernon telefonou no final da manhã usando palavras tão parecidas com as que Clive empregara na semana anterior que pareciam uma citação propositada, a cobrança brincalhona de uma dívida. Vernon necessitava falar com ele, era muito urgente, pelo telefone não dava, tinha de *vê-lo*, precisava ser hoje.

Clive hesitou. Havia pensado em tomar o trem da tarde para Penrith, porém disse: "Bom, apareça aqui que eu faço o jantar".

Reformulou seus planos de viagem, pegou na cave dois bons vinhos da Borgonha e cozinhou. Vernon chegou com uma hora de atraso, e a primeira impressão de Clive foi que seu amigo tinha perdido peso. O rosto estava mais comprido, mais magro e não barbeado, o casacão sobrava no corpo, sua mão tremia quando pousou a maleta no chão e aceitou um copo de vinho.

Emborcou o Chambertin Clos de Bèze como se fosse uma cerveja e disse: "Que semana, que semana terrível!". Mostrou o copo para ser reenchido, e foi servido por Clive, feliz de não ter começado com o Richebourg.

"Passamos três horas no tribunal hoje de manhã e ganhamos. Qualquer um imaginaria que a coisa acabava aí. Mas todo o pessoal do jornal se juntou contra mim, quase todo. O prédio está em polvorosa. É um fenômeno que o jornal tenha saído hoje de noite. Os funcionários estão reunidos neste momento e tenho certeza de que vão aprovar uma resolução dizendo que não confiam em mim. A diretoria e o conselho estão firmes, isso é bom. Mas vai ser uma briga de morte."

Clive fez sinal para que ele sentasse e Vernon desabou na cadeira. Fincando os cotovelos na mesa da cozinha, cobriu o rosto com as mãos e se queixou: "Esses frescos filhos da puta. Estou tentando salvar aquela bosta daquele jornal e seus empregos de merda. Preferem perder tudo a errar uma porra numa concordância verbal. Não entendem como é o mundo real. Mereciam morrer de fome".



Clive não tinha ideia do que Vernon estava falando, mas continuou calado. Como o copo dele voltara a ficar vazio, Clive o encheu de novo e se afastou para tirar os dois franguinhos do forno. Vernon trouxe com esforço sua maleta para o colo. Antes de abri-la, respirou fundo para se acalmar e tomou outro grande trago de Chambertin. Soltou os fechos, hesitou e começou a falar em voz mais baixa.

“Olhe, eu gostaria de conhecer sua opinião sobre isso não apenas porque há uma vinculação pessoal e você já sabe um pouco do que se trata. Mas o mais importante é que não trabalha em jornal e preciso de uma visão de fora. Acho que vou enlouquecer...”

A última frase soou como um murmúrio dirigido a ele próprio enquanto rebuscava a maleta e pescava um grande envelope reforçado com papelão, do qual retirou três fotografias em preto e branco. Clive apagou o fogo debaixo das panelas e sentou-se. A primeira foto que Vernon lhe passou mostrava Garmony num vestido simples que ia até os joelhos, posando como se estivesse numa passarela, os braços um pouco afastados do corpo, um pé na frente do outro, uma pontinha da alça do sutiã aparecendo. O rosto estava maquiado, mas não de modo exagerado, pois sua palidez natural ajudava e o batom brindara com um arco sensual seus lábios finos e severos. Os cabelos pertenciam sem dúvida a Garmony, curtos, ondulados e repartidos do lado, o que lhe dava uma aparência ao mesmo tempo bem cuidada e dissoluta, além de ligeiramente bovina. Não se tratava de uma fantasia ou de uma brincadeira diante da câmera. A expressão tensa e autocentrada revelava um homem motivado sexualmente. O olhar fixado na lente era deliberadamente sedutor. A iluminação suave denotava capricho e perícia.

“Molly”, Clive disse, mais para si mesmo.

“Acertou em cheio”, disse Vernon. Ele o observava com avidez, aguardando uma reação; em parte para ocultar seus pensamentos, Clive continuou a estudar a fotografia. O que sentiu de início foi mero alívio por conta de Molly. O enigma fora resolvido. Era isso que a havia atraído em Garmony, a vida secreta, sua vulnerabilidade, a confiança que terá reforçado os laços entre os dois. Ah, minha querida Molly! Ela teria sido criativa e jovial, estimulando-o, fazendo-

o avançar mais e mais nas fantasias que a Câmara Baixa era incapaz de preencher — e ele teria sabido que podia confiar nela. Se Molly tivesse ficado doente de outra maneira, ela teria cuidado de destruir as fotografias. Será que aquilo teria alguma vez ido além do quarto? Restaurantes em cidades estrangeiras? Duas mulheres saindo juntas? Molly teria sabido como fazê-lo. Conhecia as roupas e os lugares, teria adorado a conspiração e o divertimento, a tolice e a sexualidade. Clive voltou a lembrar como a amava.

“E então?”, Vernon perguntou.

Evitando responder, Clive estendeu a mão para pegar outra fotografia. Nessa, em que apareciam apenas a cabeça e os ombros, o vestido de Garmony era mais sedoso e feminino. Havia uma linha rendada bastante simples nas mangas curtas e no decote. Talvez estivesse usando uma peça de *lingerie*. O efeito era menos exitoso, desmascarando por completo a masculinidade e a emoção subjacentes, as esperanças inatingíveis causadas pela confusão de papéis. A engenhosa iluminação de Molly era incapaz de dissolver a mandíbula de uma cabeça de bom tamanho ou a protuberância do pomo de adão. Sua imagem e o que ele imaginava ser sua aparência eram talvez bem distantes. Essas fotografias deveriam ser ridículas, *eram* ridículas, porém Clive ficou perplexo. Sabemos tão pouco sobre os outros. Permanecemos em geral submersos, como *icebergs*, com nossas identidades sociais visíveis projetando apenas o que temos de branco e frio. Aqui estava uma rara visão do que fica sob as ondas, da privacidade e dos distúrbios de um homem, de sua dignidade demolida pela necessidade esmagadora da fantasia pura, do pensamento puro, pelo irreduzível elemento humano — a mente.

Pela primeira vez Clive contemplou o que seria sentir benevolência para com Garmony. Molly havia tornado isso possível. Na terceira fotografia ele usava um casaqueto tipo Chanel e seu olhar estava voltado para cima; em alguma tela mental de identidade ele era uma mulher modesta e verossímil, mas, para um observador, o que transparecia era uma evasão. Encare a verdade, você é um homem! Ele estava melhor olhando diretamente para a câmera, nos confrontando com sua veleidade.

“E então?” Vernon estava ficando impaciente.

“Extraordinário.”

Clive devolveu as fotografias. Não podia raciocinar com clareza tendo as imagens ainda sob sua vista. “Então você está lutando para impedir que elas sejam publicadas”, ele disse.

Tratava-se em parte de uma troça, em parte de uma provocação, juntamente com o desejo de adiar o momento em que teria de expressar seus pensamentos.

Vernon o olhava fixamente, pasmo. “Está louco? Ele é o inimigo. Acabei de te dizer, derrubamos a proibição judicial.”

“É claro. Desculpe. Não ficou claro para mim.”

“Estou pensando em publicar na semana que vem. O que você acha?”

Clive se inclinou para trás na cadeira e cruzou os dedos na nuca. “Acho”, disse cuidadosamente, “que seus funcionários têm razão. É de fato uma ideia terrível.”

“Por quê?”

“Vai arruiná-lo.”

“É evidente que vai.”

“Quer dizer, pessoalmente.”

“Claro.”

Fez-se um silêncio defensivo. Tantas objeções ocorreram a Clive que pareciam se anular umas às outras.

Vernon empurrou o copo vazio pela mesa e, enquanto este era reenchido, disse: “Não compreendo. Ele é um indivíduo venenoso. Você mesmo falou isso várias vezes”.

“Ele é vil”, Clive concordou.

“O que se diz é que ele vai disputar a liderança do partido em novembro. Seria terrível para o país se ele se tornasse primeiro-ministro.”

“Também acho”, disse Clive.

Vernon abriu as mãos. “E então?”

Houve outra pausa enquanto Clive contemplava as rachaduras no teto, formulando seus pensamentos. Por fim respondeu: “Me diga o seguinte. Você acha errado em princípio que homens se vistam de mulher?”.

Vernon gemeu. Estava começando a se comportar como um bêbado. Já devia ter tomado umas e outras antes de chegar. "Ah, Clive!"

Clive prosseguiu. "No passado você foi um apologista da revolução sexual. Defendeu os homossexuais."

"Não acredito que estou ouvindo isso."

"Defendeu peças de teatro e filmes que as pessoas queriam proibir. No ano passado mesmo você falou em favor daqueles idiotas que estavam sendo julgados por enfiar pregos no saco."

Vernon estremeceu. "Na verdade, era no pênis."

"Não é esse o tipo de manifestação sexual que você faz tanta questão de defender? Qual é exatamente o crime de Garmony que precisa ser exposto?"

"Sua hipocrisia, Clive. É ele quem advoga os enforcamentos e as chibatadas, o homem dos valores da família, o terror dos imigrantes, dos que pedem asilo, dos viajantes, das pessoas à margem da sociedade."

"Irrelevante", disse Clive.

"Óbvio que é irrelevante. Pare de falar merda."

"Se não há problema em ser um travesti, então não há problema em ser um travesti racista. O que está errado é ser racista."

Vernon soltou um suspiro, numa manifestação de falsa pena. "Preste atenção..."

Mas Clive havia descoberto sua linha de argumentação. "Se não há problema em ser um travesti, então não há problema que um pai de família também o seja. Entre quatro paredes, naturalmente. Se não há problema..."

"Clive! Me ouça. Você passa o dia em seu estúdio sonhando com sinfonias. Não tem ideia do que está em jogo. Se Garmony não for parado agora, se virar primeiro-ministro em novembro, eles têm uma boa chance de ganhar a eleição no ano que vem. Mais cinco anos! Vai haver ainda mais gente vivendo abaixo da linha de pobreza, mais gente nas prisões, mais gente sem teto, mais crime, mais desordens de rua como no ano passado. Ele vem falando a favor do recrutamento obrigatório. O meio ambiente vai sofrer, porque ele prefere agradar os homens de negócios que são seus amigos a

assinar os acordos para combater o aquecimento global. Ele quer nos tirar da Europa. Catástrofe econômica! É muito bom para você”, e aqui Vernon fez um gesto mostrando a enorme cozinha, “mas para a maioria das pessoas...”

“Cuidado”, Clive resmungou, “quando você está tomando o meu vinho.” Ele pegou o Richebourg e encheu o copo de Vernon. “Cento e cinco libras a garrafa.”

Vernon bebeu meio copo de um gole. “Exatamente meu ponto. Você não está ficando acomodado e de direita ao chegar à meia-idade, está?”

Clive respondeu à zombaria na mesma moeda. “Sabe qual é mesmo a verdade? Você está fazendo o trabalho do George. Ele está te incitando. Você está sendo usado, Vernon, e me surpreende que não compreenda isso. Ele odeia o Garmony pelo caso com a Molly. Se tivesse alguma coisa contra mim ou contra você, também iria usar.” Clive então acrescentou: “Talvez ele tenha. Será que ela tirou alguma foto sua? Numa roupa de homem-rã? Ou vestindo um *tutu*? O povo precisa saber”.

Vernon pôs-se de pé e guardou o envelope na maleta. “Vim aqui esperando ter seu apoio. Ou, pelo menos, uma conversa simpática. Não esperava receber uma porra duma ofensa.”

Saiu para o hall. Clive o seguiu sem sentir que lhe devia desculpas.

Vernon abriu a porta da rua e se voltou. Dava uma impressão de desleixo, de estar em ruínas. “Não te entendo”, disse em tom comedido. “Acho que você não está sendo franco comigo. O que é que tem realmente contra isso?”

A pergunta talvez fosse retórica. Clive deu alguns passos na direção de seu amigo e respondeu. “Por causa da Molly. Nós dois não gostamos de Garmony, mas ela gostava. Ele confiou nela, e ela respeitou essa confiança. Era alguma coisa particular entre eles. Essas são as fotografias dela, não têm nada a ver comigo, com você ou com seus leitores. Ela teria odiado o que você está fazendo. Francamente, você a está traindo.”

Depois, em vez de conceder a Vernon a satisfação de fechar a porta em sua cara, Clive deu meia-volta e se afastou rumo à cozinha

para jantar sozinho.

### 3.

Do lado de fora do hotel, encostado a um muro de pedra bruta, havia um longo banco de madeira. De manhã, após o café, Clive sentou-se ali para amarrar as botas. Embora ainda faltasse o elemento-chave do *finale*, ele tinha dois fatores importantes a seu favor. O primeiro era de caráter geral: sentia-se otimista. Concluía o trabalho preparatório no estúdio e, conquanto não houvesse dormido bem, estava alegre por rever sua paisagem predileta. O segundo era específico: sabia exatamente o que queria. Na verdade, estava trabalhando de trás para a frente, sentindo que o tema existia em fragmentos e sugestões no material já escrito. Ele reconheceria a coisa certa assim que ela lhe ocorresse. Na sinfonia acabada, a melodia soaria a um ouvido inocente como se já houvesse sido prenunciada ou desenvolvida em outra seção da partitura. Achar as notas constituiria um ato de síntese inspirada. Era como se as conhecesse, sem poder ainda ouvi-las. Conhecia a doçura e a melancolia sedutoras daquelas notas. Conhecia também sua simplicidade, cujo modelo, sem dúvida, era a *Ode à alegria* de Beethoven. Bastava considerar a primeira linha: alguns passos para cima, alguns passos para baixo. Podia ser uma cantiga para crianças. Era totalmente despretensiosa e, no entanto, possuía uma grande carga espiritual. Clive esperou para receber o embrulhinho trazido pela garçonete. A natureza de sua ambição era mesmo elevada: Beethoven. Ajoelhou-se no cascalho do estacionamento para guardar na mochila os sanduíches de queijo ralado.

Pendurou a mochila num ombro e tomou a trilha que levava ao vale. Durante a noite, uma frente quente havia se movido ao longo dos Lakes, derretendo a geada que se acumulara nas árvores e na campina às margens do córrego. A cobertura de nuvens era alta e uniformemente cinzenta, a luz clara e chapada, o caminho seco. Difícil encontrar condições melhores no fim do inverno. Calculou que tinha oito horas de luz solar, embora soubesse que, se ao anoitecer já houvesse deixado para trás as áreas mais altas e rochosas, seria possível encontrar o caminho de volta pelo vale usando a lanterna.

Sendo assim, tinha tempo para subir o Scafell Pike, mas podia deixar para tomar a decisão final ao chegar à Esk Hause.

Durante a primeira hora ou pouco mais, após dobrar para o sul na Langstrath, sua sensação geral de otimismo não impediu que o invadisse a inquietude ocasionalmente produzida pela solidão nos espaços abertos. Não conseguiu evitar, num devaneio complexo, a impressão de que alguém se ocultava atrás de uma pedra esperando para matá-lo. Vez por outra, olhava por cima do ombro. Conhecia bem essa sensação porque costumava fazer longas caminhadas sozinho. Havia sempre uma relutância a ser superada. Era um ato de vontade, uma luta contra o instinto, se afastar das pessoas, do abrigo, do calor e da ajuda. Um senso de escala dado pela perspectiva cotidiana dos aposentos e das ruas era de repente afrontado pelo vazio colossal. A massa de rochas que se erguia acima do vale era uma longa carranca esculpida em pedra. O silvo e o ribombar do córrego pertenciam à linguagem das ameaças. Sua disposição de espírito em franco declínio e todas as suas inclinações básicas lhe diziam que era uma tolice desnecessária seguir em frente, que ele estava cometendo um erro.

Clive continuou exatamente porque a perda de disposição e a apreensão eram as condições — a doença — das quais ele buscava se liberar, além de constituírem uma prova de que sua labuta diária — curvado sobre o piano durante horas — o tinha reduzido a um estado de prostração. Ele voltaria a crescer, a perder o medo. Não existia ali nenhuma ameaça, apenas uma profunda indiferença para com ele. Havia naturalmente alguns perigos, mas somente os de sempre e bem modestos: machucar-se em alguma queda, perder-se, uma mudança violenta no tempo, a noite. Lidar com tais perigos faria com que ele recuperasse o senso de controle. Em breve, as rochas perderiam qualquer significado humano, a paisagem iria adquirir toda a sua beleza e o atrair; a idade inimaginável das montanhas e a delicada malha de coisas vivas que as cobria o fariam lembrar que era parte dessa ordem e insignificante dentro dela, com isso se libertando.

Naquele dia, contudo, esse processo benéfico estava tomando mais tempo que de costume. Já caminhava havia uma hora e meia e



continuava a observar certos rochedos à sua frente imaginando o que podiam ocultar, enxergando ainda a face sombria de pedras e grama no fundo do vale com vago temor, incomodado ainda por fragmentos da conversa com Vernon. Os espaços abertos que deveriam depreciar suas preocupações, aviltavam tudo: o empenho parecia inútil. Especialmente as sinfonias: lamentáveis explosões, manifestações bombásticas, tentativas vãs de erguer uma montanha de sons. Ingente esforço. E para quê? Dinheiro. Respeito. Imortalidade. Uma forma de negar a aleatoriedade com que fomos gerados, de manter distante o medo da morte. Ele parou para apertar os laços das botas. Mais adiante, tirou o suéter e bebeu sofregamente do cantil, buscando eliminar o gosto do arenque que comera erradamente no café da manhã. Então se viu bocejando e pensando na cama em seu pequeno quarto. Mas não era possível que já estivesse cansado, nem podia voltar atrás, não depois de tudo que lhe custara estar lá.

Chegou a uma ponte sobre o córrego e sentou-se. Tinha de tomar uma decisão. Poderia cruzar ali e empreender uma subida rápida a partir do lado esquerdo do vale até o Stake Pass; ou podia continuar até o fundo do vale, usando os pés e as mãos para escalar a encosta íngreme, com uns cem metros de altura, que levava até Tongue Head. Ele não estava muito inclinado a topar uma subida difícil, mas também não via com bons olhos a possibilidade de estar cedendo à fraqueza ou à idade. Por fim resolveu seguir o curso do córrego — o esforço da escalada talvez o tirasse daquele torpor.

Uma hora mais tarde chegou ao fundo do vale, encarando o primeiro aclave íngreme e lamentando sua decisão. Começou a chover forte e, apesar do que dizia a propaganda dos caros impermeáveis que lutava para vestir, ele sabia que o esforço físico da subida o faria sentir calor. Evitando as pedras molhadas e escorregadias da parte de baixo, caminhou por taludes altos e cobertos de relva; como era de esperar, em poucos minutos seus olhos foram invadidos pelo suor e pela chuva. Aborreceu-se com o fato de que seu pulso acelerou muito rapidamente e de que precisava parar para tomar fôlego a cada três ou quatro minutos. Uma escalada daquelas devia estar perfeitamente dentro de seus

padrões de condicionamento. Bebeu mais água do cantil e foi adiante, aproveitando-se de sua solidão para grunhir e gemer a cada movimento penoso.

Caso estivesse acompanhado, poderia ter feito uma piada sobre as humilhações de ficar velho. Mas naqueles dias não tinha nenhum amigo na Inglaterra que compartilhasse de sua compulsão. Todos os seus conhecidos pareciam perfeitamente felizes em dispensar as regiões remotas — um restaurante no campo ou o Hyde Park na primavera era todo o espaço aberto de que necessitavam. Certamente não podiam afirmar que estavam totalmente vivos. Acalorado, molhado, arquejante, ele fez força para atingir uma saliência coberta de relva e lá ficou deitado, refrescando o rosto na grama enquanto a chuva tamborilava em suas costas, amaldiçoando os amigos por sua frouxidão, pela falta de apetite para viver. Eles o haviam decepcionado. Ninguém sabia onde ele se encontrava nem se importava com isso.

Depois de ouvir a chuva tamborilar durante cinco minutos no tecido dos impermeáveis, ele se levantou e continuou a subida. Mas será que o Lake District era de fato um lugar remoto? Tão erodido pelos caminhantes, cada qual de seus mais insignificantes acidentes geográficos rotulado e presunçosamente celebrado. Na verdade, não passava de um gigantesco ginásio marrom, e aquele acive servia como um conjunto de barras de parede relvadas. O que ele estava fazendo era um exercício em plena chuva.

Outros pensamentos debilitantes o perseguiram a caminho do desfiladeiro, mas, quando atingiu uma altitude maior e o terreno se tornou menos inclinado, quando a chuva cessou e as nuvens se abriram para oferecer um pequeno consolo de luz solar diluída, a coisa por fim começou a acontecer — ele passou a se sentir bem. Talvez fosse apenas o efeito das endorfinas liberadas pelo esforço muscular, ou porque ele simplesmente encontrara um bom ritmo. Ou quem sabe porque esse era um momento muito apreciado nas caminhadas de montanha, quando se chegava a um passo e, atravessado o divisor de águas, se abria a perspectiva de novos picos e vales — Great End, Esk Pike, Bowfell. Agora as montanhas eram bonitas.

Num terreno já praticamente plano, ele atravessou a grama em tufos rumo à trilha que trazia os caminhantes de Langdale. No verão, esse caminho era horrivelmente movimentado, porém naquele dia um único excursionista, vestido de azul, cruzava o largo platô, andando celeremente na direção da Esk Hause como se fosse ao encontro de alguém. Chegando mais perto, Clive viu que se tratava de uma mulher, o que o levou a se pôr no papel do homem que ela parecia tão desejosa de encontrar: esperando por ela junto a um solitário laguinho de montanha, chamando seu nome ao vê-la se aproximar, tirando da mochila a garrafa de champanhe e duas taças de prata, caminhando para ela... Clive nunca tivera uma amante, e muito menos uma esposa, que gostasse de andar no campo. Susie Marcellan, que sempre topava qualquer novidade, foi certa vez com ele às Catskills e se sentiu como se tivesse sido cruelmente exilada de Manhattan, reclamando o dia inteiro dos insetos, das bolhas nos pés e da falta de táxis.

Ao chegar à trilha, a mulher estava uns oitocentos metros à sua frente e começava a se desviar para a direita, rumo aos Allen Crags. Clive parou para permitir que ela se fosse a fim de ficar sozinho no amplo descampado. A abertura das nuvens vinha aumentando e, às suas costas, na Rosthwaite Fell, um feixe de luz incidindo sobre as samambaias redimia a reputação da cor marrom graças a fulgurantes toques de vermelho e amarelo. Guardou os impermeáveis, comeu uma maçã e refletiu sobre o trajeto a seguir. Desejava agora subir o Scafell Pike, de fato estava impaciente para começar. O percurso mais rápido tinha início na Esk Hause, porém, como se sentia fisicamente bem, pensou que poderia continuar na direção noroeste, descer para o Sprinkling Tarn e mais ainda para Sty Head, empreendendo depois a longa subida pela Corridor Route. Se descesse pelo Great End e voltasse pelo caminho que usara para subir, passando pela Langstrath, chegaria ao hotel ao anoitecer.

Por isso, saiu andando com passadas largas rumo ao topo amplo e sedutor da Esk Hause, sentindo que, afinal de contas, não havia tanta diferença entre ele nos dias de hoje e o que fora aos trinta anos, e que as dúvidas anteriores se deviam mais à sua mente que

ao corpo. Com a melhoria no estado de espírito, como suas pernas tinham ficado fortes!

Evitando as grandes cicatrizes de erosão causadas pelos excursionistas, ele fez um trajeto em curva para chegar à crista seguinte, e, como costumava acontecer, pensou em sua vida com novo alento, alegrando-se ao lembrar pequenos sucessos recentes: o relançamento de um disco com uma de suas primeiras composições para orquestra, uma menção quase reverencial à sua obra num jornal de domingo, o discurso perspicaz e bem-humorado que tinha feito ao conceder o prêmio de composição a um estudante abobalhado pela emoção. Clive pensou na totalidade de seus trabalhos, quão variados e ricos se revelavam quando ele era capaz de erguer a cabeça e apreciar o conjunto, como representavam em abstrato toda a história de sua vida. E havia tanto ainda a fazer. Pensou com afeição nas pessoas que o cercavam. Talvez tivesse sido excessivamente duro com Vernon, que apenas tentava salvar seu jornal e proteger o país das políticas deploráveis que Garmony implantaria. Ele iria telefonar para Vernon naquela noite. A amizade deles era importante demais para ser destruída por causa de um desentendimento isolado. Sem dúvida podiam concordar em ter opiniões diferentes e continuar amigos.

Esses pensamentos benignos o levaram até a crista de onde podia descortinar a longa descida para Sty Head, porém o que viu o fez soltar um urro de irritação. Espalhada por cerca de dois quilômetros de trilha, uma turma de estudantes, talvez uma centena deles, descia na direção do lago pontilhando o caminho com reluzentes agasalhos cor de laranja, azuis e verdes. Ele levaria pelo menos uma hora para ultrapassar a todos. Num instante a paisagem tinha sido transformada, domesticada, nada mais que um belo local pisoteado. Sem se dar tempo para repassar alguns de seus velhos temas — a idiotice e a poluição visual causada por anoraques fluorescentes, ou por que as pessoas se sentiam compelidas a andar em grupos tão brutalmente grandes —, ele se desviou para a direita, rumo aos Allen Craggs, recuperando o bom humor no momento em que perdeu o grupo de vista. Ele se poupou de fazer a subida exigente do Scafell Pike e, em vez disso, voltaria sem pressa para o vale

acompanhando a crista da montanha e descendo o Thornythwaite Fell.

Numa questão de minutos, assim lhe pareceu, estava de pé no topo do penhasco, retomando o fôlego e se congratulando pela mudança de planos. Tinha diante de si uma caminhada que o livro de Wainwright *The Southern Fells* descrevia como “muito interessante”: a trilha subia e descia contornando pequenos lagos de montanha, cruzando pântanos, formações rochosas e platôs de pedra até atingir os cumes de Glaramara. Fora essa a paisagem que na semana anterior o havia tranquilizado quando ele caía no sono.

Após quinze minutos de caminhada, ele subia um aclave que terminava numa grande laje inclinada e com manchas de várias cores quando finalmente aconteceu, e da forma exata que previra: ele estava desfrutando da solidão, feliz com seu corpo, a mente alegremente distante, quando ouviu a música que tanto aguardava, ou ao menos uma pista para seu formato.

Veio como um presente. Um grande pássaro cinzento voou quando ele chegou perto, soltando um agudo pio de alerta. Ao ganhar altura e se afastar rumo ao vale, o pássaro emitiu um som em três notas que ele reconheceu como sendo a inversão de certa linha que já escrevera para um flautim. Como era elegante, como era simples! Invertida a sequência, surgia a ideia de uma melodia bela e despojada em compasso quaternário, a qual ele quase podia ouvir. Mas não completamente. Ocorreu-lhe a imagem de degraus que se abriam, escorregando e descendo — como do alçapão de um sótão ou de um avião leve. Uma nota se sobrepunha à outra e sugeria a seguinte. Ele as ouviu, já as possuía — mas então se foram, deixando para trás um brilho torturante, os ecos distantes de uma pequena e triste canção. Aquela sinestesia era um tormento. As notas eram totalmente interdependentes, dobradiças pequenas e reluzentes que conduziam a melodia através de um arco perfeito. Quase as ouviu de novo ao atingir o topo da laje inclinada, parando para pegar no bolso o caderno de notas e o lápis. Não era triste de todo. Havia também um quê de humor, uma resolução otimista contra todas as expectativas. Coragem!

Ele começava a anotar às pressas os fragmentos do que tinha ouvido, esperando possuir suficiente força de vontade para fazer com que o resto se revelasse, quando tomou consciência de outro som — que não era produto de sua imaginação nem o pio de algum pássaro, mas o murmúrio de uma voz. Estava tão concentrado que quase resistiu à tentação de levantar os olhos do papel, mas não conseguiu evitar. Dando uma olhada por cima da beirada da laje, ele viu, uns dez metros abaixo, um lagunho pouco maior que uma poça grande. No lado oposto, sobre a grama que o circundava, a mulher vestida de azul que ele vira andar tão depressa. Diante dela, falando baixinho num tom monótono, um homem cujas roupas certamente não eram adequadas para passeios na montanha. Tinha o rosto longo e fino, como o de um animal com focinho. Vestia um velho paletó de *tweed*, calças de flanela cinza e uma boina de tecido, com uma espécie de cachecol branco em volta do pescoço. Possivelmente um fazendeiro das montanhas ou um amigo dela que não gostava de fazer caminhadas e desprezava a parafernália usada pelos excursionistas. Mas ali estavam para se encontrar, como Clive havia imaginado.

Aquela surpresa absoluta, aquelas figuras vívidas em meio às pedras, pareciam estar lá apenas para benefício de Clive. Como atores representando uma cena cujo sentido lhe cabia adivinhar, como se não fossem muito sérios quando fingiam desconhecer que ele os observava. O que quer que estivessem fazendo, o primeiro pensamento de Clive foi tão claro quanto um letreiro em neon: *Eu não estou aqui.*

Abaixou rapidamente a cabeça e continuou a trabalhar em suas notas. Caso juntasse agora os elementos conhecidos, poderia se afastar tranquilamente para um lugar mais remoto ao longo da crista e desenvolver o resto. Ignorou a voz da mulher ao ouvi-la. Já era difícil captar o que parecia tão claro um minuto antes. Atrapalhou-se por algum tempo e então voltou a conquistá-la, aquela qualidade de sobreposição, tão óbvia quando diante dele, tão elusiva no momento em que sua atenção se perdia. Ele estava eliminando notas tão depressa quanto as registrava, mas, quando a voz da mulher se elevou num grito repentino, sua mão se imobilizou.

Sabia que era um erro, sabia que deveria ter continuado a escrever, porém mais uma vez deu uma espiada por cima da pedra. Ela estava agora voltada na direção de Clive. Devia ter uns trinta e tantos anos. Rosto pequeno com feições de rapaz, tez morena, cabelos pretos e crespos. Como estavam discutindo, deviam se conhecer — tratava-se muito provavelmente de uma briga de marido e mulher. Ela pusera a mochila no chão e assumira uma postura desafiadora, os pés afastados, as mãos nos quadris, a cabeça levemente curvada para trás. O homem deu um passo em sua direção e a segurou pelo cotovelo. Ela se desvencilhou fazendo com o braço um forte movimento para baixo. Gritou alguma coisa e pegou a mochila, tentando acomodá-la nos ombros. Mas ele também a pegara e começou a puxar. Lutaram por alguns segundos, a mochila indo e vindo. Até que o homem levou vantagem e, com um único gesto desdenhoso, uma mera flexão do pulso, jogou a mochila no laguinho, onde ela balançou, submersa pela metade, e lentamente afundou.

A mulher deu dois passos para dentro da água, mas mudou de ideia. Quando ela voltou, o homem tentou mais uma vez tomá-la pelo braço. Durante todo esse tempo estavam falando, discutindo, porém o som de suas vozes só chegava a Clive intermitentemente. Ele continuou deitado na laje inclinada, segurando o lápis numa das mãos e, na outra, o caderno de notas. Suspirou. Deveria mesmo intervir? Imaginou-se correndo lá para baixo. Ao chegar perto deles é que se abriam várias possibilidades: o homem poderia sair na disparada; a mulher ficaria grata e, juntos, desceriam até a estrada principal passando pelo Seatoller. Mesmo essas alternativas destruiriam sua frágil aspiração. O mais provável era que o homem dirigisse sua agressão contra Clive, enquanto a mulher assistiria a tudo, impotente. Ou agradecida, pois isso também era possível. Ou ainda, caso fossem muito unidos, ambos poderiam se voltar contra ele por ter a audácia de interferir.

A mulher tornou a gritar e Clive, se apertando contra a pedra, fechou os olhos. Algo precioso, uma pequena joia, rolava para longe dele. Tinha havido outra possibilidade: em vez de subir até ali, Clive poderia ter decidido descer até Sty Head, ultrapassando os

estudantes fluorescentes, e tomar a Corridor Route rumo ao Scafell Pike. Nesse caso, o que quer que estivesse acontecendo ali teria seguido seu curso. O destino deles, seu destino. A joia, a melodia. Sua importância capital se fez sentir. Muita coisa dependia dela: a sinfonia, a celebração, seu renome, a ode à alegria do deplorado século. Ele não tinha dúvida de que aquilo que quase ouvira podia suportar tamanha carga. Em sua simplicidade residia a autoridade de toda uma vida como compositor. Também era certo o fato de não se tratar de uma melodia que simplesmente estava esperando para ser descoberta; o que ele vinha fazendo até ser interrompido era *criá-la*, forjá-la a partir do pio de uma ave, se aproveitar da passividade atenta de uma mente criativa e engajada. O que estava claro agora era a pressão da escolha: ele deveria descer e proteger a mulher, se é que ela necessitava de proteção; ou se escafeder contornando o Glaramara a fim de encontrar um local abrigado para continuar seu trabalho, se é que este já não estava perdido de vez. O que não podia era permanecer ali sem fazer nada.

Ao som de uma voz raivosa, ele abriu os olhos e se preparou para dar outra olhada. O homem a agarrara pelo pulso e tentava puxá-la, circundando o laguinho em direção ao abrigo oferecido pelo paredão rochoso que ficava bem abaixo de Clive. Ela arranhava o chão com a mão livre, talvez buscando uma pedra que servisse como arma, porém isso tornava ainda mais fácil para ele trazê-la aos solavancos. A mochila desaparecera de vista. Ele não parava de falar, sua voz outra vez baixa e monótona. Subitamente ela soltou um gemido de súplica e Clive soube exatamente o que devia fazer. Enquanto descia pela laje, se deu conta de que sua hesitação tinha sido um embuste. A decisão havia sido tomada no instante mesmo em que ele foi interrompido.

Alcançando um terreno plano, percorreu às pressas o caminho que tomara para chegar ali, descendo pelo lado oeste da crista num longo desvio em forma de arco. Vinte minutos depois encontrou uma pedra lisa que poderia ser usada como mesa e se curvou sobre ela para escrever. Não havia quase mais nada com que trabalhar. Tentava recuperar a sequência de notas, mas sua concentração estava sendo perturbada por outra voz, a voz interior e insistente da



autojustificação: quaisquer que fossem as consequências — violência, ameaça de violência, seus pedidos de desculpa envergonhados, em último caso um depoimento na delegacia —, caso ele tivesse se aproximado do casal teria arruinado um momento capital de sua carreira. A melodia não teria sobrevivido ao torvelinho psíquico. Dada a largura da crista e as numerosas trilhas que a cruzavam, seria tão fácil não tê-los encontrado! Era como se não estivesse lá. Ele não estava lá. Estava imerso em sua música. Seu destino, o destino deles, caminhos à parte. Não era o seu negócio. Seu negócio era este, bem difícil e para o qual não pedia a ajuda de ninguém.

Por fim conseguiu se acalmar e iniciou a caminhada de volta. Aqui estavam as três notas do pio do pássaro, aqui estavam elas invertidas para o flautim, e aqui estava o começo dos degraus sobrepostos que iam se abrindo...

Ficou por lá uma hora, debruçado sobre as anotações. Guardou então o caderninho no bolso e caminhou com passadas rápidas, mantendo-se sempre no lado oeste da crista e logo descendo para o platô. Levou três horas para chegar ao hotel e, mal entrou, a chuva voltou a cair. Mais uma razão para cancelar o resto de sua estadia, fazer as malas e pedir à garçonete que chamasse um táxi. Encontrara o que queria no Lake District. Poderia trabalhar de novo no trem e, chegando em casa, tocaria no piano aquela sublime sequência de notas e a encantadora harmonia que escrevera para acompanhá-la, liberando toda a sua melancólica beleza.

Sem dúvida foi a excitação criativa que o fez andar de um lado para outro no apertado bar do hotel enquanto esperava pelo táxi, parando vez por outra a fim de contemplar a raposa empalhada que armava o bote em meio à folhagem sempre-verde. Foi a excitação que o fez ir até a rua algumas vezes para ver se o carro já chegara. Estava ansioso para deixar o vale. Quando o táxi foi anunciado, correu para fora, jogou a mala no assento de trás e disse ao motorista que fosse o mais rápido possível. Queria se ver longe, desejava muito estar no trem seguindo velozmente rumo ao sul, deixando os Lakes para trás. Queria retomar o anonimato da cidade grande, o confinamento de seu estúdio. E — vinha pensando nisso

escrupulosamente — sem dúvida era a excitação que o fazia se sentir assim, não a vergonha.



# 1.

Rose Garmony acordou às seis e meia e, antes mesmo de abrir os olhos, os nomes de três crianças lhe vieram de pronto à mente: Leonora, John e Candy. Com cuidado para não despertar o marido, ela desceu da cama e alcançou o penhoar. Havia relido as anotações pouco antes de dormir, e à tarde se encontrara com os pais de Candy. Os outros dois casos eram banais: uma broncoscopia para fins de diagnóstico após a inalação de um amendoim, e a inserção de um dreno no tórax devido a um abscesso pulmonar. Candy era uma menininha quieta de origem caribenha, cujo cabelo fora penteado para trás e preso com uma fita por sua mãe no curso de todas as rotinas fatigantes de uma longa doença. A cirurgia de coração aberto duraria pelo menos três horas, possivelmente cinco, e o resultado era incerto. O pai tomava conta de uma mercearia em Brixton e tinha levado para o encontro uma cesta de abacaxis, mangas e uvas — oferenda para o deus bárbaro da faca.

A cozinha estava tomada pelo cheiro das frutas quando a sra. Garmony entrou descalça para encher a chaleira. Enquanto a água esquentava, ela atravessou o hall estreito do apartamento e foi até seu escritório arrumar os papéis na pasta, parando para dar mais uma olhada nas anotações. Ligou para o presidente do partido, que lhe havia telefonado na véspera, e depois escreveu um bilhete para o filho já crescido que dormia no quarto de hóspedes, voltando por fim à cozinha para preparar o chá. Levou a xícara até a janela e, sem afastar a cortina rendada, olhou para a rua. Contou oito deles na calçada da Lord North Street, três mais do que na mesma hora do dia anterior. Nenhum sinal ainda de câmeras de televisão ou dos policiais que o ministro do Interior tinha pessoalmente prometido. Ela devia ter obrigado Julian a ficar em Carlton Gardens, e não ali, no velho apartamento dela. Aqueles sujeitos eram supostamente competidores, mas conversavam num grupo descontraído, como se estivessem do lado de fora de um *pub* numa noite de verão. Um deles, ajoelhado no chão, prendia alguma coisa a uma vara de alumínio. Ao se levantar, examinou as janelas e deu a impressão de

tê-la visto. Ela ficou olhando, impassível, enquanto uma câmera chegava aos solavancos perto dela. Quando a câmera ficou quase na altura do seu rosto, Rose se afastou da janela e subiu para se vestir.

Quinze minutos depois deu outra espiada, dessa vez da janela da sala de visitas, dois andares acima. Ela se sentia exatamente como gostava antes de um dia difícil no hospital infantil: calma, alerta, impaciente para pôr mãos à obra. Nenhum convidado na noite anterior, nenhum vinho no jantar, uma hora estudando as anotações, sete horas de sono ininterrupto. Como não permitiria que nada destruísse esse estado de espírito, contemplou o grupo — agora havia nove — com um fascínio cauteloso. O homem tinha fechado sua vara extensível e a encostara nas grades. Um dos outros trazia uma bandeja com xícaras de café compradas na loja da Horseferry Road. O que esperavam obter que já não tivessem? E tão cedo pela manhã. Que tipo de satisfação poderiam derivar desse tipo de trabalho? E por que eram tão parecidos, esses cidadãos da calçada, como se selecionados de um *pool* genético muito reduzido? Rostos largos com papadas, homens insolentes que vestiam blusões de couro e falavam com a mesma estranha e espúria mistura de inglês popular e erudito, enunciada com um idêntico ganido ao mesmo tempo suplicante e beligerante: “Ei, aqui, por aqui, senhora Garmony! Rose!”.

Inteira e vestida e pronta para partir, ela levou o chá e os jornais matutinos para o quarto às escuras. Hesitou junto ao pé da cama. Ultimamente, os dias dele tinham sido tão miseráveis que Rose relutava em acordá-lo para mais um. Ele viera de Wiltshire dirigindo na noite anterior, e ficara acordado até tarde bebericando uísque e, como ela sabia, vendo um vídeo do filme de Bergman *A flauta mágica*. Depois pegara todas as cartas de Molly Lane, as que idiotamente satisfaziam seus anseios grotescos. Graças a Deus aquele episódio estava acabado, graças a Deus a mulher tinha morrido. As cartas ainda se encontravam espalhadas pelo carpete e ele precisaria guardá-las antes que a arrumadeira chegasse. Só o topo de sua cabeça estava visível em cima do travesseiro — cinquenta e dois anos de idade e a cabeleira ainda preta. Ela passou os dedos de leve por seus cabelos. Às vezes, quando ela passava

visita nos quartos do hospital, uma enfermeira acordava assim as crianças para que ela as examinasse, e Rose sempre se emocionava com aqueles segundos de confusão nos olhos de algum menininho ao se dar conta de que não estava em casa e que aquele toque carinhoso não era de sua mãe.

“Querido”, ela murmurou.

A voz dele chegou abafada pelo edredom. “Eles estão lá fora?”

“Nove.”

“Putá merda.”

“Tenho que correr. Eu te telefono. Pegue isso.”

Ele afastou as cobertas do rosto e sentou. “É mesmo. A menininha. Candy. Boa sorte.”

Beijaram-se de leve nos lábios enquanto ela lhe entregava a xícara. Rose fez uma carícia no seu rosto e o lembrou das cartas espalhadas pelo chão. Saiu de mansinho e desceu as escadas para ligar para sua secretária no hospital. No hall, vestiu um grosso sobretudo de lã, se olhou rapidamente no espelho, e estava prestes a pegar a pasta, chaves e cachecol quando mudou de ideia e voltou a subir. Encontrou-o, como imaginava, deitado de costas, os braços bem abertos, o chá esfriando ao lado de uma pilha de memorandos ministeriais. Não tinha havido tempo na semana anterior, com a crise e as fotos a serem publicadas no dia seguinte, uma sexta-feira, simplesmente não tinha havido um só momento em que ela houvesse sido capaz de discutir seus casos médicos com ele ou houvesse querido fazê-lo; e, embora soubesse que se lembrar dos nomes era uma aptidão dos políticos, ficou emocionada por ele haver feito o esforço. Tocou sua mão e sussurrou.

“Julian.”

“Ah, meu Deus”, ele disse sem abrir os olhos. “Primeira reunião às oito e meia. Vou ter que passar no meio daquelas víboras.”

Ela falou na voz que usava para acalmar pais desesperados; sem pressa, num tom leve e delicado, nunca grave e sério. “Tudo vai dar certo, tudo mesmo.”

Ele sorriu para Rose, sem se convencer minimamente. Ela se inclinou e falou em seu ouvido: “Confie em mim”.

De volta ao hall, deu outra olhada no espelho. Abotoou o casaco de cima a baixo e ajeitou o cachecol de modo a esconder parcialmente o rosto. Pegou a pasta e saiu do apartamento. No vestíbulo do prédio, parou diante da porta de entrada com a mão na fechadura, preparando-se para abri-la e disparar até o carro.

“Ei! Rosy! Por aqui! Agora faz cara de triste, por favor, senhora Garmony.”

## 2.

Quase ao mesmo tempo, cinco quilômetros a oeste, Vernon Halliday acordava de sonhos, e voltava a cair neles, sonhos em que corria muito, quem sabe memórias de correr vivificadas por surgirem sob a forma de sonho, sim, mais e mais rápido ao longo de corredores com um empoeirado carpete vermelho rumo a uma sala de reuniões, *atrasado*, mais uma vez atrasado, atrasado a ponto de parecer que o fazia por desprezo, correndo, da última reunião para esta, com outras sete antes do almoço, aparentemente andando mas por dentro em plena disparada, durante toda a semana apresentando seus argumentos aos furiosos gramáticos, depois ao cético conselho de administração do *Judge*, aos responsáveis pela produção, aos advogados do jornal e a seu próprio advogado, e então aos assessores de George Lane e ao Conselho de Imprensa, e num programa de televisão ao vivo, e em inumeráveis e perfeitamente esquecíveis estúdios radiofônicos sem a menor ventilação. Tal como fizera com Clive, Vernon vinha defendendo a tese de que a publicação das fotografias era uma questão de interesse público, porém de maneira elegante, de modo mais abrangente e mais rápido, com maior senso de urgência, maior precisão e abundantes exemplos, com gráficos de setores, planilhas e precedentes tranquilizadores. Mas, antes de tudo, ele estava correndo, driblando perigosamente carros em movimento para pegar táxis, saindo de táxis para cruzar imensos vestíbulos com piso de mármore e entrar em elevadores, saindo de elevadores para vencer corredores que tinham uma exasperante inclinação ascendente, obrigando-o a seguir mais devagar e se atrasar. Acordou por alguns instantes e verificou que sua mulher, Mandy, já saíra da cama, mas seus olhos se fecharam e lá estava de volta, levantando a maleta bem alto ao avançar em meio à água, ou sangue, ou lágrimas que corriam sobre o carpete vermelho que o levava a um anfiteatro onde ele subia num estrado para defender sua posição, enquanto ao redor se erguia um silêncio tão alto quanto sequoias-gigantes e, na penumbra da sala, dezenas de olhos se desviavam dos dele, e



alguém se distanciava através da serragem que cobria o picadeiro do circo, alguém que se parecia com Molly mas não respondia quando ele chamava.

Por fim, acordou de vez envolto na calma dos sons matinais — cantiga de pássaros, o rádio distante na cozinha, a porta do armário de louças sendo fechada de mansinho. Livrou-se das cobertas e ficou deitado de costas, nu, sentindo que o ar aquecido centralmente secava o suor pegajoso no seu peito. Aqueles sonhos eram apenas uma fragmentação caleidoscópica de sua semana, um comentário apropriado sobre o ritmo febricitante e as exigências emocionais, mas que omitia — com a instintiva parcialidade do inconsciente — o plano de ação, os fundamentos cuja lógica ainda em evolução de fato o mantivera mentalmente sadio. A publicação se daria no dia seguinte, sexta-feira, com uma fotografia guardada para a segunda-feira a fim de manter viva a história. E a história estuava de vida, suas perninhas eram vigorosas e ela corria mais rápido que o próprio Vernon. Durante vários dias, desde que a proibição fora suspensa, o *Judge* tinha se aferrado ao caso de Garmony, atizando e ajudando a sintonizar a curiosidade pública; graças a isso, as fotografias, que ninguém ainda vira, haviam se tornado um ícone na cultura política, objeto de discussão generalizada do Parlamento aos *pubs*, um assunto sobre o qual nenhuma figura de destaque podia se permitir o luxo de não ter opinião. O jornal havia reportado as batalhas jurídicas, o apoio gélido dos colegas fraternais do governo, as vacilações do primeiro-ministro, a “séria preocupação” dos líderes da oposição, as elucubrações das celebridades. O *Judge* abria suas páginas às denúncias dos que eram contrários à publicação, tendo patrocinado um debate na televisão sobre a necessidade de uma lei de proteção à privacidade.

Apesar das vozes discordantes, vinha surgindo um amplo consenso de que o *Judge* era um jornal decente e combativo, que o governo estava no poder por tempo demais e era financeira, moral e sexualmente corrupto, que Julian Garmony, típico do grupo dominante, não passava de um indivíduo desprezível cuja cabeça devia ser urgentemente servida numa bandeja. No correr da

semana, a circulação aumentou em cem mil exemplares, e o editor verificou que os demais executivos passavam a responder a seus argumentos com o silêncio e não com protestos; secretamente, desejavam sem exceção que ele fosse em frente desde que as objeções de princípio de cada qual constassem das atas. Vernon estava vencendo a disputa porque todos, inclusive os jornalistas de nível mais baixo, agora entendiam ser possível ganhar nas duas pontas: o jornal salvo, suas consciências mantidas imaculadas.

Ele se esticou, estremeceu, bocejou. Tinha setenta e cinco minutos antes da primeira reunião, e em breve se levantaria para fazer a barba e tomar um banho de chuveiro, mas ainda não, não enquanto se agarrasse ao único momento de tranquilidade que teria naquele dia. O corpo nu em contato com o lençol, as cobertas emboladas de uma forma libertina em volta dos tornozelos e a visão de sua genitália, àquela altura da vida ainda não ocultada pela dilatação e expansão da barriga, fizeram com que vagos pensamentos sexuais atravessassem sua mente como remotas nuvens de verão. Mas Mandy naquela hora estaria saindo para o trabalho, e sua amiga mais recente, Dana, funcionária da Câmara Baixa, se encontrava no exterior até terça-feira. Rolou para o lado e contemplou a possibilidade de se masturbar, imaginando que isso poderia ajudá-lo a limpar o cérebro para as atividades do dia. Fez alguns movimentos sem grande convicção, e logo desistiu. Atualmente, lhe faltava a dedicação, a claridade ou obscuridade mental, e o próprio ato parecia algo curiosamente antiquado e improvável, tal como fazer fogo esfregando dois gravetos.

Além disso, nos últimos tempos havia tanto na vida de Vernon para pensar, tanta coisa excitante no mundo real, que a mera fantasia não era capaz de competir. O que ele tinha dito, o que iria dizer, como suas palavras seriam recebidas, o próximo lance, as consequências ainda por vir do sucesso... À medida que os acontecimentos se aceleraram durante a semana, praticamente cada hora tinha revelado a Vernon novos aspectos de seus poderes e de seu potencial; à medida que seu dom para a persuasão e o planejamento começou a produzir resultados, ele se sentiu maior e benigno, um pouco impiedoso mas em última instância magnânimo,

capaz de resistir sozinho, lutar contra a corrente, enxergando por cima da cabeça de seus contemporâneos, sabendo que estava prestes a moldar o destino de seu país e que poderia suportar a responsabilidade. Mais que suportar — ele *precisava* daquele ônus, seus dons precisavam do peso com que ninguém mais podia arcar. Quem mais teria agido com tamanha decisão quando George, ocultando sua identidade, pôs as fotografias no mercado? Outros oito jornais fizeram propostas, e Vernon teve de quadruplicar o preço inicial para garantir a transação. Parecia-lhe estranho que, tão pouco tempo antes, ele tivesse sofrido com a dormência no couro cabeludo e a sensação de não existir, as quais lhe tinham provocado o medo da loucura e da morte. O funeral de Molly mexera muito com ele. Agora, seu senso de propósito e sua vitalidade eram sentidos dos pés à cabeça. A história estava viva, e ele também.

Mas uma coisinha lhe negava a felicidade total: Clive. Dirigira-se a ele tantas vezes em sua mente, refinando os argumentos, acrescentando tudo que deveria ter dito naquela noite, que quase se convencera de ter superado as objeções do amigo, exatamente como triunfara sobre os dinossauros no conselho de administração. Mas não haviam se falado desde a briga, e Vernon ficava mais e mais preocupado à medida que se aproximava o dia da publicação. Será que Clive estava ressentido, ou furioso, ou enclausurado em seu estúdio, tão absorto no trabalho que se desligara totalmente dos acontecimentos públicos? Várias vezes durante a semana Vernon pensou em roubar um minutinho a sós para lhe telefonar. Mas temia que um novo ataque de Clive o deixasse inseguro nas reuniões que se seguiriam. Vernon olhou para o telefone na mesinha de cabeceira e, vencendo o monte de travesseiros amarfanhados, se esticou para pegá-lo. Melhor que a prudência não o transformasse outra vez num covarde. Tinha de salvar aquela amizade. Melhor fazê-lo enquanto estava calmo. Ao ouvir o primeiro tilintar, se deu conta de que eram oito e quinze. Cedo demais. E tinha razão: o som do telefone tombando e sendo apanhado de novo por Clive sugeriu um estado de quase paraplegia causado pela interrupção súbita do sono.

“Clive? É Vernon.”

“Quem?”

“Vernon. Te acordei. Desculpe...”

“Não, não. De jeito nenhum. Só estava aqui, pensando...”

Ouviu-se o farfalhar das cobertas enquanto Clive se ajeitava na cama. Por que costumamos mentir tanto sobre o sono no telefone? É uma forma de nos defendermos da vulnerabilidade? Quando voltou a falar, a voz já não era tão pastosa.

“Tenho pensado em te telefonar, mas vou fazer um ensaio em Amsterdam na próxima semana. Não imagina como venho trabalhando pesado.”

“Eu também”, disse Vernon. “Não tive um minuto de folga esta semana. Olhe, queria conversar outra vez com você sobre aquelas fotografias.”

Houve uma pausa. “Ah, sim. Aquelas fotos. Entendo que você vai seguir em frente.”

“Consultei muita gente e o consenso é que devemos publicar. Amanhã.”

Clive limpou a garganta baixinho. Falou com uma voz notavelmente calma: “Bem, já dei minha opinião. Vamos ter que concordar em discordar”.

“Não queria que isso se interpusesse entre nós”, disse Vernon.

“Claro que não.”

A conversa passou para outros assuntos. Naturalmente, Vernon contou por alto como foi sua semana. Clive lhe disse que vinha trabalhando noite após noite, que estava fazendo grande progresso com a sinfonia e como havia sido boa a ideia de caminhar no Lake District.

“Ah, sim”, disse Vernon. “Como foi o passeio?”

“Fui a um lugar chamado Allen Crag. Foi lá que tive o estalo, inspiração pura, uma melodia que...”

Nesse ponto, Vernon se deu conta de que havia uma chamada na espera. Um, dois, três toques, depois parou. Alguém do escritório. Provavelmente Frank Dibben. O dia mais importante estava começando. Sentou-se ainda nu na beira da cama e pegou o relógio de pulso para verificar se conferia com o despertador. Clive não se aborrecera com ele e isso era bom, mas agora precisava se aprontar.

“... não podiam me ver onde me encontrava e a coisa parecia feia, mas eu precisava tomar uma decisão...”

“Hum”, Vernon repetia a cada meio minuto. Com o fio do telefone esticado até o limite, e num pé só, com o outro ele pescou uma cueca limpa de cima de uma pilha de roupas de baixo. Já não haveria tempo para uma chuveirada nem para fazer a barba com o rosto molhado.

“... e, tanto quanto eu saiba, ele pode ter dado uma tremenda surra nela. Mas, afinal de contas...”

Com o fone enganchado entre o ombro e o lado da cabeça, ele tentou extrair a camisa do invólucro de celofane sem fazer um barulhão. Seria por enfado ou por masoquismo que os empregados da tinturaria abotoavam a camisa de cima a baixo?

“... uns oitocentos metros depois encontrei uma pedra que usei como mesa...”

Vernon já vestia as calças quando voltou a soar o aviso de que havia uma chamada na espera. “Claro”, ele disse. “Uma pedra servindo de mesa. Qualquer pessoa inteligente ia se aproveitar disso. Mas, Clive, estou atrasado para o trabalho. Tenho que correr. Que tal um drinque amanhã?”

“Ah. Está bem. Boa ideia. Apareça depois do trabalho.”

### 3.

Vernon saiu com dificuldade do banco de trás do pequeno carro que o jornal lhe permitia usar e parou na calçada da sede do *Judge* a fim de dar uma ajeitada no terno amarrotado. Ao atravessar às pressas o vestíbulo de mármore preto e marrom-escuro, viu que Dibben o aguardava junto ao elevador. Frank se tornara o número dois da editoria internacional ao completar vinte e oito anos. Quatro anos e três editores depois ainda continuava na mesma posição, e bastante impaciente segundo se dizia. Era chamado de Cassius por causa de sua magreza e aparência ávida, mas isso era injusto: os olhos negros, o rosto longo e pálido, a barba cerrada lhe davam o aspecto de um interrogador de polícia, porém ele era cortês apesar de algo reservado, tendo uma inteligência atraente e mordaz. Vernon sempre o detestara sem nenhuma razão específica, mas se aproximou de Frank nos primeiros dias do imbróglio Garmony. Uma noite depois que a associação dos funcionários do jornal aprovou um voto de não confiança no editor, na noite seguinte ao pacto com Clive, ele tinha ficado de tocaia na rua ao anoitecer, esperando pela figura encurvada de Vernon, e tocou no seu ombro convidando-o para tomar um drinque. Havia algo de persuasivo no tom de Dibben.

Entrando numa rua transversal, foram para um *pub* que Vernon não conhecia, um lugar com forros de veludo vermelho rasgados, mal iluminado e enfumaçado, nos fundos do qual ocuparam um compartimento atrás de uma enorme vitrola automática. Enquanto bebiam gim-tônica, Frank confessou ao editor sua indignação, apesar de não expressa publicamente, com a forma como as coisas tinham acontecido. O voto da noite anterior havia sido manipulado pelos suspeitos de sempre, gente com queixas e animosidades que vinham de longe, e ele, Frank, não participara da reunião alegando a pressão do trabalho. Havia outros, ele disse, que eram de igual opinião, desejosos de que o *Judge* buscasse mudar sua imagem, tornando-se mais vibrante e animado, fazendo alguma coisa ousada tal como denunciar Garmony, mas a mão pesada dos gramáticos controlava todas as alavancas de benefícios e promoções. A velha

guarda preferia ver o jornal morrer a aliciar leitores com menos de trinta anos. Eram contra os caracteres maiores, a seção de estilo de vida, o horóscopo, o suplemento de saúde, a coluna de mexericos, o bingo virtual e o aconselhamento sentimental, assim como eram contra uma cobertura moderna da família real e música *pop*. Agora se opunham ao único editor que podia salvar o *Judge*. Entre os mais moços existia forte apoio a Vernon, mas lhes faltava um porta-voz. Ninguém queria ser o primeiro a se pôr de pé e tomar bala de todo lado.

Sentindo-se de repente bastante leve, Vernon foi até o bar buscar novos drinques. Sem dúvida era chegado o momento de começar a ouvir os funcionários mais moços, de trazê-los a bordo. De volta à mesa, Frank acendeu um cigarro e educadamente virou a cadeira a fim de soltar as baforadas para fora do compartimento. Aceitou a bebida e continuou. Naturalmente, ele não tinha visto as fotografias, mas sabia que era correto publicá-las. Queria emprestar seu apoio a Vernon e, mais que isso, ser útil, razão pela qual não seria bom que ele fosse claramente identificado como aliado do editor. Pediu desculpas e foi ao balcão encomendar linguças e purê de batata — fazendo com que Vernon imaginasse uma quitinete ou um quarto e sala sem ninguém lá, sem nenhuma moça esperando o subeditor internacional voltar para casa.

Quando Frank tornou a sentar, disse num borbotão: “Eu poderia mantê-lo a par. Contar o que eles estão dizendo. Descobrir onde está seu apoio de verdade. Mas eu teria que dar a impressão de ser neutro, de não estar envolvido. Estaria bem assim?”.

Vernon não se comprometeu. Tinha suficiente experiência para não plantar um espião no local de trabalho sem saber mais. Conduziu a conversa para as orientações políticas de Garmony, e os dois passaram uma agradável meia hora explorando um desprezo compartilhado. No entanto, três dias depois, quando circulava pelos corredores surpreso com a frenética oposição e começava — só ligeiramente — a hesitar, Vernon retornou com Dibben ao mesmo *pub* e ao mesmo compartimento, e lhe mostrou as fotografias. O efeito foi encorajante. Frank examinou cada foto longamente, sem comentários, simplesmente balançando a cabeça. Quando as

guardou de volta no envelope, disse baixinho: "Incrível. A hipocrisia desse sujeito".

Ficaram sentados por algum tempo num silêncio carregado de pensamentos. "Você vai ter que publicar. Não pode deixar que te impeçam. Vai acabar com as chances dele de chegar a primeiro-ministro. Vai acabar com ele. Vernon, eu realmente quero ajudar."

O apoio entre os mais moços nunca chegou a ser tão visível quanto Frank prometera, mas, até que reinasse a tranquilidade em todo o jornal, foi valiosíssimo conhecer que argumentos atingiam o alvo. Mediante seus encontros atrás da vitrola automática, Vernon ficou sabendo quando e por que a oposição começou a se dividir, e quando deveria fazer pressão na defesa de seus pontos de vista. Ao planejar e executar a manobra, ele conhecia exatamente quem precisava ser isolado e trabalhado entre os gramáticos. Pôde testar ideias sobre o processo com Frank, que lhe deu boas sugestões. Acima de tudo, Vernon tinha alguém com quem falar, alguém que compartilhava de seu senso de missão histórica e de seu entusiasmo, compreendendo instintivamente a enorme relevância do caso e o encorajando quando todos à volta eram tão críticos.

Com o diretor administrativo do seu lado e os materiais preparatórios escritos, com a circulação em alta e uma excitação velada porém inexorável agitando todos os funcionários, os encontros com Frank deixaram de ser necessários. Mas Vernon pensava premiar sua lealdade e tencionava pô-lo no lugar de Lettice como editor de artigos especiais. A resistência no caso dos irmãos siameses a colocara na marca do pênalti. O suplemento sobre xadrez tinha sido a sentença de morte.

Agora, naquela manhã de quinta-feira, véspera da publicação, Vernon e seu informante subiram juntos para o quarto andar num velho elevador que parecia tremer de nervoso. Vernon se sentia como em seus tempos de ator nas peças universitárias, o último ensaio, as palmas da mão suarentas, o estômago irrequieto, os intestinos soltos. Terminada a reunião matinal, todos os editores, todos os jornalistas mais antigos e muitos outros teriam visto as fotografias. A primeira edição seria impressa às cinco e quinze da tarde, mas só na última edição, das nove e meia da noite, a imagem



de Garmony, com seu vestido e olhar sonhador, seria estampada em ritmo frenético nas rotativas da nova oficina de Croydon. A ideia era impedir que os concorrentes tentassem roubar a cena com alguma matéria publicada em suas últimas edições. Os caminhões que faziam a distribuição estariam na rua às onze. Já então seria tarde demais para voltar atrás.

“Você viu os jornais?”, Vernon perguntou.

“Uma beleza.”

Todos os jornais, mesmo os que não eram tabloides, tinham sido obrigados a publicar matérias relacionadas às fotos. Era visível a relutância e a inveja em cada cabeçalho e legenda, em cada novo ângulo pesquisado às carreiras. O *Independent* trouxe um artigo requeitado sobre as leis de privacidade em dez países diferentes. O *Telegraph* apresentou as elucubrações pomposas de um psicólogo sobre o uso de roupas do sexo oposto, enquanto o *Guardian* dedicou uma página dupla, dominada pela fotografia de J. Edgar Hoover num vestidinho curto, a uma análise zombeteira e bem informada sobre os travestis na vida pública. Nenhum desses jornais foi capaz de mencionar o *Judge*. O *Mirror* e o *Sun* haviam se concentrado em Garmony na sua fazenda de Wiltshire. Ambos exibiram fotografias igualmente granuladas e tiradas com teleobjetivas do ministro das Relações Internacionais e seu filho entrando num estábulo sombrio. As grandes portas abertas de par em par e a forma como a luz incidia sobre os ombros de Garmony mas não sobre os braços sugeriam um homem prestes a ser tragado pela escuridão.

Entre o segundo e o terceiro piso, Frank apertou um botão para frear o mecanismo, fazendo o elevador parar com um tranco horrível que afligiu o coração de Vernon. A cabine de mogno com apliques de bronze rangeu ao balançar acima do poço. Já tinham tido algumas conversas rápidas daquela maneira. O editor se sentia obrigado a ocultar seu terror, manifestando indiferença.

“Só um instante”, disse Frank. “McDonald vai fazer um discursinho na reunião. Não vai dizer claramente que estavam errados, nem vão te perdoar de todo. Mas, você sabe, congratulações gerais e, uma vez que vamos em frente, tratemos de colaborar.”

“Muito bem”, disse Vernon. Seria uma maravilha ouvir o subeditor se desculpar fingindo que não o fazia.

“O problema é que outros podem querer dar uma palavrinha, pode até haver algum aplauso, esse tipo de coisa. Se você não se importa, acho que devo ficar na encolha, não mostrar minhas cartas agora.”

Vernon sentiu uma breve e ligeira perturbação interna, como se algum músculo esquecido se contraísse num misto de curiosidade e desconfiança. Mas, como agora era tarde demais para fazer qualquer coisa, disse: “Claro. Preciso que você mantenha sua postura. Os próximos dias podem ser cruciais”.

Frank apertou o botão e, por um momento, nada aconteceu. Depois o elevador caiu alguns centímetros antes de subir balançando.

Como de costume, Jean o aguardava do outro lado da porta sanfonada com um punhado de cartas, faxes e memorandos.

“Estão esperando na sala seis.”

A primeira reunião era com o gerente de publicidade e sua equipe, que achavam ser aquele o momento certo para aumentar as tarifas. Vernon preferia esperar. Ao caminharem rapidamente pelo corredor — com carpete vermelho como em seus sonhos —, ele notou que Frank se afastava no momento em que duas outras pessoas, do departamento de *layout*, se uniam ao grupo. Faziam pressão para reduzir a fotografia da primeira página a fim de dar espaço a um texto introdutório mais longo, porém Vernon já tinha decidido qual a diagramação que desejava. O editor de notas de falecimento, Manny Skelton, se esgueirou de lado para fora de seu escritório, do tamanho de um armário, e entregou algumas páginas datilografadas na mão de Vernon quando este passou. Devia ser o material que lhe haviam encomendado na hipótese de Garmony querer ir desta para a melhor. O editor da seção de cartas do leitor juntou-se à comitiva, desejoso de trocar algumas palavras antes do começo da primeira reunião. Previa um dilúvio e lutava por uma página inteira. Agora, ao trotar rumo à sala seis, Vernon se sentia em plena forma, grande, benigno, impiedoso mas magnânimo. Onde outros experimentariam um peso nos ombros, ele sentia uma leveza que lhe conferia

autoridade, ou mesmo uma luz, um brilho de competência e autossatisfação no momento em que suas mãos hábeis se preparavam para extirpar um câncer do organismo político — essa era a imagem que ele tencionava usar no editorial após a renúncia de Garmony. A hipocrisia seria exposta, o país permaneceria na Europa, a pena de morte e o recrutamento compulsório continuariam a ser o sonho de um lunático, o bem-estar social sobreviveria de um modo ou de outro, o meio ambiente global teria uma chance decente — e Vernon estava a ponto de começar a cantar.

Não cantou, mas as duas horas seguintes tiveram o vigor, o *brio*, de uma ópera ligeira em que cabiam a ele todas as árias, enquanto um coro de composição variável e vozes variadas o louvava e harmoniosamente ecoava seus pensamentos. Por fim, chegadas as onze horas, muito mais gente que de costume se apertou na sala de Vernon para a reunião matinal. Editores e subeditores, assistentes e repórteres tomaram todas as cadeiras, se encostaram em cada centímetro de parede, e se empoleiraram nos parapeitos das janelas e nos radiadores. Os que não conseguiram se aboletar na sala ficaram agrupados em volta da porta aberta. As conversas cessaram quando o editor se acomodou na cadeira. Foi simplesmente impressionante o modo como ele começou sem preâmbulos, como sempre, e manteve a rotina — alguns minutos de autópsia do exemplar da véspera, depois uma passada pelas listas. Naquele dia, naturalmente, não haveria pedidos de inclusão na primeira página. A única concessão de Vernon foi inverter a ordem normal a fim de que as notícias e matérias políticas nacionais fossem tratadas em último lugar. O editor de esportes tinha um artigo de fundo acerca das Olimpíadas de Atlanta e uma reportagem sobre o lamentável estado das duplas no tênis de mesa inglês. O editor literário, que nunca chegava a tempo de assistir ao início de uma reunião matinal, fez uma resenha sonolenta de um romance sobre culinária que soou tão pretensiosa aos ouvidos de Vernon que ele foi obrigado a interrompê-lo. O setor das artes vivia uma crise de recursos, e Lettice O'Hara estava enfim pronta a publicar a história do escândalo nos círculos médicos da Holanda, além de, para comemorar a

ocasião, um artigo sobre como a poluição industrial vinha transformando os peixes machos em fêmeas.

A atenção na sala começou a se concentrar quando falou o editor de assuntos internacionais. Havia uma reunião de ministros europeus de Relações Internacionais e Garmony deveria estar presente — a menos que renunciasse de pronto. Suscitada essa possibilidade, um murmúrio de excitação se espalhou pela sala. Vernon deu a palavra ao editor político, Harvey Straw, que fez um relato sobre as renúncias políticas. Não tinha havido muitas ultimamente, tratava-se de uma arte em extinção. O primeiro-ministro, que tinha sabidamente como seu forte a amizade e a lealdade pessoais, embora fosse fraco em matéria de instinto político, provavelmente sustentaria Garmony até ele ser forçado a sair. Isso prolongaria o caso, o que só poderia ajudar o jornal.

A pedido de Vernon, o gerente de circulação confirmou os números mais recentes, os melhores nos últimos dezessete anos. Diante dessa informação, o murmúrio se transformou num clamor, e houve um empurra-empurra na porta quando alguns jornalistas frustrados, que estavam de pé na antessala de Jean, optaram por se lançar contra a parede de corpos. Vernon deu uma forte palmada na mesa a fim de instaurar a ordem no recinto. Ainda precisavam ouvir Jeremy Ball, o editor de assuntos nacionais, que foi obrigado a levantar a voz: um menino de dez anos seria julgado por assassinato; o estuprador do Lake District tinha atacado pela segunda vez numa semana e um homem fora preso na noite anterior; e houve um vazamento de óleo na costa da Cornualha. Mas ninguém estava realmente interessado, porque só um assunto faria silenciar aquela gente, e por fim Ball fez um favor a todos: era preciso responder hoje, no editorial, à carta que um bispo enviara ao *Church Times* atacando o *Judge* no caso de Garmony; havia uma reunião de deputados do governo à tarde que deveria ser coberta; um tijolo tinha sido jogado contra a janela da sede do escritório eleitoral de Garmony em Wiltshire. Essa notícia foi recebida com aplausos esparsos e então se fez silêncio quando Grant McDonald, o subeditor de Vernon, iniciou seu breve discurso.

Veterano no *Judge*, McDonald era um homem corpulento cujo rosto quase desaparecia em meio à ridícula barba vermelha que ele nunca aparava. Adorava ser visto como um escocês de verdade, usando um saio pregueado na Noite de Burns, que organizava para o jornal, e tocando gaita de fole na festa de Ano-Novo. Vernon suspeitava que o lugar mais ao norte onde McDonald tinha estado eram os subúrbios de Londres. Em público, apoiara seu editor, mas em particular, conversando com Vernon, se mostrara cético com respeito a todo o assunto. De alguma forma, o prédio inteiro sabia de seu ceticismo, motivo pelo qual havia tanto interesse em ouvi-lo agora. Ele iniciou com um rosnado baixo, intensificando o silêncio ao seu redor.

“Posso dizer agora, e não será surpresa para ninguém, que tive algumas pequenas dúvidas sobre isso desde o começo...”

Essa abertura fingidamente cândida lhe valeu uma boa risada geral. Vernon vibrou com a desonestidade da jogada: o assunto era rico, complexo, elaborado. Veio-lhe à mente a imagem de uma reluzente salva folheada a ouro com uma inscrição de hieróglifos quase apagados...

McDonald continuou, descrevendo suas dúvidas — privacidade pessoal, métodos empregados pelos tabloides sensacionalistas, agendas ocultas, e assim por diante. Chegou então ao ponto crítico do discurso e levantou a voz. A informação de Frank era absolutamente correta.

“Mas, ao longo dos anos, eu aprendi que há momentos neste negócio — não muitos, vejam bem — em que é necessário abrir mão das opiniões pessoais. Vernon defendeu suas posições com grande paixão e um seguro instinto jornalístico, e há agora um sentimento neste prédio, um senso de urgência que me leva de volta aos bons tempos da semana de três dias, quando realmente sabíamos contar as histórias. Os números de circulação de hoje falam por si próprios — atingimos o nervo do público. Por isso...”, Grant se voltou na direção do editor e abriu um sorriso radiante, “estamos outra vez no topo da onda e tudo se deve a você. Vernon, mil vezes obrigado!”

Após a longa salva de palmas, outros fizeram alocações de parabéns. Vernon permaneceu de braços cruzados, expressão

solene, olhar fixo nas fibras da madeira da mesa. Queria sorrir, mas não seria de bom-tom. Observou com satisfação que o diretor administrativo, Tony Montano, discretamente anotava quem estava dizendo o quê. Quem estava a bordo. Ele teria de ser chamado de lado e informado sobre Dibben, que se afundara na cadeira e, com as mãos enfiadas nos bolsos, franzira o cenho e balançava a cabeça.

Vernon então se pôs de pé para benefício dos que se encontravam nos fundos da sala e devolveu os agradecimentos. Disse saber que a maioria dos presentes na sala havia sido contrária à publicação em um momento ou outro. Mas estava grato por isso, uma vez que em certos aspectos o jornalismo se assemelhava à ciência: as melhores ideias eram as que sobreviviam e se viam fortalecidas pela oposição inteligente. Esse frágil conceito mereceu uma entusiástica salva de palmas. Ninguém precisava se sentir envergonhado nem haveria represálias de cima. Quando os aplausos diminuíram de intensidade, Vernon já se esgueirara por entre os presentes para chegar a um quadro branco preso à parede. Arrancou a fita adesiva que mantinha no lugar uma grande folha de papel branco, revelando uma ampliação da primeira página do dia seguinte.

A fotografia ocupava todas as oito colunas de largura e, na vertical, três quartos da página a partir do cabeçalho. A sala, em silêncio, assimilou o vestido de corte simples, a fantasia da passarela, a pose impudente que de um jeito brincalhão e sedutor fingia escapar ao olhar da câmera, os seios pequenos e a pontinha do sutiã habilidosamente revelada, o leve toque de maquiagem nas maçãs do rosto, a carícia de batom que moldava a curva do lábio e sua leve protuberância para insinuar um beicinho, o olhar íntimo e sequioso de uma face pública alterada mas facilmente reconhecível. Abaixo e no centro, letras de caixa-baixa em corpo trinta e dois e em negrito formavam uma única linha: "Julian Garmony, ministro das Relações Internacionais". A página não continha mais nada.

As pessoas, antes tão turbulentas, estavam agora quietas, e o silêncio durou mais de meio minuto. Vernon limpou a garganta e começou a descrever a estratégia para sábado e segunda-feira. Como um jovem jornalista diria mais tarde ao colega no refeitório do jornal, foi como ver alguém que você conhece ser despido e

açoitado em público. Desmascarado e punido. Apesar disso, a opinião geral que ganhou corpo à medida que todos se dispersaram e voltaram a suas mesas, consolidando-se definitivamente no início da tarde, foi de que se tratava de um trabalho do mais alto padrão profissional. Como primeira página, sem dúvida se tornaria um clássico a ser eventualmente ensinado nas escolas de jornalismo. O impacto visual era inesquecível, assim como a simplicidade, a austeridade, a potência. McDonald tinha razão, o instinto de Vernon era certo. Estava pensando somente na jugular quando empurrou toda a matéria escrita para a página dois, resistindo à tentação de uma manchete estridente ou de uma legenda verbosa. Sabia a força do que possuía. Deixou que a fotografia contasse a história.

Quando a última pessoa saiu da sala, Vernon fechou a porta e se livrou do ar abafado abrindo todas as janelas de par em par a fim de que o local acolhesse o ar úmido de março. Tinha cinco minutos antes da reunião seguinte e necessitava pensar. Disse a Jean pelo interfone que não queria ser perturbado. Um pensamento circulava em sua mente: correu bem, tudo correu bem. Mas havia algo, algo importante, uma nova informação à qual ele estava prestes a reagir quando sua atenção foi desviada, se perdendo depois em meio a um turbilhão de coisas semelhantes. Tinha sido uma mera observação, um fragmento que o surpreendeu no momento em que veio à tona. Devia ter falado naquela hora mesmo.

Na verdade, a coisa só voltou no fim da tarde, quando ele teve mais uma oportunidade de ficar sozinho. Postou-se junto ao quadro branco tentando provar mais uma vez aquele sabor passageiro da surpresa. Cerrou os olhos e se dedicou a repassar a reunião matinal, lembrando em sequência tudo que havia sido dito. Mas, não conseguindo manter seus pensamentos focados na tarefa, perdeu o rumo. Estava indo bem, estava tudo indo bem. Não fosse por aquela coisinha, ele estaria abraçando a si mesmo, dançando em cima da escrivaninha. Era como pela manhã, quando tinha ficado na cama contemplando seus êxitos e não atingira a felicidade total devido à desaprovação de Clive.

E aí a coisa veio. Clive. Bastou pensar no nome do amigo e tudo voltou. Cruzou a sala em direção ao telefone. Era simples, e

possivelmente monstruoso.

“Jeremy? Pode dar um pulinho aqui?”

Jeremy Ball se apresentou em menos de um minuto. Vernon pediu a ele que sentasse e começou a interrogá-lo, fazendo anotações sobre lugares, datas, horas, o que se sabia, o que se suspeitava. A certa altura Ball telefonou para o jornalista que cobria a história a fim de confirmar alguns detalhes. Tão logo o editor de assuntos nacionais se foi, Vernon usou sua linha privada para chamar Clive. Mais uma vez o telefone demorou a ser atendido e caiu sobre a mesa, o ruído das cobertas, a voz áspera. Já passava das quatro horas da tarde, o que estava acontecendo com Clive, deitado o dia inteiro como um adolescente deprimido?

“Ah, Vernon, eu estava agora mesmo...”

“Olhe, uma coisa que você me disse hoje de manhã. Preciso te perguntar. Que dia mesmo você esteve no Lake District?”

“Semana passada.”

“Clive, é importante. Que dia?”

Ouviu-se um grunhido e um estalido quando Clive lutou para se erguer na cama.

“Foi na sexta. O que...”

“O homem que você viu, não, espere. A que horas você esteve nos tais Allen Craggs?”

“Acho que por volta de uma da tarde.”

“Escute. O sujeito que você viu atacando aquela mulher a quem você decidiu não ajudar... ele era o estuprador do Lake District.”

“Nunca ouvi falar dele.”

“Nunca lê os jornais? Atacou oito mulheres no último ano, na maioria excursionistas. Por acaso, essa aí escapou.”

“Isso é um alívio.”

“Não, não é. Ele atacou outra dois dias atrás. Foi preso ontem.”

“Então está tudo bem.”

“Não, não está tudo bem. Você não quis ajudar aquela mulher. Ótimo. Mas, se tivesse ido depois à polícia, essa outra não teria sido apanhada.”

Houve uma breve pausa enquanto Clive absorvia essa informação ou organizava seus pensamentos. Agora estava totalmente desperto



e sua voz endurecera.

“Uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas não faz mal. Por que você está falando tão alto, Vernon? Por acaso está num dos seus dias de veneta? O que exatamente você quer?”

“Quero que você procure a polícia agora mesmo e conte o que viu...”

“Nem de brincadeira.”

“Você pode identificar esse homem.”

“Estou quase terminando uma sinfonia que...”

“Porra nenhuma! Você está na cama.”

“Você não tem nada a ver com isso.”

“Isso é uma vergonha. Vá procurar a polícia, Clive. É sua obrigação moral.”

Uma tomada de ar audível, outra pausa como se para reconsiderar o que havia sido dito, e então: “Você me falando em obrigação moral? Logo você? Só faltava essa”.

“O que você quer dizer com isso?”

“Quero dizer essas fotografias. Quero dizer cagar em cima da sepultura de Molly...”

A referência excrementícia a um local de enterro inexistente marcou o ponto sem volta na discussão, depois do qual toda a prudência se evaporou. Vernon interrompeu: “Você não sabe de nada, Clive. Leva uma vida privilegiada e não sabe merda nenhuma de nada”.

“... quero dizer perseguir um homem como um cão danado para tirá-lo do cargo. Quero dizer imprensa marrom. Como é que você pode se olhar no espelho?”

“Você pode esbravejar o quanto quiser. Está perdendo o controle. Se não quiser ir à polícia, eu mesmo vou telefonar para eles e contar o que você viu. Cúmplice de uma tentativa de estupro...”

“Você está maluco? Como ousa me ameaçar?”

“Há coisas mais importantes que as sinfonias. São chamadas de pessoas.”

“E será que há pessoas mais importantes do que os números de circulação do jornal, Vernon?”

“Vá à polícia.”

“Vai se foder!”

“Não, você é que vai se foder.”

A porta da sala de Vernon se abriu de repente, e lá estava Jean, contorcendo-se de ansiedade. “Desculpe interromper uma conversa particular, senhor Halliday”, ela disse. “Mas acho que é melhor o senhor ligar a televisão. A senhora Julian Garmony está dando uma entrevista coletiva. Canal Um.”

## 4.

Depois de refletirem longa e arduamente sobre o assunto, os próceres do partido tomaram algumas decisões razoáveis. Uma delas consistiu em permitir a entrada de câmeras, naquela manhã, num conhecido hospital infantil para filmar a sra. Garmony saindo do centro cirúrgico, cansada mas feliz após executar uma operação de coração aberto numa menininha negra de nove anos chamada Candy. A cirurgiaã foi filmada também quando passava visitas nos quartos do hospital, com um séquito de respeitosas enfermeiras e jovens internos, sendo abraçada por crianças que claramente a adoravam. Mais tarde, captado rapidamente no estacionamento do hospital, houve o encontro entre a sra. Garmony e os pais agradecidos da menina. Essas foram as primeiras imagens que Vernon viu depois de bater o telefone, procurar em vão pelo controle remoto e ir até o aparelho instalado no alto de um canto da sala. Enquanto o pai soluçante amontoava meia dúzia de abacaxis nos braços da cirurgiaã, uma voz explicava que algumas pessoas subiam tanto na hierarquia médica que se tornava inadequado chamá-las de "doutoras". Por isso, estavam mostrando naquele momento a sra. Garmony.

Vernon, cujo coração ainda batia forte por causa da discussão, retornou à escrivaninha para assistir à transmissão ao mesmo tempo em que Jean saía da sala na ponta dos pés, fechando a porta sem fazer o menor ruído. Agora estávamos em Wiltshire, num ponto elevado de onde se via um riacho ladeado de árvores serpenteando entre as colinas nuas e ondulantes. Uma acolhedora casa de fazenda se aninhava em meio às árvores e, enquanto o comentário descrevia a família de Garmony, a câmera iniciou um longo e lento *zoom* que terminou numa ovelha cuidando de um cordeirinho recém-nascido, no gramado da frente, junto a alguns arbustos e ao lado da porta principal. Outra das decisões do partido foi enviar o casal e seus dois filhos crescidos, Annabel e Ned, para passar um longo fim de semana na casa de campo tão logo Rose terminou o trabalho no hospital. Vernon os viu agora formando um grupo familiar e olhando

para a câmera por cima de uma porteira com cinco barras, vestidos com roupas de lã e abrigos impermeáveis, acompanhados do cão pastor Milly e do gato da família, um British Shorthair chamado Brian, carinhosamente acomodado nos braços de Annabel. Era uma fotografia posada, mas o ministro das Relações Internacionais, fugindo a suas características, estava mais ao fundo, com uma expressão acanhada, quase ovina, pois ali sua mulher era a figura central. Vernon sabia que Garmony estava destruído, mas não pôde deixar de inclinar a cabeça em sinal de reconhecimento pela perícia da apresentação, pelo tremendo profissionalismo de tudo aquilo.

O comentário cessou e se ouviram os sons captados no local, o estalido e o zumbido das câmeras fotográficas providas de motor, diversas vozes aflitas. A inclinação e as oscilações da imagem deixavam claro que os jornalistas se acotovavam diante do grupo. Vernon viu o céu de relance, depois os pés do cinegrafista e uma fita cor de laranja. O circo estava montado atrás daquela linha. Por fim, a câmera focou a sra. Garmony e se estabilizou enquanto ela limpava a garganta e se preparava para fazer sua declaração. Rose trazia algo na mão, porém não lia nada, uma vez que tinha suficiente confiança para falar de improviso. Esperou até se certificar de que conquistara a absoluta atenção de todos e então começou a contar a história de seu casamento, desde os tempos em que estudava no Guildhall, sonhando com uma carreira de pianista clássica, e Julian era um pobre e dinâmico estudante de direito. Esses foram dias de trabalho duro e de sacrifícios, o apartamento de um quarto no sul de Londres, o nascimento de Annabel, sua decisão tardia de estudar medicina contando com o firme apoio de Julian, a satisfação que sentiram ao comprar a primeira casa nos quarteirões menos bem-vistos de Fulham, o nascimento de Ned, o crescente sucesso de Julian como advogado, as primeiras experiências dela como residente num hospital, e por aí foi. Falou num tom calmo, quase íntimo, cuja autoridade provinha não da classe social a que pertencia ou da condição de esposa de um ministro, mas de sua própria excelência profissional. Falou de seu orgulho pela carreira de Julian, do amor de ambos pelos filhos, de como haviam

compartilhado triunfos e dificuldades, e de como sempre tinham dado valor à alegria, à disciplina e, acima de tudo, à honestidade.

Fez uma pausa e sorriu, como se para si própria. Logo no começo, ela disse, Julian lhe havia contado algo sobre ele, algo surpreendente, até mesmo um pouco chocante. Mas nada que o amor dos dois não fosse capaz de absorver, e ao longo dos anos ela se afeiçoou àquilo, passando a encarar tal particularidade com respeito, como parte inseparável da individualidade do marido. A confiança que um devotava ao outro era absoluta. E aquela coisa curiosa sobre Julian não tinha sido um segredo total, porque uma amiga da família, Molly Lane, recentemente falecida, havia tirado algumas fotografias num espírito jovial. A sra. Garmony estava erguendo uma pasta de papelão branco e, enquanto o fazia, Annabel beijou o rosto do pai e Ned, que agora se via estar usando um *piercing* de nariz, inclinou o corpo e pousou a mão no braço de Julian.

“Ah, meu Deus”, Vernon se lamentou. “Vão me dar uma rasteira.”

Ela tirou as fotografias da pasta e as mostrou a todos. Era a pose na passarela, a primeira página de Vernon. A câmera balançou ao fazer o *close-up*, houve gritos e empurrões atrás da linha. A sra. Garmony esperou que a gritaria cessasse. Depois, com toda a calma, disse saber que um jornal com uma agenda política própria tencionava publicar aquela fotografia e outras no dia seguinte com o propósito de forçar seu marido a abandonar o ministério. Ela só queria dizer uma coisa: o jornal não teria sucesso, porque o amor era uma força maior que o ódio.

A linha se rompeu e os jornalistas avançaram atabalhoadamente. Atrás da porteira, as crianças haviam dado o braço ao pai enquanto a mãe enfrentava a turba, sem se abalar com os microfones empurrados na direção de seu rosto. Vernon se levantou da cadeira. Não, dizia a sra. Garmony, e era um prazer poder explicar tudo e deixar claro que o rumor não tinha o menor fundamento. Molly Lane era apenas uma amiga da família e os Garmony sempre se lembrariam dela com carinho. Vernon atravessava a sala para desligar o aparelho quando perguntaram à cirurgiã se tinha alguma mensagem especial para o editor do *Judge*. Sim, ela respondeu,

tinha, sim — e olhou para ele, que ficou paralisado diante da televisão.

“Senhor Halliday, o senhor tem a mentalidade de um chantagista e a estatura moral de uma *pulga*.”

Vernon soltou um arquejo de dolorida admiração, pois sabia muito bem o valor de uma palavra de grande impacto na mídia. A pergunta tinha sido plantada, a resposta previamente articulada. Que artista!

Rose ia continuar, porém ele conseguiu erguer a mão e desligar o aparelho.

## 5.

Por volta das cinco da tarde, vários editores que haviam competido pelas fotografias de Molly se deram conta de que o problema do jornal de Vernon era que ele estava fora de compasso com os novos tempos. Como o editorial de um jornal de primeira linha esclareceu a seus leitores na manhã de sexta-feira: "Parece ter escapado à atenção do editor do *Judge* que a década em que vivemos não se assemelha à anterior. Naquela época, o lema era 'cada um por si', enquanto a cobiça e a hipocrisia campeavam. Agora impera um espírito mais razoável, mais compassivo e tolerante, à luz do qual as preferências privadas e inofensivas de cada indivíduo, por mais pública que seja sua imagem, não importam a mais ninguém. Onde não existe uma questão de interesse público discernível, os instrumentos antiquados do chantagista e do delator farisaico não têm lugar — e, embora este jornal não deseje questionar a sensibilidade moral das pulgas, não pode deixar de endossar as observações feitas ontem pela...". Etc.

As manchetes de primeira página mostraram certo equilíbrio entre "chantagista" e "pulga", a maioria delas se fazendo acompanhar pela fotografia de Vernon tirada num banquete da Associação de Imprensa em que, vestindo um *smoking* amarrotado, ele parecia estar um tanto bêbado. Na tarde de sexta-feira, dois mil membros da Aliança Cor-de-Rosa dos Travestis, de sapatos de salto alto, desfilaram até a sede do *Judge* exibindo exemplares da desacreditada primeira página e cantando em falsete zombeteiro. Mais ou menos na mesma hora, o partido aproveitou sua maioria parlamentar para aprovar, com grande margem, um voto de confiança no ministro das Relações Internacionais. O primeiro-ministro de repente se sentiu encorajado a defender seu amigo. No curso do fim de semana se firmou o consenso de que o *Judge* tinha ido longe demais e se revelara um jornal repugnante, que Julian Garmony era um sujeito decente e Vernon Halliday ("a Pulga") alguém desprezível cuja cabeça devia ser servida com urgência numa bandeja. Nos jornais de domingo, as seções de estilo de vida

retrataram a “nova esposa combativa”, que perseguia sua própria carreira mas também lutava em defesa do marido. Os editoriais se concentraram nos poucos aspectos do discurso da sra. Garmony que ainda não haviam sido tratados com profundidade, inclusive a ideia de que “o amor é mais forte que o ódio”. No próprio *Judge*, os principais executivos ficaram felizes porque suas ressalvas constavam das atas, e a maioria dos jornalistas achou que McDonald teve razão ao dizer no refeitório que, como suas dúvidas tinham sido ignoradas, ele se esforçara para ser leal. Na segunda-feira, todos se recordavam de suas dúvidas e de como haviam se esforçado para serem leais.

A questão foi mais complicada para o conselho de administração do *Judge*, que realizou uma reunião de emergência na tarde de segunda-feira. Na verdade, foi muito embaraçoso. Como poderiam pôr na rua um editor a quem tinham dado um voto unânime de apoio na quarta-feira anterior?

Finalmente, após duas horas de idas e vindas, George Lane teve uma boa ideia.

“Olhem, não houve nada de errado em comprar aquelas fotografias. De fato, segundo me disseram, ele conseguiu comprar por um bom precinho. Não, o erro de Halliday foi não sustar aquela primeira página no momento em que viu a entrevista coletiva da Rose Garmony. Ele tinha tempo de sobra para voltar atrás. Só ia sair com aquilo na última edição. Errou redondamente ao seguir em frente. Na sexta-feira, o jornal caiu no ridículo. Ele devia ter visto para onde o vento soprava e dado o fora enquanto podia. Se querem saber minha opinião, foi uma falha grave em matéria de discernimento editorial.”



## 6.

No dia seguinte, o editor presidiu uma reunião pacata com seus principais auxiliares. Tony Montano sentou-se um pouco afastado, um observador silencioso.

“Chegou a hora de termos um número maior de colunas regulares. São baratas e todo mundo está indo por aí. Sabem como é, contratamos alguém de inteligência baixa ou mediana, possivelmente uma mulher, para escrever basicamente sobre nada. Vocês já viram esse tipo de coisa. Vai a uma festa e não consegue lembrar o nome de alguém. Mil e duzentas palavras.”

“Tipo contemplação do umbigo”, sugeriu Jeremy Ball.

“Nem tanto. Contemplar é intelectual demais. Está mais para *bate-papo* com o umbigo.”

“Não consegue fazer funcionar o gravador de vídeo. Será que minha bunda é grande demais?”, Lettice ofereceu, prestativa.

“Muito bem. Mais alguma?” O editor agitou os dedos no ar para extrair outras ideias dos presentes.

“Que tal comprar um porquinho-da-índia?”

“A ressaca do marido.”

“O primeiro pentelho branco dela.”

“No supermercado sempre pega o carrinho que está com a roda bamba.”

“Excelente. Gostei muito. Harvey? Grant?”

“Bom... sempre perdendo as esferográficas. Onde elas vão parar?”

“Não consegue tirar a língua do buraquinho no dente.”

“Brilhante”, disse Frank. “Obrigado a todos. Continuaremos com isso amanhã.”

# 1.

Após a ligeira excitação da aurora, havia momentos nas primeiras horas da manhã, com Londres já rumando barulhentemente para o trabalho, em que a efervescência criativa de Clive era por fim vencida pela exaustão. Ele se afastava do piano e arrastava os pés até a porta para apagar as luzes do estúdio, observando o rico e belo caos em meio ao qual labutava, quando então mais uma vez lhe vinha o pensamento passageiro, o minúsculo fragmento de uma suspeita que jamais partilharia com ninguém no mundo, que nem mesmo confiaria a seu diário e cuja palavra-chave só se formava com relutância em sua mente: o pensamento, simplesmente, de que ele não estaria se afastando muito da verdade caso dissesse que era... um gênio. Um gênio. Embora a palavra soasse culposamente em seu ouvido interno, ele não permitia que chegasse aos lábios. Não era vaidoso. Um gênio. Tratava-se de um termo que sofrera com a inflação do uso excessivo, mas sem dúvida havia um certo nível de realização, um padrão-ouro, que era irrefutável, mais além das meras opiniões. Não tinham existido muitos. Entre seus compatriotas, Shakespeare certamente era um gênio, assim como, segundo se dizia, Darwin e Newton. Purcell, quase. Britten menos, embora nas proximidades. Mas lá não nascera nenhum Beethoven.

Quando o assaltava tal suspeita sobre si próprio — e isso tinha acontecido três ou quatro vezes desde que voltara do Lake District —, o mundo se expandia e silenciava, e na luz cinza-azulada da manhã de março seu piano, o teclado, os pratos e copos, a poltrona de Molly ganhavam uma aparência arredondada, de objetos esculpidos, fazendo-o lembrar como via todas as coisas quando na juventude tomava mesalina: dilatadas, benignas, prenes de significado. E via o estúdio que estava prestes a trocar pela cama como poderia aparecer num documentário em que seria revelado o mundo curioso onde tivera origem uma obra-prima. Via também a imagem granulada em reverso, o homem postado junto à porta vestindo a camisa branca folgada e encardida, a calça jeans bem ajustada à convexidade da barriga, as fundas olheiras causadas pela

fadiga: o compositor, heroico e cativante, nas roupas desalinhadas e com a barba por fazer. Esses eram na verdade os grandes momentos num período de jubilosa efusão criativa como ele jamais vivera, momentos em que tomava distância de seu trabalho num estado quase alucinatório e descia como se flutuando para o quarto, onde se livrava dos sapatos e mergulhava sob os lençóis para sucumbir a um sono sem sonhos que era um entorpecimento doentio, um vazio, uma morte.

Acordou no fim da tarde, calçou os sapatos e desceu até a cozinha para comer o prato frio deixado pela empregada. Abriu uma garrafa de vinho e a levou para o estúdio, onde encontraria uma garrafa térmica cheia de café e começaria nova viagem rumo à noite. Em algum lugar às suas costas, perseguindo-o como uma fera e chegando sempre mais perto, estava o prazo fatal. Em pouco mais de uma semana ele deveria se defrontar com Giulio Bo e a Orquestra Sinfônica da Grã-Bretanha em Amsterdam para dois dias de ensaios e, dois dias mais tarde, a *première* no Free Trade Hall de Birmingham. Como faltavam ainda muitos anos para a chegada do novo milênio, a pressão era bastante ridícula. A versão final dos três primeiros movimentos já tinha sido recolhida e as partes orquestrais transcritas. Sua secretária telefonara algumas vezes para buscar as últimas páginas do último movimento enquanto uma equipe de copistas estava em plena função. A partir de agora já não havia como olhar para trás, cabendo-lhe apenas seguir adiante e esperar que tudo estivesse pronto antes da semana seguinte. Ele se queixava, mas no fundo do coração não era afetado pela pressão, pois era assim que precisava trabalhar, entregue por inteiro ao esforço hercúleo de conduzir a obra rumo a seu assombroso *finale*. Os velhos degraus de pedra haviam sido galgados, os fiapos de som tinham se dissolvido como um nevoeiro, a nova melodia, sombriamente escrita na sua primeira e solitária manifestação para um trombone em surdina, se fizera cercar por ricas texturas orquestrais de sinuosa harmonia, seguidas de dissonâncias e variações em espiral que se perdiam no espaço para nunca mais reaparecer. A melodia então se voltava para dentro, num processo de consolidação, como uma explosão vista de trás para a frente, se

afunilando até atingir um ponto geométrico de quietude. Retornava então o trombone em surdina e, com um crescendo reprimido, tal qual um gigante tomando ar, a reiteração derradeira e colossal da melodia (com uma diferença intrigante e ainda não resolvida) que se acelerava e irrompia numa grande onda, um veloz *tsunami* de som que atingia uma cadência impossível, subindo ainda mais, e mais, e, quando parecia além da capacidade humana, subindo mais ainda, para finalmente tombar, se rompendo numa queda vertiginosa até bater contra o solo duro e inabalável do tom predominante de dó menor. Restavam apenas os pedais, prometendo a resolução e a paz no espaço infinito. Vinha então um diminuendo com quarenta e cinco segundos de duração, dissolvendo-se em quatro compassos de silêncio constantes na partitura. O fim.

E estava quase pronto. Na noite de quarta para quinta-feira, Clive revisara e aperfeiçoara o diminuendo. Tudo que faltava agora era voltar atrás algumas páginas na partitura até a reafirmação clamorosa e talvez variar as harmonias, ou a própria melodia, ou criar alguma forma de subcorrente rítmica, uma sincopação que atingisse a borda de ataque das notas. Para Clive, essa variação se tornara um elemento crucial na conclusão da sinfonia, sugerindo a impossibilidade de conhecer o futuro. Quando a melodia agora familiar retornasse pela última vez, alterada ligeiramente mas de modo significativo, ela deveria provocar a insegurança no ouvinte: era uma advertência a quem se agarra por demais ao que já conhece.

Na manhã de quinta-feira, Clive estava na cama pensando nisso e prestes a cair no sono quando Vernon telefonou. A chamada foi tranquilizadora. Clive vinha cogitando contatá-lo desde seu regresso, mas o trabalho tinha varrido a ideia para longe, fazendo com que Garmony, as fotografias e o *Judge* lhe parecessem enredos secundários num filme quase esquecido. Tudo que ele sabia era que não queria discutir com ninguém, muito menos com um de seus mais velhos amigos. Quando Vernon cortou a conversa e sugeriu aparecer para um drinque na noite seguinte, ocorreu a Clive que àquela altura ele poderia ter terminado tudo. Teria feito a importante mudança na reiteração, pois isso certamente não lhe tomaria mais

que uma sessão noturna. As últimas páginas teriam sido recolhidas e ele poderia convidar alguns amigos para uma festinha de comemoração. Esses eram seus pensamentos felizes ao mergulhar no sono. Por isso, foi um choque acordar no que lhe pareceu ser dois minutos mais tarde e enfrentar o interrogatório agressivo de Vernon.

“Quero que você procure a polícia agora mesmo e conte o que viu...”

Essa foi a frase que, de um tranco, o fez encarar a verdade. Sair de um túnel para a claridade. Na realidade, o que ele recordou foi a viagem de trem para Penrith, aquelas percepções quase esquecidas e seu sabor amargo. Cada frase no diálogo foi um dente na catraca — não havia como recobrar a civilidade. Ao invocar a memória de Molly — “Quero dizer cagar em cima da sepultura de Molly” —, Clive se deixou banhar por uma maré de fêrvida indignação e, quando Vernon ameaçou acintosamente falar ele próprio com a polícia, Clive teve de respirar fundo e, apenas de meias, se pôs de pé junto à mesinha de cabeceira para a troca final de insultos. Vernon bateu o telefone na sua cara quando ele estava prestes a fazer o mesmo com Vernon. Sem se dar o trabalho de amarrar os sapatos, Clive desceu as escadas furioso, praguejando pelo caminho. Não eram nem cinco horas, mas ele precisava de um drinque, merecia um drinque e daria um murro em quem tentasse detê-lo. Mas, naturalmente, estava sozinho — graças a Deus. Foi um gim-tônica, mas sobretudo gim, que, sem gelo ou limão, ele emborcou junto ao corredor de louça, pensando com amargura na afronta. E que *afronta!* Compunha mentalmente a carta que gostaria de enviar ao crápula que um dia tomara erroneamente por amigo. Ele, com sua repugnante tarefa diária, sua mente sórdida, cínica e ardilosa, um indivíduo passivo-agressivo enganador, aproveitador e hipócrita. Verme Halliday, que não sabia o que era criar, pois nunca havia feito nada de bom na vida, morrendo de inveja de quem fazia. Dando ares de postura moral a seus falsos e estreitos escrúpulos suburbanos, quando estava enfiado até o pescoço na merda, tendo na verdade se instalado num campo de excremento. Na defesa de seus asquerosos interesses, se alegrou em aviltar a memória de

Molly e arruinar um idiota vulnerável como Garmony; embora utilizando os códigos odiosos da imprensa marrom, se convenceu e procurou convencer quem o ouvisse (e era isso que realmente não dava para suportar) de que só estava cumprindo seu dever, que estava a serviço de um ideal superior. Estava louco, estava doente, não merecia existir!

Essas imprecações na cozinha exigiram de Clive um segundo drinque e depois um terceiro. Sua experiência lhe dizia que uma carta escrita num rompante de fúria simplesmente punha uma arma nas mãos do inimigo. Veneno que, conservado, podia ser usado contra você muito tempo depois. Mas Clive queria escrever alguma coisa agora precisamente porque talvez não tivesse uma motivação tão forte se uma semana se passasse. Chegou a uma solução intermediária, redigindo um sucinto cartão que ficaria descansando por um dia antes de ser enviado. *Sua ameaça me deixa estarrecido. Assim como seu jornalismo. Você merece ser posto na rua. Clive.* Abriu uma garrafa de Chablis e, deixando de lado o salmão *en croûte* que estava na geladeira, subiu para o último andar beligerantemente decidido a trabalhar. Haveria um tempo em que nada restaria do Verme Halliday. Mas de Clive Linley restaria sua música. Sendo assim, o trabalho — sereno, decidido e triunfante — constituiria uma forma de vingança. Mas a beligerância não oferecia a melhor ajuda para a concentração, nem os três gins e uma garrafa de vinho, motivo pelo qual três horas depois ele ainda olhava para a partitura sobre o piano, na posição encurvada de quem trabalha, com um lápis na mão e o cenho franzido, mas apenas ouvindo o realejo e vendo o bem iluminado carrossel de seus pensamentos circulares, os mesmos cavalinhos de assento duro subindo e descendo nas hastes ornadas. E lá vinham eles outra vez. A afronta! A polícia! A pobre Molly! O filho da puta hipócrita! Chamar aquilo de postura moral? Até o pescoço na merda! *A afronta!* E o que dizer de Molly?

Às nove e meia, ele se levantou e decidiu controlar suas emoções, bebendo um pouco de vinho tinto e retomando o trabalho. Lá estava aquele belo tema, sua melodia, inscrito na página, suplicando sua atenção, necessitando de uma modificação inspirada, e aqui estava

ele, cheio de energia bem focada, pronto para agir. Mas, no andar de baixo, ficou pela cozinha, comendo o redescoberto jantar, ouvindo no rádio a história dos tuaregues nômades do Marrocos, e então tomou o terceiro copo de Bandol antes de vagar pela casa, examinando-a como um antropólogo de sua própria existência. Não entrava na sala de visitas havia mais de uma semana, e circulou pelo enorme aposento estudando as pinturas e fotografias como se as visse pela primeira vez, passando a mão pelos móveis e pegando objetos expostos sobre o consolo da lareira. Toda a sua vida estava ali, e que história tão rica! O dinheiro para comprar até mesmo a mais barata daquelas coisas fora ganho por Clive criando sons, pondo uma nota atrás da outra. Imaginara tudo ali, quisera tudo ali, sem a ajuda de ninguém. E bebeu a seu sucesso, num só gole, retornando à cozinha para reencher o copo antes de fazer uma excursão à sala de jantar. Às onze e meia se encontrava de volta diante da partitura, mas, como as notas agora não ficavam paradas no lugar, nem mesmo para ele, se viu obrigado a admitir que estava muito bêbado — e quem não estaria após tais deslealdades? Numa estante havia uma garrafa de uísque cheia pela metade, que ele levou para a poltrona de Molly, e um Ravel no tocador de cd. Sua última memória da noite foi erguer o controle remoto e apontá-lo na direção do aparelho.

Acordou de madrugada com os fones de ouvido entortados por cima do rosto e uma sede terrível por causa dos sonhos em que cruzava de quatro o deserto carregando o único piano de cauda dos tuaregues. Bebeu água da pia do banheiro e se jogou na cama, ficando acordado durante horas com os olhos abertos no escuro, exausto, desidratado e alerta, mais uma vez forçado a contemplar, quisesse ou não, seu carrossel. *Até o pescoço em merda? Postura moral! Molly?*

Quando despertou de um breve sono no meio da manhã, sabia que tinha acabado a maré boa, o impulso de criação. Não era apenas uma questão de estar cansado ou de ressaca. Tão logo sentou ao piano e tentou algumas alternativas para a variação, descobriu que não somente aquela passagem, mas todo o movimento morrera dentro dele — como se de repente estivesse

com a boca cheia de cinzas. Não ousava pensar muito sobre a própria sinfonia. Quando a secretária telefonou para combinar a hora de buscar as páginas finais, ele foi ríspido e teve de chamá-la de volta para se desculpar. Deu uma caminhada para limpar a cabeça e pôs no correio o cartão para Vernon, que agora lhe pareceu uma obra-prima em matéria de autocontrole. No trajeto, comprou um exemplar do *Judge*; a fim de proteger sua concentração, vinha se negando a ler jornais e acompanhar os noticiários da tv e do rádio, nada sabendo assim sobre o desenvolvimento do caso.

Por isso, foi um choque quando, já em casa, abriu o jornal sobre a mesa da cozinha. Garmony posando diante de Molly, desmunhecando para ela, e a câmera em suas mãos quentes, os olhos focalizando o que Clive via agora. Mas a primeira página era constrangedora, não porque, ou não só porque, um homem fora apanhado num momento íntimo muito delicado, mas porque o jornal carregara tanto nas tintas e usara recursos tão poderosos. Como se tivesse sido revelada uma conspiração política de natureza criminosa ou tivesse sido descoberto um cadáver sob a mesa do ministro das Relações Internacionais. Tudo tão provinciano, tão desmedido, tão reles. O jornal também havia sido inepto na forma como se esforçou para ser cruel. Por exemplo, a charge exagerada e zombeteira, o exultante artigo de fundo com trocadilhos infantis envolvendo termos zoológicos, e coisas do gênero. Voltou-lhe o pensamento: Vernon era louco, e não apenas repugnante. Mas isso não impediria Clive de odiá-lo.

A ressaca durou todo o fim de semana e entrou pela segunda-feira — ultimamente não se escapava dela tão fácil —, a náusea geral servindo como bom pano de fundo para suas amargas rumações. O trabalho estava empacado. Onde antes crescia uma fruta suculenta só restava agora um graveto seco. Os copistas estavam desesperados para receber as doze últimas páginas da partitura. O gerente da orquestra telefonou três vezes, a voz trêmula ao controlar o pânico. O Concertgebouw havia sido alugado a partir da sexta-feira seguinte para dois dias de ensaios a um custo exorbitante, os percussionistas adicionais que Clive exigira foram contratados, assim como o acordeonista. Giulio Bo estava impaciente



para ver o trabalho concluído, todas as providências tinham sido tomadas com relação a Birmingham. Se na quinta-feira ele não dispusesse da partitura completa das partes em Amsterdam, só lhe restaria a opção de afogar-se no canal mais próximo. Era um alívio sentir uma aflição maior que a sua, porém Clive se recusou a liberar as páginas. Aguardava ainda sua importante variação e, como costuma acontecer com essas coisas, agora começava a lhe parecer que a integridade do trabalho dependia dela.

Essa, sem dúvida, era uma concepção ruinosa. Quando ele entrava no estúdio, a desordem agora o oprimia e, ao sentar-se diante do manuscrito — na caligrafia de um homem mais moço, mais confiante e mais talentoso —, culpava Vernon por ser incapaz de trabalhar, com isso redobrando sua cólera. Sua concentração fora estraçalhada. Por um idiota. Tornava-se claro que lhe havia sido negada sua obra-prima, o píncaro do esforço de toda uma vida. Aquela sinfonia teria ensinado à audiência como ouvir, como *escutar*, tudo mais que ele tinha composto até então. Agora, a prova, a assinatura da genialidade havia sido inutilizada, a grandeza, roubada. Porque Clive sabia que jamais tentaria uma composição em tamanha escala: estava extenuado demais, vazio demais, velho demais.

No domingo, se deixou ficar na sala de estar, lendo entorpecido as outras matérias no *Judge* de sexta-feira. O mundo continuava uma bagunça: os peixes mudavam de sexo, os jogadores de tênis de mesa ingleses estavam decadentes, na Holanda alguns tipos imorais com diploma médico ofereciam um serviço legal para eliminar parentes idosos e inconvenientes. Que interessante. Bastava a assinatura do parente em duas vias e alguns milhares de dólares. À tarde, ele deu uma longa caminhada pelo Hyde Park e refletiu com vagar sobre esse artigo. Na verdade, tinha feito um pacto com Vernon que, afinal de contas, implicava certas obrigações. Talvez coubesse uma pesquisazinha. Mas a segunda-feira foi desperdiçada num simulacro de trabalho, numa autoenganação que ele teve o bom senso de abandonar à noite. Todas as ideias que teve se revelaram idiotas. Não lhe deveria ser permitido chegar perto da sinfonia, ele não era digno de sua própria criação.

Na manhã de terça-feira foi acordado pelo gerente da orquestra que, na verdade, gritou com ele no telefone. Ensaios na sexta e ainda não tinham a partitura completa. Mais tarde, na mesma manhã, Clive recebeu de um amigo a notícia extraordinária: Vernon tinha sido obrigado a pedir demissão! Clive correu à rua para comprar os jornais. Não tendo lido nem ouvido nada desde que levara o *Judge* para casa na sexta-feira, desconhecia como a opinião pública havia se voltado contra seu editor. Tomou uma xícara de café na sala de jantar e lá mesmo leu os jornais. Sentia uma satisfação macabra por ver confirmadas suas opiniões acerca da conduta de Vernon. Ele havia cumprido seu dever para com Vernon, tentara adverti-lo, porém não tinha sido ouvido. Após ler três acusações contundentes, Clive foi até a janela e contemplou as touceiras de narcisos que cresciam junto à macieira nos fundos do jardim. Tinha de admitir que estava se sentindo melhor. Começo da primavera. Cedo os relógios seriam adiantados uma hora. Em abril, superada a estreia da sinfonia, ele iria a Nova York visitar Susie Marcellan. De lá para a Califórnia, onde uma composição sua seria tocada no Festival de Música de Palo Alto. Consciente de que seu dedo estava percutindo o radiador num novo ritmo, ele imaginou uma mudança de estado de espírito, de tom, assim como uma nota sustentada ao longo de harmonias cambiantes e o pulsar selvagem do tímpano. Deu meia-volta e saiu às pressas da sala. Tinha uma ideia, um quarto de ideia, e, antes que ela se dissipasse, precisava chegar ao piano.

No estúdio, empurrou livros e velhas partituras para o chão a fim de abrir espaço, pegou uma folha de papel e um lápis, e tinha acabado de desenhar uma clave de sol quando a campainha tocou lá embaixo. Sua mão se imobilizou e ele aguardou. Tocou outra vez. Ele não ia descer, não agora, quando estava prestes a solucionar o problema da variação. Podia ser alguém se dizendo um mineiro de carvão desempregado e querendo vender capas para tábuas de passar roupa. A campainha de novo, depois o silêncio. Quem quer que fosse tinha ido embora. Por um momento, a tênue ideia se perdeu. E então ele voltou a captá-la, ou parte dela, e estava

desenhando a haste de um acorde quando o telefone tocou. Deveria tê-lo deixado tocar. Irritado, o arrancou do gancho.

“Senhor Linley?”

“Sim.”

“Polícia. Departamento de Investigação Criminal. Em frente à sua casa. Queríamos uma palavrinha com o senhor.”

“Ah, olhe, podem voltar daqui a meia hora?”

“Sinto muito, mas não dá. Temos de fazer algumas perguntas. Talvez lhe pedir para comparecer a umas sessões de reconhecimento pessoal em Manchester. Nos ajudar a identificar um suspeito. Só uns dois dias do seu tempo. Por isso, senhor Linley, pode fazer o favor de abrir a porta?”

## 2.

Na pressa de sair para o trabalho, Mandy havia deixado a porta do armário aberta num ângulo que permitia ao espelho acusar Vernon exibindo uma fatia estreita e vertical de seu reflexo: recostado nos travesseiros, a caneca de chá que ela trouxera pousada sobre a barriga, o rosto não barbeado em tons azulados na penumbra do quarto, cartas, correspondência não solicitada e jornais à sua volta — verdadeiramente, o retrato de um desempregado. *Ocioso*. De repente ele entendeu aquela palavra usada na página de negócios. Tinha muitas horas de ociosidade pela frente naquela manhã de terça-feira para remoer todas as indignidades e ironias que haviam cercado sua exoneração na véspera. A forma curiosa, por exemplo, como a carta foi deixada na sua sala por uma funcionária inocente de baixo nível, a mesma disléxica soluçante que ele salvara de igual destino. A própria carta, solicitando delicadamente seu pedido de demissão e oferecendo em troca o salário de um ano. Havia uma referência velada aos termos de seu contrato pela qual, ele presumiu, os membros do conselho desejavam lembrá-lo, sem afirmar isso expressamente, de que, caso se negasse e os obrigasse a pô-lo no olho da rua, não receberia nenhuma remuneração. A carta terminava afirmando cortesmente que, em todo caso, sua relação empregatícia cessava naquele dia e que o conselho desejava congratulá-lo por sua brilhante contribuição no período em que editou o jornal, fazendo votos de êxito em suas novas funções. Era isso aí. Obrigado a dar o fora imediatamente, levando ou não uma soma de seis cifras baixas.

Na carta de demissão, Vernon observou que a circulação crescera em mais de cem mil exemplares. Só o fato de escrever o número, os zeros, o entristeceu. Quando ele chegou à antessala e entregou o envelope a Jean, ela pareceu ter dificuldade em olhá-lo nos olhos. E o prédio estava curiosamente silencioso quando ele voltou para recolher suas coisas na escrivaninha. O instinto profissional lhe dizia que todos já sabiam. Deixou a porta aberta para o caso de alguém querer passar por lá num gesto de camaradagem, cumprindo um

ritual de amizade. Tudo de seu cabia na maleta — uma fotografia emoldurada de Mandy com as crianças, algumas cartas pornográficas de Dana escritas no papel da Câmara Baixa. E pelo jeito não apareceria ninguém mesmo para lhe manifestar solidariedade devido ao modo chocante como ele havia sido tratado. Nenhum grupo barulhento de colegas em mangas de camisa para se despedir dele no velho estilo. Então muito bem, ele ia embora. Chamou Jean pelo interfone e lhe pediu que avisasse ao motorista que estava descendo. Ela chamou de volta para lhe dizer que ele já não tinha motorista.

Vestiu o sobretudo, pegou a maleta e passou para a antessala. Jean devia ter se lembrado de algum encargo urgente, pois ele não viu ninguém, nem uma só alma, a caminho do elevador. A única pessoa a dar um alô para o editor foi o porteiro no térreo, atrás do balcão, que também informou a Vernon o nome de seu sucessor. “Frank Dibben, meu senhor.” Inclinando minimamente a cabeça, ele conseguiu fingir que já sabia. Chovia quando saiu da sede do *Judge*. Ergueu o braço para chamar um táxi, mas lembrou que tinha muito pouco dinheiro vivo consigo. Pegou o metrô e caminhou os últimos oitocentos metros até sua casa debaixo de um temporal. Foi direto para o uísque e, quando Mandy voltou, armou uma briga violenta embora ela só estivesse tentando consolá-lo.

Vernon continuou afundado na cama com o chá enquanto seu hodômetro mental computava as ofensas e as humilhações. Não bastava que Frank Dibben fosse traiçoeiro, que todos os colegas o tivessem abandonado, que os jornais sem exceção aplaudissem sua demissão; não bastava que todo o país celebrasse o esmagamento da pulga, que Garmony ainda permanecesse incólume. Ao seu lado na cama estava um cartãozinho venenoso que se comprazia com sua queda, escrito pelo seu mais velho amigo, por um homem tão moralmente superior que preferia ver uma mulher sendo estuprada na sua frente a interromper seu trabalho. Totalmente odioso, e louco. Vingativo. Mas guerra é guerra. Muito bem. Aqui vamos nós, não hesite. Bebeu o chá, pegou o telefone e chamou um amigo na New Scotland Yard, um contato que vinha de seus tempos de repórter policial. Quinze minutos depois todos os pormenores tinham

sido passados, a coisa estava feita, mas Vernon ainda ruminava seus pensamentos, não estava ainda satisfeito. Clive não violara nenhuma lei. Ele seria incomodado a fim de cumprir seu dever, nada mais que isso. Porém, tinha de haver mais. Era necessário que houvesse consequências. Vernon matutou sobre o tema por mais uma hora na cama, até que por fim se vestiu (sem fazer a barba) e passou a manhã zanzando pela casa, se recusando a atender o telefone. Como consolo, pegou o exemplar de sexta-feira. Sem a menor dúvida, a primeira página era brilhante. Todos estavam errados. O resto do jornal também era forte, e Lettice O'Hara o deixara orgulhoso com a reportagem holandesa. Um dia, especialmente se Garmony chegasse a primeiro-ministro e o país estivesse em ruínas, as pessoas se arrependeriam de haver enxotado Vernon Halliday de seu emprego.

Mas o consolo foi breve, porque isso estava no futuro e agora estávamos no presente, onde ele fora posto para correr. Encontrava-se em casa quando deveria ocupar um escritório. Só conhecia uma profissão, e agora ninguém do setor o empregaria. Desacreditado e velho demais para aprender outro ofício. O consolo foi breve também porque seus pensamentos voltavam sem cessar àquele cartão abominável, a faca sendo girada, o sal esfregado nas feridas; e, à medida que o dia escoou, o cartão passou a simbolizar todos os insultos maiores e menores das últimas vinte e quatro horas. Aquela pequena mensagem de Clive incorporava e condensava todo o veneno do episódio — a cegueira, a hipocrisia e o espírito vingativo dos acusadores, e acima de tudo o elemento que Vernon considerava o pior dos vícios: a traição pessoal.

A linguagem se presta a interpretações erradas. O que Clive quis dizer na quinta-feira e pôs no correio na sexta foi que Vernon deveria *ser posto na rua*. O que Vernon estava fadado a entender na terça-feira, após ser dispensado, era que ele *merecia* ser posto na rua. Caso o cartão houvesse chegado na segunda, talvez o tivesse lido de modo diferente. Era essa a natureza cômica do destino deles: um serviço de entrega rápida teria sido muito útil para ambos. Por outro lado, talvez eles não dispusessem de outros desfechos, e essa seria a natureza da tragédia dos dois. Sendo assim, Vernon

fatalmente consolidaria seu amargor ao longo do dia e refletiria, de forma bastante oportunista, sobre o pacto que tinham firmado pouco tempo antes e as tremendas responsabilidades que lhe incumbiam. Pois claramente Clive perdera a razão, e algo precisava ser feito. Essa decisão foi fortalecida pela sensação de Vernon de que, no momento em que o mundo o estava tratando tão mal, em que sua vida se encontrava em ruínas, ninguém o tratava pior que seu velho amigo — e isso era imperdoável. E insano.

Quando alguém sofre com uma injustiça, ocorre às vezes que o gosto pela vingança se combina de modo muito útil com o senso do dever. As horas passaram e Vernon pegou diversas vezes o exemplar do *Judge* para reler o artigo sobre o escândalo médico na Holanda. Mais tarde, fez algumas pesquisas telefônicas. Mais horas se passaram enquanto ele permanecia sentado na cozinha bebendo café, contemplando os destroços de seu futuro, e refletindo se devia chamar Clive e fingir que fazia as pazes a fim de se convidar para ir a Amsterdam.

### 3.

Estaria tudo certo? Ele teria se lembrado de tudo? Seria mesmo legal? Clive considerou essas questões nas entranhas de um Boeing 757 estacionado em meio a um gélido nevoeiro na extremidade norte do aeroporto de Manchester. Como se esperava uma melhora no tempo, o piloto queria manter sua posição na fila de decolagem e, por isso, os passageiros aguardavam em silêncio buscando alívio no carrinho de bebidas. Era meio-dia e Clive tinha pedido café, conhaque e uma barra de chocolate. Ocupava um assento de janela numa fileira vazia e, através de aberturas ocasionais na névoa, podia ver outros aviões esperando de modo competitivo em linhas irregulares que tendiam para o mesmo ponto, com um quê rude e ameaçador em sua aparência: olhos rasgados sob cérebros pequenos, braços atrofiados e sobrecarregados, ânus levantados e enegrecidos — criaturas como essas jamais poderiam se importar com seus semelhantes.

A resposta era sim, sua pesquisa e planejamento tinham sido meticulosos. A coisa ia acontecer e ele se sentiu excitado. Ergueu a mão para uma moça sorridente que usava um atrevido chapéu azul e parecia pessoalmente encantada com sua decisão de pedir mais uma garrafinha e com o privilégio de poder servi-lo. Levando tudo em conta, dadas as provações por que passara e as que viriam pela frente, além da certeza de que os acontecimentos agora se acelerariam vertiginosamente, ele não se sentia tão mal. Perderia as primeiras horas do ensaio, mas uma orquestra se ajustando a uma nova composição era sempre um deus nos acuda. Seria sensato até evitar todo o primeiro dia. Seu banco lhe havia assegurado que levar dez mil dólares na pasta era permitido e que não precisaria se explicar no aeroporto de Schiphol. Quanto à delegacia de polícia em Manchester, ele acreditava haver lidado com tudo de forma competente, tinha sido tratado com respeito e chegava a sentir certa saudade do ambiente revigorante, daqueles homens assoberbados com quem havia trabalhado tão bem.



Ao chegar da estação ferroviária num péssimo estado de espírito, tendo amaldiçoado Vernon a cada quilômetro do caminho desde Euston, o próprio inspetor-chefe veio ao balcão da entrada dar as boas-vindas ao grande compositor. Ele parecia tremendamente grato a Clive por ter vindo de Londres a fim de ajudar no caso. Na verdade, ninguém pareceu nem um pouco aborrecido por ele não ter se apresentado antes. Estavam simplesmente muito felizes, assim disseram vários policiais, por poder contar com sua ajuda naquele crime em particular. Quando ele prestou o depoimento, os dois detetives disseram compreender como deveria ser difícil compor uma sinfonia por encomenda com um prazo fatal se aproximando, e que dilema ele vivera acorrido atrás da rocha. Davam a impressão de estar muito interessados em entender todas as dificuldades envolvidas na composição da melodia crucial. Será que podia cantá-la para eles? Claro que sim. De vez em quando, um deles lhe pedia que voltasse a descrever o que tinha visto daquele homem. Clive ficou sabendo que o inspetor-chefe estudava para obter um diploma de inglês na Open University e que tinha um interesse especial por Blake. No refeitório da delegacia, enquanto comiam sanduíches de bacon, ele provou que sabia de cor "A poison tree", e Clive lhe contou que em 1978 tinha musicado esse poema, que foi cantado no ano seguinte por Peter Pears no Aldeburgh Festival e nunca mais depois disso. No refeitório, deitado em cima de duas cadeiras que haviam sido juntadas, dormia um bebê de seis meses. A mãe estava presa numa cela no térreo enquanto se recuperava de uma bebedeira. Durante o primeiro dia, Clive às vezes ouvia seus gritos e gemidos de lamentação que subiam pela escada em cujas paredes a tinta descascava.

Deixaram que ele circulasse no centro da delegacia, onde as pessoas eram indiciadas. No começo da noite, enquanto aguardava para repassar seu depoimento, Clive testemunhou uma briga diante do sargento de plantão: um adolescente grandalhão e suarento, de cabeça raspada, tinha sido apanhado se escondendo no jardim de um quintal com uma tesoura para cortar aço, chave mestra, serra de fechadura e marreta ocultas sob o casaco. Insistia em que não era ladrão e que não iria ficar preso de jeito nenhum. Quando o

sargento lhe disse que iria, sim, o rapaz deu um soco na cara de um guarda e foi derrubado por dois outros guardas, que o algemaram e levaram para uma cela. Ninguém pareceu muito aflito, nem mesmo o policial com o lábio partido, mas Clive teve de pôr a mão sobre o coração em disparada e precisou sentar-se. Mais tarde, um patrulheiro trouxe um menino de quatro anos, lívido e silencioso, que havia sido encontrado vagando no estacionamento de um *pub* fechado. Mais tarde, uma chorosa família de irlandeses veio buscá-lo. Duas moças que mastigavam seus cabelos, irmãs gêmeas e filhas de um pai violento, lá chegaram em busca de proteção, sendo tratadas com uma familiaridade brincalhona. Uma mulher com o rosto ferido prestou queixa contra o marido. Uma senhora preta e muito idosa, dobrada em duas pela osteoporose, havia sido posta na rua pela nora e não tinha para onde ir. Os assistentes sociais iam e vinham, a maioria deles parecendo tão inclinada ao crime, ou tão desafortunada, quanto seus clientes. Todos fumavam. Sob a luz fluorescente, todo mundo dava a impressão de estar doente. Bebia-se muito chá fervente em copos de plástico, ouviam-se muitos gritos e xingamentos rotineiros, sem graça, bem como ameaças de punho cerrado que ninguém levava a sério. Era uma família grande e infeliz, com problemas domésticos que, por sua própria natureza, se revelavam insolúveis. Aquela era a sala de estar da família. Clive se encolheu detrás de seu chá cor de tijolo. Naquele mundo, só raramente alguém levantava a voz, e ele sentiu durante toda a noite um misto de cansaço e excitação. Praticamente todos os que lá chegaram, de forma voluntária ou não, eram pessoas necessitadas, e ficou claro para Clive que a maior parte do trabalho da polícia era lidar com as numerosas e imprevisíveis consequências da pobreza, coisa que eles faziam com muito mais paciência e menos melindres do que ele jamais poderia fazer.

E pensar que já os chamara de porcos e advogara, durante um namoro de três meses com o anarquismo em 1967, que eram eles a causa dos crimes e que um dia se tornariam desnecessários. Durante todo o tempo que lá ficou, foi tratado com cortesia e até mesmo deferência. Os policiais pareciam *gostar* dele, e Clive se perguntava se tinha certas virtudes que antes não imaginara possuir

— um jeito sensato, um charme discreto, talvez um quê de autoridade. Na manhã seguinte, chegada a hora do perfilamento para a identificação do culpado, ele estava ansioso para não decepcionar ninguém. Levaram-no para um pátio, atrás do estacionamento dos carros de patrulha, onde doze homens estavam encostados numa parede. Ele viu o homem de imediato, terceiro a partir da direita, o de rosto longo e fino com a reveladora boina de tecido. Que alívio! Ao voltarem para dentro, um dos detetives pegou o braço de Clive e apertou, mas não disse nada. Ao seu redor havia uma atmosfera de alegria contida e todos mostravam gostar dele ainda mais. Agora trabalhavam como uma equipe, Clive fora aceito no papel de testemunha-chave de acusação. Mais tarde houve um segundo perfilamento, quando metade dos homens usava boinas de tecido e todos tinham rostos longos e finos. Mas Clive não se deixou enganar e identificou seu homem no fim da fileira, sem boina. Voltando à delegacia, um detetive lhe disse que esse segundo reconhecimento não era tão importante. De fato, por razões administrativas poderiam até desprezá-lo inteiramente. No entanto, de modo geral, todos estavam encantados com sua dedicação à causa. Ele devia se considerar um policial honorário. Um carro de patrulha estava indo para o aeroporto. Será que ele queria uma carona até lá?

Foi deixado junto ao terminal. Ao descer do banco de trás e se despedir, notou que o policial no assento do motorista era exatamente o sujeito que ele apontara no segundo reconhecimento. Mas nem Clive nem o motorista acharam necessário comentar tal fato ao se apertarem as mãos.

## 4.

O voo chegou a Schiphol com duas horas de atraso. Clive tomou o trem para a estação central e, de lá, seguiu a pé até o hotel na luz suave e acinzentada do entardecer. Ao cruzar a ponte, se recordou de como Amsterdam era uma cidade calma e civilizada. Fez um longo desvio para oeste a fim de caminhar pela Brouwersgracht. Sua mala era bem leve. Que reconfortante, ter um canal correndo pelo meio da rua! Que lugar tolerante, liberal e maduro: os belos armazéns de tijolos e vigas de madeira esculpida convertidos em apartamentos de bom gosto, as modestas pontes de Van Gogh, a discreta mobília urbana, os holandeses inteligentes e de aparência amigável montados nas bicicletas com seus prudentes filhos sentados atrás. Até os lojistas pareciam professores e os varredores de rua, músicos de jazz. Nunca existiu uma cidade organizada mais racionalmente. Enquanto caminhava, ele pensou em Vernon e na sinfonia. O trabalho estava arruinado ou apenas defeituoso? Talvez não tanto defeituoso quanto conspurcado, e de formas que só ele poderia compreender. Ruinosamente roubado de seu maior momento. Temia a *première*. Agora podia dizer a si mesmo, com toda a tortuosa sinceridade, que, ao tomar as diversas providências para o bem de Vernon, ele, Clive, não fazia nada mais do que honrar sua palavra. O fato de que Vernon desejava uma reconciliação, e por isso quisera vir a Amsterdam, era sem dúvida mais que uma simples coincidência ou mera conveniência. De algum modo, em seu coração enegrecido e desequilibrado ele havia aceitado o destino que o aguardava. Estava se entregando nas mãos de Clive.

Essas reflexões o levaram enfim ao hotel, onde soube que a recepção começaria às sete e meia. Chamou do quarto seu contato, o bom médico, a fim de conversar sobre os preparativos e, pela última vez, os sintomas: comportamento imprevisível, estranho e extremamente antissocial, completa perda da razão. Tendências destrutivas, fantasias de onipotência. Uma personalidade desintegrada. Discutiu-se a questão da pré-medicação. Quanto deveria ser administrado? Foi sugerida uma taça de champanhe, o

que Clive viu com bons olhos por constituir uma apropriada nota festiva.

Como restavam ainda duas horas de ensaio, Clive deixou o envelope com o dinheiro na recepção e pediu ao porteiro que chamasse um táxi. Em poucos minutos chegou à entrada dos artistas, na parte lateral do Concertgebouw. Ao passar pelo porteiro e empurrar as portas de vaivém que conduziam às escadas, foi atingido pelo som da orquestra. O movimento final. Tinha de ser. Já foi corrigindo a passagem enquanto subia: deviam se ouvir agora as trompas, não os clarinetes; as marcações para os tímpanos eram *piano*. *Esta música é minha*. Era como se trompas de caça o chamassem, mas o chamassem de volta a si próprio. Como poderia ter esquecido? Apertou o passo. Era capaz de ouvir o que escrevera. Caminhava em direção a uma representação de si mesmo. Todas aquelas noites sozinho. A odiosa imprensa. Allen Crag. Por que perdera tanto tempo a tarde toda, por que vinha protelando o momento? Teve de se esforçar para não disparar pelo corredor curvo que circundava o auditório. Abriu uma porta e parou.

Como tencionara, ele havia chegado às primeiras filas acima e atrás da orquestra, na verdade às costas dos percussionistas. Os músicos não podiam vê-lo, mas ele se achava diretamente na linha de visão do maestro. No entanto, os olhos de Giulio Bo estavam fechados. Na ponta dos pés, pescoço esticado para a frente, braço esquerdo estendido na direção da orquestra com os dedos abertos e sendo mexidos de leve, ele gentilmente fazia nascer o trombone em surdina que então enunciava, de forma doce, sábia e conspiratória, a primeira exposição completa da melodia, a "Nessun dorma" do final do século, a melodia que Clive cantarolara na véspera para os detetives e pela qual estivera preparado a sacrificar uma excursionista anônima. E com razão. Quando as notas se expandiram, quando toda a seção de cordas posicionou os arcos para emitir os primeiros sussurros sustentados de suas harmonias sinuosas e deslizantes, Clive se deixou escorregar silenciosamente numa poltrona e sentiu que mergulhava numa espécie de desmaio. Agora as texturas se multiplicavam à medida que mais instrumentos eram atraídos para a conspiração dos trombones, e a dissonância se

espalhava como uma doença contagiosa, e pequenas e duras lascas — as variações que não levavam a lugar nenhum — eram atiradas para o ar como centelhas que às vezes colidiam a fim de produzir as primeiras insinuações da veloz muralha de som, do *tsunami*, que agora começava a se erguer e em breve arrasaria tudo em seu caminho, antes de destruir a si próprio no leito rochoso do tom básico da composição. Mas, antes que isso acontecesse, o regente deu umas pancadinhas com a batuta na sua estante, e a orquestra foi parando aos poucos, de um modo desorganizado e relutante. Bo esperou até que o último instrumento silenciasse e depois, erguendo as duas mãos na direção de Clive, disse:

“Maestro, bem-vindo!”

As cabeças de todos os membros da Orquestra Sinfônica da Grã-Bretanha se voltaram enquanto Clive se punha de pé. Quando ele desceu para o palco, ouviu-se o fragor de muitos arcos contra as estantes. Um trompete brincalhão citou quatro notas do concerto em ré maior, não o de Haydn, mas o de Clive. Ah, estar no continente europeu e ser um grande compositor! Que bálsamo! Abraçou Giulio, apertou a mão do *spalla*, cumprimentou os músicos com um sorriso, uma pequena mesura e as mãos erguidas na altura dos quadris em sinal de modesta capitulação, voltando-se depois para murmurar algo no ouvido do regente. Clive não tencionava falar com os músicos sobre a sinfonia naquela tarde. Preferia fazê-lo na manhã seguinte, quando todos estariam descansados. No momento, estava satisfeito em ouvir. Acrescentou as observações sobre o clarinete e as trompas, assim como sobre a dinâmica suave dos tímpanos.

“Sim, sim”, disse Giulio de pronto. “Já tinha notado.”

Voltando a sentar-se, Clive reparou como eram solenes os rostos dos músicos. Estiveram trabalhando o dia todo. A recepção no hotel sem dúvida lhes daria novo elã. O ensaio prosseguiu, com Bo refinando a passagem que tinham acabado de tocar, ouvindo as diferentes seções da orquestra em separado, pedindo ajustes, entre outras coisas, nas marcações do *legato*. De onde estava sentado, Clive se esforçou para evitar que sua atenção fosse atraída pelos detalhes técnicos. No momento, o que valia era a música, a maravilhosa transformação do pensamento em som. Inclinou-se

para a frente, olhos cerrados, concentrando-se em cada fragmento liberado por Bo. Às vezes, Clive trabalhava tanto numa peça que podia perder de vista seu objetivo último — criar aquele prazer ao mesmo tempo tão sensual e abstrato, traduzir em vibrações do ar aquela não linguagem cujos significados estavam sempre um pouco além do alcance, atormentadoramente suspensos no ponto onde se fundiam a emoção e o intelecto. Certas sequências de notas o faziam lembrar apenas a dificuldade recente de escrevê-las. Bo exercitava agora a passagem seguinte, não tanto um diminuendo quanto uma redução, e a música evocou em Clive a imagem da desordem em seu estúdio na luz da madrugada, assim como as suspeitas que tinha sobre si próprio e mal ousava formular. Grandeza. Seria ele um idiota por pensar assim? Sem dúvida tinha de haver um primeiro momento de autorreconhecimento, e sem dúvida aquilo sempre pareceria absurdo.

Agora era o trombone de novo, e um intrincado e refreado crescendo que por fim irrompia na derradeira enunciação da melodia, um *tutti* retumbante e carnavalesco. *Mas fatalmente desprovido de variações.* Clive cobriu o rosto com as mãos. Tinha razão de haver se preocupado. Aquilo era um produto deteriorado. Antes de seguir para Manchester, ele permitira que as páginas fossem recolhidas tal como se encontravam. Não havia escolha. Agora não se recordava mais da primorosa mudança que estivera prestes a fazer. Aquele devia ser o momento de afirmação triunfante da sinfonia, a agregação de tudo que era jubilosamente humano antes da destruição que se avizinhava. No entanto, apresentada assim, como mera repetição em *fortissimo*, era algo bombástico e sem imaginação, um anticlímax. Pior ainda, era um vácuo, que só a vingança poderia preencher.

Como já estava acabando o tempo marcado para o ensaio, Bo deixou que a orquestra seguisse até o fim. Clive se afundou na poltrona. Tudo agora soava diferente para ele. O tema estava se desintegrando na grande onda de dissonância e aumentava em volume — mas o efeito era absurdo, como se vinte orquestras estivessem buscando afinar o lá. Nada tinha de dissonante. Praticamente todos os instrumentos tocavam a mesma nota. Um

imenso zumbido. Uma gaita de fole gigantesca precisando de concerto. Ele só conseguia ouvir o lá, jogado de um instrumento para outro, de uma seção para outra. De repente o ouvido absoluto de Clive se transformou numa agonia. Aquela nota lá estava perfurando sua cabeça. Ele queria sair correndo do auditório, mas se encontrava bem à vista de Giulio, e eram impensáveis as repercussões de abandonar seu próprio ensaio minutos antes do fim. Por isso, se afundou ainda mais na poltrona e escondeu o rosto numa atitude de profunda concentração, sofrendo até os derradeiros quatro compassos de silêncio.

O combinado era que Clive voltaria para o hotel no Rolls-Royce do regente, que os esperava na entrada dos artistas. Mas Bo ficou retido cuidando de questões da orquestra e Clive teve alguns minutos para si no escuro, do lado de fora do Concertgebouw. Passeou em meio às pessoas que enchiam a Van Baerlestraat, muitas das quais já chegando para o concerto da noite. Schubert. (Será que o mundo já não tinha ouvido suficientes vezes o sifilítico Schubert?) Postou-se numa esquina e respirou o ameno ar de Amsterdam, que sempre parecia cheirar ligeiramente a fumaça de charuto e ketchup. Conhecia sua partitura muito bem, quantas notas lá ela continha e como aquela seção realmente soava. Simplesmente havia tido uma alucinação auditiva, uma ilusão — ou desilusão. A falta de variação tinha arruinado sua obra-prima, e ele agora estava mais convencido que nunca, se é que tal coisa era possível, dos planos que arquitetara. Já não o movia a fúria, o ódio ou o asco, ou mesmo a necessidade de honrar sua palavra. O que estava prestes a fazer era contratualmente correto, possuía a inevitabilidade amoral da geometria pura, e ele não sentia nada.

No carro, Bo repassou o trabalho do dia, as muitas seções que pareciam tocar sozinhas e uma ou duas que teriam de ser destrinchadas no dia seguinte. Malgrado estar consciente das imperfeições da sinfonia, Clive queria que o grande maestro a abençoasse com um elogio superlativo e lhe dirigiu uma pergunta capaz de suscitá-lo: “Você acha que a composição como um todo está bem coesa? Quer dizer, estruturalmente?”.



Bo se inclinou para a frente e subiu o vidro que os separava do motorista.

“Está bem, está tudo bem. Mas, cá entre nós...” Baixou a voz. “Acho que o segundo oboé, a mocinha, é muito bonita mas não toca tão bem. Felizmente você não escreveu nada difícil para ela. Vai jantar hoje de noite comigo.”

Durante o resto do percurso, Bo relembrou a turnê da orquestra pela Europa, turnê que agora se aproximava do fim, e a última vez em que os dois haviam trabalhado juntos, em Praga, numa nova apresentação da peça *Symphonic Dervishes*.

“Ah, sim”, Bo exclamou quando o carro parou diante do hotel e a porta foi aberta para ele. “Lembro muito bem! Uma composição magnífica! A inventividade da juventude, tão difícil de recapturar, não é, maestro?”

Separaram-se no vestibulo, Bo para dar uma passadinha na recepção, Clive para apanhar um envelope na portaria. Foi informado de que Vernon chegara meia hora antes e fora a um encontro. O coquetel para a orquestra, amigos e gente da imprensa estava sendo realizado numa comprida galeria com grandes candelabros nos fundos do hotel. Um garçom estava postado à porta com uma bandeja na qual Clive pegou uma taça para Vernon e outra para si, retirando-se depois para um canto deserto onde se acomodou num assento acolchoado junto à janela a fim de ler as instruções do médico e abrir um saquinho de pó branco. Vez por outra olhava de relance para a porta. Quando Vernon telefonou alguns dias antes para se desculpar por haver alertado a polícia — fui um idiota, pressão do trabalho, semana de pesadelo, e por aí fora —, e especialmente quando propôs vir a Amsterdam para selar a reconciliação, dizendo que tinha mesmo algo a fazer na cidade, Clive havia sido plausivelmente afável nas respostas, porém suas mãos tremiam ao desligar o telefone. Tremiam agora ao derramar o pó no champanhe de Vernon, provocando o surgimento de algumas bolhas que logo desapareceram. Com o dedo mínimo, Clive limpou a espuma acinzentada que se acumulara na beira da taça. Ergueu-se então, com uma em cada mão. A de Vernon no lado direito, a sua no

esquerdo. Importante lembrar disso. Vernon, direito — embora ele estivesse errado.

Um único problema preocupava Clive quando ele atravessou o alarido de músicos, administradores artísticos e críticos: como persuadir Vernon a beber o champanhe da taça que ele levava, e não de outra. Melhor, talvez, interceptá-lo junto à porta, antes que pegasse alguma na bandeja. A bebida salpicou seus punhos enquanto ele circundava a barulhenta seção de metais e voltava atrás um bom pedaço a fim de não chegar perto dos contrabaixos, que já pareciam estar bêbados em competição com os tímpanos. Por fim alcançou a confraria dos violinos, que aceitara a companhia das flautas e do flautim. Nesse grupo havia mais mulheres, o que exercia um efeito tranquilizador. Elas formavam duetos e trios, emitindo gorjeios suaves e carregando de um agradável perfume o ar à volta. Num lado do salão, três homens discutiam Flaubert aos sussurros. Clive descobriu um lugar desocupado de onde tinha uma visão desimpedida das altas portas duplas que davam para o vestíbulo. Mais cedo ou mais tarde, alguém viria conversar com ele. Mais cedo. Aquele merdinha do Paul Lanark, o crítico que afirmara ser Clive um Górecki para pessoas inteligentes, depois se retratando em público: não, Górecki é que era um Linley para pessoas inteligentes. Incrível que ele tivesse a audácia de se aproximar.

“Oi, Linley, uma dessas taças é para mim?”

“Não, e faça o favor de dar o fora.”

Teria sido um prazer dar a Lanark a taça que trazia na mão direita. Clive virara o corpo de lado. Mas o crítico estava bêbado e queria se divertir.

“Tenho ouvido falar sobre sua última composição. Se chama mesmo a *Sinfonia do milênio*?”

“Não. A imprensa é que deu esse nome”, Clive respondeu com rispidez.

“Ouvi falar muito sobre ela. Dizem que você plagiou Beethoven barbaramente.”

“Vá embora.”

“Quem sabe você chama isso de samplear. Ou de citação pós-moderna. Mas você não é suposto ser pré-moderno?”

“Se você não for embora, vou te dar uma porrada na cara.”

“Então é melhor me passar uma dessas para ficar com a mão livre.”

Ao procurar um lugar para descansar as bebidas, Clive viu que Vernon caminhava em sua direção com um largo sorriso. Infelizmente, trazia duas taças cheias.

“Clive!”

“Vernon!”

“Ah”, disse Lanark num tom fingido de adulação. “Ninguém menos que ‘a Pulga’.”

“Olhe”, disse Clive, “eu tinha um drinque pronto para você.”

“E eu peguei um para você.”

“Bem...”

Cada qual entregou uma taça a Lanark. Vernon então ofereceu uma a Clive, e Clive deu a sua a Vernon.

“Saúde!”

Vernon fez um sinal de cabeça para Clive, acompanhado de um olhar significativo, e se voltou para Lanark.

“Vi recentemente seu nome numa lista de pessoas muito distintas. Juízes, chefes de polícia, grandes homens de negócios, ministros...”

Lanark corou de prazer. “Toda essa conversa de que eu vou receber um título de cavaleiro é pura bobagem.”

“Claro que é. A lista tinha a ver com um orfanato no País de Gales. Um círculo de pedófilos de altíssimo nível. Você foi filmado entrando e saindo umas cinco ou seis vezes. Estávamos pensando em publicar uma reportagem antes de me despedirem, mas tenho certeza de que outro editor vai fazer isso.”

Durante pelo menos dez segundos Lanark permaneceu ereto e imóvel, com uma dignidade militar, cotovelos junto ao corpo, as taças erguidas diante de si, um sorriso longínquo congelado nos lábios. Os sinais de advertência foram o esbugalhar dos olhos e um movimento ondulante de baixo para cima na garganta, uma peristalse às avessas.

“Cuidado!”, Vernon gritou. “Para trás!”

Só tiveram tempo de pular e escapar da golfada em forma de arco que trazia o conteúdo do estômago de Lanark. A galeria ficou

subitamente em silêncio. Depois, com um longo glissando decrescente, toda a seção de cordas, acompanhada das flautas e do flautim, avançou em direção aos contrabaixos, deixando o crítico e seu feito — fritas e maionese consumidas, no início da noite, na zona de meretrício da cidade — iluminados sob um solitário candelabro. Clive e Vernon foram arrastados com os demais convivas, ficando livres ao cruzarem a porta e penetrarem na calma do vestíbulo. Acomodaram-se numa banquetta e continuaram a bebericar o champanhe.

“Melhor do que bater nele”, disse Clive. “E aquilo era verdade?”

“Não acreditava até então.”

“Saúde outra vez.”

“Saúde. E, olhe, falei para valer. Lamento realmente ter mandado a polícia te procurar. Foi um comportamento vergonhoso. Perdões incondicionais, de joelhos.”

“Não precisa repetir. Sinto muitíssimo pelo seu emprego e todo aquele negócio. Você foi mesmo o melhor.”

“Então vamos apertar as mãos. Amigos.”

“Amigos.”

Vernon esvaziou o copo, bocejou e se pôs de pé. “Bem, veja só, se vamos jantar juntos, vou tirar uma soneca antes. Estou no maior prego.”

“Você teve uma semana pesada. Acho que vou tomar um banho. Nos vemos aqui embaixo dentro de uma hora?”

“Ótimo.”

Clive observou enquanto Vernon se arrastava até o balcão para pegar a chave. Ao pé da grande escadaria dupla, um homem e uma mulher trocaram olhares com Clive e acenaram com a cabeça. Um momento depois seguiram Vernon escada acima, e Clive deu algumas voltas pelo vestíbulo. Por fim, pegou sua chave e foi para o quarto.

Minutos depois, estava no banheiro, descalço mas vestindo ainda todas as roupas, curvado sobre a banheira a fim de tentar manipular o mecanismo dourado e cintilante que fechava o ralo. Este precisava ser levantado e virado ao mesmo tempo, o que parecia estar acima da capacidade de Clive. Enquanto isso, o chão de mármore aquecido

o fazia lembrar, pela sola dos pés, sua deliciosa fadiga. Noites em claro em South Kensington, pandemônio na delegacia de polícia, honrarias no Concertgebouw: ele também tivera uma semana pesada. Um cochilo antes do banho. De volta ao quarto, flutuou para fora das calças, desabotoou a camisa e, com um gemido de prazer, se abandonou à imensa cama. A colcha de cetim dourado acariciou suas coxas e ele sentiu o êxtase da rendição por cansaço. Tudo ótimo. Em breve estaria em Nova York para ver Susie Marcellan, e então voltaria a florescer nele aquela parte esquecida, mais convencional. Deitado ali, em meio ao luxo do cetim — até o ar no dispendioso quarto era acetinado —, ele estaria se contorcendo na antecipação do prazer caso pudesse se empenhar em mexer as pernas. Talvez, caso fizesse um grande esforço, caso fosse capaz de parar de pensar no trabalho durante uma semana, ele voltasse a se apaixonar por Susie. Gente boa, hábitos sadios, grande companheira, ela lhe daria apoio. Ao pensar nisso, foi tomado por repentina e profunda afeição a si próprio como o tipo de pessoa que merecia ter alguém para apoiá-lo. Sentiu uma lágrima descer pelo lado do rosto e fazer cócegas em sua orelha. Não valia a pena tratar de secá-la. Nem havia necessidade, pois que agora, atravessando o quarto, dele se aproximava Molly, Molly Lane! Acompanhada de um sujeito. Sua boquinha atrevida, os olhos grandes e negros, um novo penteado — o cabelo aparado curto —, tudo combinava. Que mulher maravilhosa!

“Molly!”, Clive conseguiu grasnar. “Desculpe, não posso levantar...”

“Coitadinho do Clive.”

“Estou tão cansado...”

Ela pôs a mão fria em sua testa. “Querido, você é um gênio. A sinfonia é pura mágica.”

“Você estava no ensaio? Não te vi.”

“Você estava muito ocupado e muito festejado para reparar em mim. Olhe, trouxe alguém para te encontrar.”

Clive havia conhecido a maioria dos amantes de Molly, mas não localizava aquele.

Com seu traquejo social, Molly se inclinou e murmurou no ouvido de Clive.

“Você já o encontrou antes. É Paul Lanark.”

“Claro que sim. Não reconheci por causa da barba.”

“Acontece, meu querido, que ele quer um autógrafo, mas é tímido demais para pedir.”

Clive estava decidido a fazer tudo que Molly quisesse e deixar Lanark à vontade.

“Não, não. Não me importo nem um pouco.”

“Fico muitíssimo agradecido”, disse Lanark, lhe oferecendo uma caneta e papel.

“Realmente, não precisa ficar encabulado de pedir.” Clive rabiscou seu nome.

“E aqui também, por favor, se não se importar.”

“Não há nenhum problema, nenhum mesmo.”

O esforço de escrever foi quase insuportável, e ele precisou se recostar. Molly se aproximou de novo.

“Querido, vou te fazer uma repreensãozinha, depois nunca mais falo nisso. Você sabe, eu realmente necessitava de sua ajuda aquele dia no Lake District.”

“Ah, meu Deus! Não vi que era você, Molly.”

“Você sempre pôs seu trabalho em primeiro lugar, e talvez esteja certo.”

“Sim. Não. Quer dizer, se soubesse que era você, eu ia mostrar uma ou duas coisinhas àquele sujeito de cara fina.”

“Claro que ia.” Ela pegou o pulso de Clive e iluminou seus olhos com uma lanterna. Que mulher!

“Meu braço está tão quente”, Clive murmurou.

“Coitado do Clive. É por isso que estou enrolando a manga da sua camisa, seu bobinho. Agora, Paul quer mostrar o que realmente pensa do seu trabalho lhe enfiando uma grande agulha no braço.”

O crítico musical fez exatamente aquilo, e doeu. Alguns elogios doíam. Mas uma coisa que Clive tinha aprendido ao longo da vida era como aceitar um cumprimento.

“Bom, muito obrigado”, ele disse em tom de falsete, quase chorando. “Muita bondade sua. Não costumo me vangloriar, mas, seja como for, fico satisfeito em saber que você gostou, muito obrigado mesmo...”

Visto da perspectiva do médico holandês e da enfermeira, o compositor ergueu a cabeça e, antes de cerrar os olhos, esboçou, mesmo deitado, a mais modesta das medidas.

## 5.

Pela primeira vez naquele dia Vernon estava sozinho. Seu plano era simples. Fechou sem ruído a porta que dava para fora do escritório, tirou os sapatos, desligou o telefone, varreu os papéis e livros de cima da escrivaninha — e se deitou sobre ela. Faltavam ainda cinco minutos para a reunião matinal e não havia nada de mau em tirar uma sonequinha. Já tinha feito isso antes — e era do interesse do jornal que ele estivesse em plena forma. Viu-se então como uma imponente estátua no vestíbulo da sede do *Judge*, uma grande figura reclinada esculpida de um só bloco de granito. Vernon Halliday, homem de ação, editor. Descansando. Mas só temporariamente, porque a reunião começaria em breve e — que merda! — já havia gente entrando na sala. Ele devia ter dito a Jean que os mantivesse do lado de fora. Adorava as histórias contadas nos *pubs*, na hora do almoço, sobre os editores de outrora: o grande V. T. Halliday, você sabe, aquele que ficou famoso com o Topetegate, costumava presidir as reuniões matinais *deitado em cima da escrivaninha*. Ninguém ousava dizer nada. *Descalço*. Agora são todos uns sujeitinhos insípidos, uns contadores metidos a besta. Ou mulheres vestindo calças pretas. Você quer um copo alto de gim-tônica? Naturalmente, foi V. T. quem bolou aquela primeira página famosa. Empurrou todo o material escrito para a segunda página e *deixou que a fotografia contasse a história*. Nessa época os jornais eram realmente importantes.

Vamos começar? Estavam todos lá. Frank Dibben e, de pé a seu lado — surpresa agradável —, Molly Lane. Como por uma questão de princípio Vernon não confundia sua vida pessoal com a profissional, se limitou a lhe fazer um aceno formal de cabeça. Mas era mesmo uma mulher bonita. Boa ideia aquela, a de pintar os cabelos de louro. E boa ideia dele contratá-la. Estritamente com base no brilhante trabalho que ela fizera para a *Vogue* de Paris. A grande M. L. Lane. *Nunca arrumou seu apartamento. Nunca lavou um prato*.



Sem nem mesmo apoiar a cabeça no cotovelo, Vernon começou com a autópsia. Sabe-se lá como um travesseiro aparecera sob sua cabeça. Isso agradaria os gramáticos. Tinha em mente um artigo escrito por Dibben.

“Já disse isso antes”, falou, “e vou dizer outra vez. Não se pode usar a palavra ‘panaceia’ com relação a uma única doença. Trata-se de um remédio para todos os males. Uma panaceia para o câncer não faz o menor sentido.”

Frank Dibben teve a petulância de questionar Vernon. “Pois eu não concordo”, disse o subeditor internacional. “O câncer pode assumir muitas formas. Uma panaceia para o câncer é um uso idiomático perfeitamente válido.”

Frank tinha a vantagem da altura, mas Vernon continuou espichado sobre a escrivaninha a fim de demonstrar que não se deixava intimidar.

“Não quero ver isso de novo em meu jornal”, disse calmamente.

“Mas essa não é a questão mais importante”, disse Frank. “Quero que você assine o ressarcimento das minhas despesas.” Tinha nas mãos uma folha de papel e uma caneta.

O grande F. S. Dibben. *Transformou suas despesas numa forma de arte.*

Era um pedido afrontoso. Durante a reunião! Em vez de se rebaixar discutindo aquela questão, Vernon continuou a comentar o mesmo artigo de Frank.

“Estamos em 1996, não em 1896. Se quiser dizer *negar*, não escreva *confutar*.”

Vernon ficou meio desapontado com o fato de Molly se aproximar agora para interceder a favor de Dibben. Mas era óbvio! Molly e Frank. Ele devia ter adivinhado. Ela estava puxando a manga da camisa de Vernon, usando o relacionamento pessoal com o editor a fim de promover os interesses de seu atual amante. Inclinou-se para sussurrar no ouvido de Vernon.

“Querido, isso lhe é devido. Precisamos do dinheiro. Vamos nos mudar para um lugarzinho delicioso na Rue de Seine...”

Ela era de fato uma bela mulher e ele nunca fora capaz de resistir a seus encantos, especialmente depois que o ensinara a assar

cogumelos selvagens.

“Está bem. Rapidamente. Precisamos continuar.”

“Em dois lugares”, disse Frank. “Em cima e embaixo.”

Vernon escreveu “V. T. Halliday, editor” duas vezes, e isso pareceu lhe tomar meia hora. Quando por fim terminou, continuou com suas observações. Molly estava enrolando a manga de sua camisa, mas seria outra perda de tempo perguntar por que ela fazia aquilo. Dibben também zanzava em volta da escrivãzinha. Naquele instante, Vernon não podia se preocupar com nenhum dos dois. Tinha coisas demais na cabeça. O coração disparou quando ele descobriu um estilo oracular mais elevado.

“Passando agora ao Oriente Médio. Este jornal é bem conhecido por sua linha pró-árabe. Entretanto, devemos nos mostrar destemidos na condenação das atrocidades praticadas pelos dois lados...”

Vernon nunca diria a ninguém que o braço doía terrivelmente e que ele estava começando a compreender, embora de forma tênue, onde realmente se encontrava, o que devia ter sido misturado com o champanhe e quem eram aqueles visitantes.

Mas interrompeu seu discurso e ficou em silêncio por algum tempo, murmurando por fim, em tom reverencial: “Ele me deu uma rasteira”.

## 6.

Naquela semana, o primeiro-ministro decidiu efetuar mudanças em sua equipe ministerial, tendo sido reconhecido por todos que, malgrado haver a opinião pública virado a favor de Garmony, as fotografias publicadas no *Judge* tinham sido fatais para ele. Num único dia o ex-ministro das Relações Internacionais descobriu, nos corredores da sede do partido e entre os deputados no Parlamento, que havia agora pouco apetite para seu desafio de novembro: em todo o país, uma maré emocional lhe concedera perdão, ou ao menos tolerância, mas os políticos não admitem tamanha vulnerabilidade num líder em potencial. Seu destino foi a própria obscuridade que o editor do *Judge* lhe havia desejado; por isso, Julian Garmony conseguiu chegar à *lounge VIP* do aeroporto, que ainda podia frequentar devido a seu recente cargo, sem ter de lidar com documentos oficiais ou se ver cercado de funcionários. Encontrou George Lane se servindo do uísque gratuito no bar.

“Ei, Julian. Toma um também, não?”

Os dois homens não se viam desde o funeral de Molly e trocaram um aperto de mão desconfiado. Garmony ouvira rumores de que tinha sido Lane quem vendera as fotografias; Lane não sabia o quanto Garmony sabia. Por outro lado, Garmony desconhecia a atitude de Lane com respeito a seu caso com Molly. Lane ignorava se Garmony tinha ideia do quanto o desprezava. Viajariam juntos para Amsterdam a fim de acompanhar os caixões de volta à Inglaterra, George como velho amigo da família Halliday e protetor de Vernon no *Judge*; Julian, a pedido do Linley Trust, como defensor de Clive no gabinete ministerial. Os curadores do Trust tinham a esperança de que a presença do ex-ministro poderia acelerar os trâmites que dificultam o transporte internacional de cadáveres.

Carregaram seus drinques através da *lounge* apinhada de gente — quase todo mundo agora era um *VIP* — até encontrarem um canto relativamente vazio perto da porta dos lavatórios.

“Aos falecidos.”

“A eles.”

Garmony refletiu por um momento, depois disse: "Olhe, já que estamos juntos nisso, é melhor pôr tudo em pratos limpos. Foi você que forneceu as fotografias?"

George Lane ergueu-se uns úteis três centímetros e respondeu num tom magoado: "Como homem de negócios, tenho dado apoio leal ao partido e contribuído para seu fundo. O que é que eu ia ganhar com isso? Halliday devia estar guardando as fotos, esperando pela hora certa".

"Ouvi dizer que houve um leilão pelos direitos autorais."

"Molly legou os direitos a Linley. Talvez ele tenha ganhado uns trocados. Eu não quis perguntar."

Garmony, bebericando o uísque, refletiu que o jornal iria necessariamente proteger suas fontes. Se Lane estava mentindo, fez isso bem. Se não estava, então que Linley e toda a sua obra fossem para o inferno.

Foram chamados para o voo. Ao descerem a escada para a limusine que os aguardava, George pousou a mão no braço de Julian e disse: "Sabe, acho que você se saiu bem pra cacete".

"É mesmo?" Sem fazê-lo de modo ostensivo, Garmony afastou o braço.

"Acho. A maioria dos homens se enforcaria por muito menos."

Uma hora e meia depois atravessaram as ruas de Amsterdam num carro do governo holandês.

Como não haviam se falado por um bom tempo, George disse em tom despreocupado: "Ouvi dizer que a *première* em Birmingham foi adiada".

"Na verdade, cancelada. Giulio Bo diz que é um fiasco. Metade da orquestra se recusa a tocar. Aparentemente, no final há um plágio vergonhoso da *Ode à alegria* de Beethoven, tirando ou pondo uma ou duas notas."

"Não surpreende que ele tenha se matado."

Os corpos vinham sendo mantidos num pequeno necrotério no subsolo da chefatura de polícia de Amsterdam. Enquanto Lane e ele eram conduzidos pelas escadas de concreto, Garmony se perguntou se haveria um local secreto igual àquele na Scotland Yard. Agora ele já não teria condições de saber. As identificações oficiais foram

feitas. O ex-ministro foi chamado de lado para conversar com os funcionários do Ministério do Interior holandês, permitindo que George contemplasse o rosto de seus velhos amigos. Eles tinham uma aparência surpreendentemente tranquila. Os lábios de Vernon estavam ligeiramente entreabertos, como se ele houvesse sido interrompido quando dizia algo interessante, enquanto Clive tinha o ar feliz de alguém afogado em aplausos.

Pouco depois ambos estavam sendo levados de volta pelo centro da cidade, cada qual imerso em seus pensamentos.

"Acabaram de me contar uma coisa bem interessante", disse Garmony após algum tempo. "A imprensa estava errada. Nós todos estávamos errados. Não foi suicídio duplo coisa nenhuma. Eles se envenenaram. Drogaram um ao outro sabe-se lá com quê. Foi um assassinato mútuo."

"Meu Deus!"

"Acontece que há uns médicos safados aqui, se valendo das leis de eutanásia até o limite. Em geral são pagos para eliminar parentes idosos."

"Engraçado", disse George, "acho que o *Judge* publicou um artigo sobre isso."

Voltou-se a fim de olhar pela janela. Estavam atravessando muito vagarosamente a Brouwersgracht. Uma rua tão agradável, tão ordeira. Na esquina, um elegante café, provavelmente vendendo drogas.

"Ah", ele por fim exclamou com um suspiro. "Os holandeses e suas leis razoáveis."

"Verdade", disse Garmony. "Quando se trata de ser razoável, eles batem todos os recordes."

Mais tarde, de volta à Inglaterra, tendo resolvido a questão dos caixões em Heathrow, passado pela alfândega e localizado seus respectivos motoristas, Garmony e Lane trocaram um aperto de mão e se afastaram, o primeiro para passar mais tempo com a família em Wiltshire, o segundo a fim de visitar Mandy Halliday.

George mandou que o carro parasse no fim da rua onde ela morava, para poder caminhar durante alguns minutos. Precisava planejar o que diria à viúva de Vernon. No entanto, enquanto

passava diante de amplas mansões vitorianas no lusco-fusco ameno e calmante, deixando para trás os sons dos primeiros cortadores de grama naquele início de primavera, descobriu que seus pensamentos inflectiam agradavelmente em outras direções: Garmony derrotado e lindamente amarrado, na entrevista coletiva, pelas negativas de sua mentirosa mulher acerca do caso com Molly; e agora Vernon fora do baralho, e mais Clive. No final das contas, as coisas não tinham corrido muito mal no *front* dos ex-amantes. Certamente aquele era um bom momento para pensar num serviço religioso em homenagem a Molly.

George chegou à casa dos Halliday e parou nos degraus da frente. Conhecia Mandy havia anos. Ótima figura. Era da pá virada. Talvez não fosse cedo demais para convidá-la a jantar.

Sim, um serviço religioso. Na St. Martin e não na St. James, ultimamente preferida por aquela gente crédula que lia o tipo de livros que ele publicava. Muito bem, St. Martin, e só ele falaria, ninguém mais. Nada de ex-amantes trocando olhares. Sorriu e, ao erguer a mão para tocar a campainha, sua mente já se concentrava com volúpia na fascinante tarefa de preparar a lista de convidados.

Copyright © 1998 by Ian McEwan

Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Amsterdam

*Capa*

Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

*Imagem de capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Renata Del Nero

Ana Luiza Couto

ISBN 978-85-8086-313-0

Todos os direitos desta edição reservados à  
editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)